

1 TIMÓTEO

ÍNDICE

1 TIMOTHY

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The First Letter to Timothy

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução às Cartas Paulinas****Introdução às Cartas Pastorais****Capítulo 1 Capítulo 3 Capítulo 5****Capítulo 2 Capítulo 4 Capítulo 6****PREFÁCIO A 1 TIMÓTEO, 2 TIMÓTEO, TITO E FILEMOM**

Devo começar este Prefácio como tive que fazê-lo com todos os desta série de livros, expressando minha sincera gratidão à Junta de Publicações da Igreja da Escócia por me permitir, em primeiro lugar, começar com esta série de estudos e logo continuar com elas. Faltam-me palavras para agradecer em especial ao Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., D.D., convocador da Junta, e ao Rev. A. McCosh, M.A., S.T.M., encarregado de publicações, por sua paciência e alento constantes.

Este volume tem como fim comentar a Primeira e Segunda Epístolas de Timóteo e a de Tito, que são conhecidas geralmente como *Epístolas Pastorais*, e a única carta pertencente à correspondência privada de Paulo que se encontrou, dirigida a Filemom.

As Epístolas Pastorais foram infelizmente menosprezadas pelos leitores comuns da Bíblia. Mas são de grande interesse, devido ao fato de que nenhuma outra Carta no Novo Testamento nos dá uma imagem tão vívida da Igreja em crescimento. Nelas vemos os problemas de uma Igreja que é uma pequena ilha de cristianismo num mar de paganismo; e também vemos, como em nenhum outro lugar, os primeiros começos de seu ministério. Estas Cartas são interessantes por si mesmas, e quanto mais as estudamos, mais atrativas são. Foram descritas como subapostólicas, falou-se delas como a segunda geração do cristianismo, ou até dizer que estão por debaixo do nível das Cartas escritas durante o

emocionante começo da Igreja. Mas o fato é que justamente por terem sido escritas quando a Igreja se estava convertendo numa instituição, falam-nos mais diretamente à nossa situação e condição.

As Epístolas Pastorais foram afortunadas em seus Comentários. Existem vários volumes de importância realizados sobre o texto em grego. O de Walter Lock em el *International Critical Commentary* é um monumento de erudição inteligente e sóbria. O escrito por Sir Robert Falconer é-o menos, mas muito iluminado e comprimido numa extensão menor. O recente Comentário de E. K. Simpson está escrito com energia e com um domínio do vocabulário grego helenista que lhe assegurará um lugar entre os grandes Comentários. O trabalho realizado por P. N. Harrison representa toda uma vida de dedicação, e nenhum é melhor se quer examinar a linguagem das Cartas. Com respeito ao texto em inglês não se pode desprezar o velho Comentário de A. E. Humphreys na Bíblia de Cambridge. O Comentário bastante recente de B. S. Easton é excelente, em especial no que respeita ao significado das palavras. O realizado por E. F. Brown no *Westminster Commentary* é um volume único. Tem-se dito sempre que as Epístolas Pastorais são as mais úteis para o missionário moderno, devido ao fato de que descrevem a mesma situação das Igrejas jovens de hoje. E. F. Brown foi por muitos anos missionário na Índia, e várias vezes refere-se a paralelos modernos muito interessantes e adaptados às situações das Pastorais. De todos este Comentários é o mais útil para o pregador. O volume escrito por E. F. Scott no *Moffatt Commentary* é muito útil.

Para mim as Epístolas Pastorais foram, ao menos até certo ponto, uma nova descoberta. Trabalhar nelas foi uma experiência absorvente; e oro para que este livro faça algo por reviver naqueles que o leiam os problemas e heroísmo da Igreja primitiva.

Como já dissemos, Filemom é a única Carta pessoal de Paulo que ficou. Apesar de ser uma Carta muito breve, foi bendita em seus Comentários. Quase sempre a incluí em Comentários com Cartas mais longas. No caso de J. B. Lightfoot, ele a incluí com Colossenses. No

International Critical Commentary está incluída com Filipenses, e é escrita por M. R. Vincent. No *Moffatt Commentary* está incluída com Colossenses e Efésios, e o comentarista é E. F. Scott. No Novo Testamento Grego de Cambridge está incluída com o comentário de C. F. D. Moule de Colossenses. Em todos os casos o encanto e beleza desta Carta obteve o melhor de seus comentaristas.

A obra de E. J. Goodspeed baseado em Filemom é de uma importância especial, e a pode encontrar em seu *Introducción al Nuevo Testamento*. Suas conclusões foram estudadas e seguidas pelo C. L. Mitten. Também é importante *Philemon among the Letters of Paul*, por John Knox.

Tão curta como é, não há nenhuma outra Carta no Novo Testamento que como Filemom nos leve tão perto do coração de Paulo.

É minha esperança que por meio do estudo destas Cartas possamos obter uma nova visão da Igreja e uma nova perspectiva da mente e o coração de Paulo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
maio de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro

tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação

dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. Logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem — três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho de Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente

Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS PASTORAIS

Cartas pessoais

1 e 2 Timóteo e Tito se consideraram sempre um grupo separado de Cartas, distintas das outras Epístolas de Paulo. A razão mais óbvia é que só elas, junto com a pequena Carta a Filemom, estão dirigidas a *pessoas*, enquanto que o resto das Cartas paulinas o estão a *Igrejas*. O Cânon Muratoriano, que foi a primeira preparada oficial dos livros do Novo Testamento, diz que foram escritas "como expressão do sentimento e afeto pessoal". São Cartas privadas mais que públicas.

Cartas eclesiásticas

Mas logo se começou a ver, que apesar de que à primeira vista são Cartas pessoais e privadas, têm um significado e uma importância que vão mais além da mera referência pessoal. Em 1 Timóteo 3:15 destaca-se o fim destas Cartas. São dirigidas a Timóteo para que "se eu tardar,

fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. Estas Cartas foram escritas para assinalar a conduta própria daqueles que vivem na casa de Deus. De modo que, então, compreendeu-se que estas Cartas não só têm um significado pessoal, mas também têm o que se poderia chamar um significado *eclesiástico*. Assim, pois, o Cânon Muratoriano diz referindo-se a elas, que apesar de serem Cartas pessoais, escritas com afeto pessoal, "são ainda consideradas com respeito pela Igreja Católica, e na confecção da disciplina eclesiástica". Tertuliano disse que Paulo escreveu: "Duas cartas a Timóteo e uma a Tito, com *respeito ao estado da Igreja (de ecclesiastico statu)*". Não nos surpreende então que o primeiro nome que se lhes desse fora o de *Cartas Pontifícias*. Este tipo de cartas estão escritas pelo *pontifex*, o sacerdote, aquele que controla a Igreja.

Cartas pastorais

Mas pouco a pouco começaram a adquirir o nome pelo qual ainda são conhecidas — *As Epístolas Pastorais*. São Tomás de Aquino em 1274, escrevendo a respeito de 1 Timóteo disse: "Esta carta é como se fosse uma *regra pastoral* que o Apóstolo deu a Timóteo." Em sua Introdução à segunda Carta, escreve: "Na primeira Carta dá a Timóteo instruções sobre o ordem eclesiástica; na segunda refere-se ao *cuidado pastoral* que deve ser tão grande para estar dispostos a aceitar o martírio pelo cuidado do rebanho. Mas esta designação realmente se afirmou a partir do ano 1726, quando um grande erudito chamado Paul Anton deu uma série de conferências famosas a respeito delas, as quais chamou Epístolas Pastorais.

Estas Cartas, pois, referem-se ao cuidado e organização da Igreja e do rebanho de Deus; dizem aos homens como devem comportar-se na comunidade de Deus; instrui-lhes a respeito de como administrá-la,

como devem ser os líderes e pastores, e como enfrentar as ameaças que põem em perigo a pureza da fé e a vida cristãs.

A Igreja em crescimento

O interesse principal destas Cartas está em que nelas achamos um quadro da Igreja nascente como em nenhum outro lugar. Nessa época a Igreja era uma ilha num mar de paganismo. As mais perigosas infecções a ameaçavam por todos os lados. Seus integrantes estavam a um passo de sua origem e antecedentes pagãos. Teria sido muito fácil para eles escorregar e reincidir no estilo de vida pagão do qual provinham. Uma atmosfera poluente os rodeava. Algo muito interessante e significativo é que os missionários nos dizem que de todas as Cartas as Epístolas Pastorais falam mais diretamente à situação das Igrejas jovens. A situação que se expõe nestas Cartas se revalida diariamente na Índia, na África e na China. Estas Cartas não podem perder nunca seu interesse porque nelas vemos, como em nenhum outro lugar, os problemas que continuamente acossam a Igreja em crescimento.

Antecedentes eclesiásticos das Pastorais

Mas desde o princípio estas Cartas apresentaram problemas para os estudiosos do Novo Testamento. Muitos têm sentido que, tal como estão, não podem proceder diretamente da mão e da pena de Paulo. Este sentimento não é novo e pode comprovar do fato que Marcion, quem, apesar de ser herege, e ser primeiro em fazer uma lista dos livros do Novo Testamento, não as incluiu entre as Cartas de Paulo. Vejamos o que é o que faz duvidar de que provenham diretamente da mão de Paulo.

Nestas Cartas nos confrontamos com a imagem de uma Igreja que conta com uma organização eclesiástica bastante desenvolvida. Há *anciãos* (1 Timóteo 5:1, 17-19; Tito 1:5-7); há *bispos*, ou superintendentes ou supervisores (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:7-16); há

diáconos (1 Timóteo 3:8-13). Lendo 1 Timóteo 5:17-18 nos inteiramos de que nessa época os presbíteros eram funcionários assalariados. Os anciãos que dirigiam bem deviam ser tidos em conta para lhes pagar um salário dobrado, como teria que traduzir-se, e se insiste a Igreja a lembrar que todo trabalhador merece seu pagamento. Vê-se ao menos o começo da ordem das viúvas que chegou a ser tão importante mais adiante na Igreja primitiva (1 Timóteo 5:2-16). Existe claramente dentro da Igreja uma estrutura bastante elaborada, que para alguns é muito para pertencer aos primeiros tempos em que Paulo viveu e trabalhou. Pareceria como se a Igreja tivesse dado os primeiros passos para chegar a ser a instituição altamente organizada que foi mais tarde e que é hoje.

O período dos credos

Até diz-se que nestas Cartas podemos ver o surgimento do período dos credos. A palavra *fé* mudou seu significado. Nos primeiros tempos, nas Cartas mais importantes de Paulo, fé sempre quis dizer *fé numa pessoa*; é a união pessoal mais íntima possível em amor, confiança, obediência com relação a Jesus Cristo. Mais tarde se converteu *em fé num credo*; chegou a ser a aceitação de certas doutrinas. Diz-se que nas Epístolas Pastorais podemos ver o surgimento desta mudança. Mais adiante virão homens que se separarão da fé e darão lugar às doutrinas de *demônios* (1 Timóteo 4:1).

Um bom servo de Jesus Cristo deve alimentar-se com as palavras da *fé e da boa doutrina* (1 Timóteo 4:6). Os hereges são homens de mentes corruptas réprobas quanto à *fé* (2 Timóteo 3:8). A tarefa de Tito é a de repreender os homens para que sejam *sãos na fé* (Tito 1:13). Isto se nota especialmente numa expressão que é peculiar às Pastorais. Timóteo vê-se obrigado a reter "o bom depósito que habita em nós" (2 Timóteo 1:14). A palavra *paratheke* que é utilizada nesta passagem significa *depósito*, no sentido de um depósito que se confiou a um banqueiro ou a alguém para que o guarde. É algo que, característica e essencialmente,

foi confiado e que deve ser devolvido ou entregue absolutamente inalterado. O que quer dizer que se acentua a *ortodoxia*. Em lugar de ser uma relação próxima e pessoal com Jesus Cristo, como o era nos emocionantes e vibrantes dias da Igreja primitiva, a fé se converteu na aceitação de um credo ortodoxo. Ainda se sustenta que nas Pastorais nos encontramos com os ecos e fragmentos dos credos mais primitivos:

“Deus foi manifestado em corpo,
Justificado no Espírito,
Visto pelos anjos,
Pregado entre as nações,
Crido no mundo,
Recebido na glória.”
(1 Timóteo 3:16, NVI).

Isto indubitavelmente parece um fragmento de um credo para ser recitado e repetido.

“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho” (2 Timóteo 2:8). Isto parece lembrar uma oração de um credo aceito.

Dentro das Pastorais indubitavelmente há indicações de que começaram os dias da insistência na ortodoxia e na aceitação de credos, e que começaram a murchar-se os dias da primeira emocionante descoberta pessoal de Cristo.

Uma heresia perigosa

É evidente que no primeiro plano da situação em que se escreveram as Pastorais havia uma perigosa heresia que estava ameaçando o bem-estar da Igreja cristã. Se podemos distinguir os distintos rasgos característicos dessa heresia, poderemos chegar a identificá-la.

Caracterizava-se por um *intelectualismo especulativo*. Questionava (1 Timóteo 1:4); os que estavam envolvidos deliravam a respeito de questões (1 Timóteo 6:4); tinha a ver com questões néscias e insensatas

(2 Timóteo 2:23); deviam-se evitar estas questões (Tito 3:9). A palavra que em todos os casos se usa para *questões* é *ekzetesis*, que significa *discussão especulativa*. Esta heresia era obviamente o campo dos jogos intelectuais, ou melhor dizendo, os pseudo-intelectuais da Igreja.

Outra característica era *a vaidade*. O herege é vaidoso, apesar de que na realidade não sabe nada (1 Timóteo 6:4). Existem indicações de que estes intelectuais se localizavam num plano acima dos cristãos comuns; na verdade, poderiam ter dito que a salvação total estava fora do alcance do homem comum e só aberta para eles. Há momentos em que as Epístolas Pastorais sublinham a palavra *todos* de uma maneira muito significativa. A graça de Deus, que traz salvação, manifestou-se a *todos* os homens (Tito 2:11). A vontade de Deus é que *todos* se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). Os intelectuais tratavam de que as maiores bênçãos do cristianismo fossem possessão exclusiva de uns poucos escolhidos; e, em contradição a essa exclusividade, a verdadeira fé dá ênfase ao amor de Deus que abrange tudo.

Dentro dessa heresia havia duas tendências opostas. Havia uma tendência ao *ascetismo*. Os hereges tentavam estabelecer leis especiais com respeito às comidas, esquecendo que tudo o que Deus criou é bom (1 Timóteo 4:4-5). Enumeravam muitas coisas que consideravam impuras, esquecendo-se de que para os puros todas as coisas são puras (Tito 1:15). Não é totalmente impossível que considerassem o sexo como algo sujo e que desprezassem o casamento, e até tentassem persuadir os que estavam casados a renunciarem a ele, porque em Tito 2:4 se afirma que os deveres singelos da vida conjugal estão vinculados ao cristão.

Mas também é evidente que esta heresia terminava na *imoralidade*. Os hereges até invadiam as casas e induziam a mulheres fracas e insensatas à concupiscência e aos desejos carnis (2 Timóteo 3:6). Caracterizavam-se pela luxúria (2 Timóteo 4:3). Professavam conhecer a Deus, mas eles próprios eram abomináveis (Tito 1:16). Estes hereges saíam para impor-se às pessoas, trabalhar para seu próprio proveito e

fazer dinheiro com seus falsos ensinamentos. Para eles, obter lucros tinha a ver com a piedade (1 Timóteo 6:5); e ensinavam e enganavam para conseguir um lucro sujo (Tito 1:11). Por um lado esta heresia dava lugar a um ascetismo que não era cristão e por outro, produzia uma imoralidade que tampouco o era.

Esta heresia estava caracterizada por *palavras, lendas e genealogias*. Estava cheia de conversas vãs e de argumentos inúteis (1 Timóteo 6:20). Produzia genealogias intermináveis (1 Timóteo 1:4; Tito 3:9). Também mitos e fábulas (1 Timóteo 1:4; Tito 1:14).

Em alguns aspectos e até certo ponto estava vinculada com o *legalismo judeu*. Entre seus devotos estavam os que pertenciam à circuncisão (Tito 1:10). A finalidade dos hereges era o ser mestre da Lei (1 Timóteo 1:7). Inculcavam às pessoas fábulas judias e mandamentos de homens (Tito 1:14).

Finalmente, estes hereges negavam *a ressurreição do corpo*. Diziam que qualquer ressurreição que o homem fosse experimentar já tinha sido efetuada com antecedência (2 Timóteo 2:18). Esta provavelmente seja uma referência aos que sustentavam que não existia a ressurreição do corpo, e que o cristão experimentava uma ressurreição espiritual na experiência do batismo, quando morria com Cristo e ressuscitava novamente com Ele (Romanos 6:4).

Os primórdios do gnosticismo

Existe então alguma heresia que abranja todo este material? Sim, e seu nome foi *gnosticismo*. Seu pensamento básico é que tudo é essencialmente mau e que só o espírito é bom. Esta crença tinha diversas conseqüências.

O gnóstico cria que a matéria é tão eterna como Deus; e que quando Deus criou o mundo, teve que utilizar essa matéria essencialmente má. Isto teve conseqüências muito importantes para o pensamento. Significava que para eles Deus não era nem podia ser o criador direto do

mundo. Para tocar essa matéria imperfeita tinha enviado uma série de emanções — que chamavam éons — cada vez mais afastadas do, até que no final obteve uma emanção ou éon tão distante que pôde manipular a matéria e criar o mundo. De modo que entre Deus e o homem se estendia uma escada e uma série de emanções. Cada uma delas tinha seu nome e sua genealogia. Assim, pois, o gnosticismo contava literalmente com intermináveis fábulas e genealogias. Se o homem queria chegar alguma vez a Deus tinha que subir por essa escada de emanções; e para obtê-lo necessitava um conhecimento especial que incluía toda classe de contra-senhas para poder passar cada degrau. Só uma pessoa de alto calibre intelectual podia ter esperança de adquirir esse conhecimento, conhecer as contra-senhas e chegar dessa maneira a Deus. A pessoa comum nunca podia escalar mais além dos degraus mais baixos do caminho em direção a Deus. Estava atada à Terra, e só o intelectual podia dominar essas especulações e adquirir o conhecimento e chegar a Deus.

O que é pior, se a matéria era má em sua totalidade, então o corpo também o era. Disso surgem duas possíveis conseqüências opostas. Ou o corpo deve ser combatido, submetido, desprezado, tido em menos, o que resultava num ascetismo rigoroso, no qual se eliminavam dentro do possível todas as necessidades corporais, e se destruíam no possível todos os instintos, em especial o instinto sexual; ou, se o corpo for totalmente mau, podia-se sustentar que não importava o que se fizesse com ele; portanto seus instintos, desejos e luxúria podiam fartar-se e saciar-se e libertar-se, porque o corpo não tinha importância. O gnóstico portanto, convertia-se ou num asceta, ou num homem para quem a moral deixava de ter significação.

E mais ainda, se o corpo for mau, então evidentemente não pode haver tal coisa como a ressurreição do corpo. Os gnósticos esperavam a destruição do corpo e não sua ressurreição.

É evidente que isto encaixa acertadamente na situação das Epístolas Pastorais. No gnosticismo vemos o intelectualismo, a soberba intelectual,

as fábulas e as genealogias, o ascetismo e a imoralidade, a negativa de contemplar a possibilidade de uma ressurreição corporal, que são todos elementos da heresia contra a qual foram escritas as Epístolas Pastorais.

Falta localizar um só elemento desta heresia: o judaísmo e o legalismo de que falam estas Cartas. Mas isso também encontrou seu lugar. Algumas vezes o gnosticismo e o judaísmo davam-se as mãos, e conformavam o que se poderia chamar uma aliança profana. Já assinalamos que os gnósticos insistiam em que para ascender a escada até Deus era preciso um conhecimento muito especial; e que alguns deles sustentavam que para levar uma boa vida era essencial um ascetismo estrito. Alguns judeus proclamavam que precisamente a Lei judia e suas normas sobre os mantimentos proviam esse conhecimento especial e esse necessário ascetismo; de modo que houve momentos em que o judaísmo e o gnosticismo iam de mãos dadas.

É evidente que a heresia que está no pano de fundo das Epístolas Pastorais é o gnosticismo. E há alguns que utilizaram este mesmo fato para tentar provar que Paulo não pôde havê-las escrito, porque, dizem, o gnosticismo não apareceu até muito mais tarde. É bem verdade que os grandes sistemas formais desta crença, conectados com nomes como Valentin e Basilides, não surgiram até o século II; mas estas grandes figuras só sistematizaram o que já existia. As idéias básicas estavam na atmosfera que rodeava a Igreja primitiva, já nos dias de Paulo. É fácil ver seu atrativo, e também é fácil ver que, se tivessem tido a oportunidade de florescer e desenvolver-se sem vigilância, poderiam ter transformado o cristianismo numa filosofia especulativa e destroçado a religião cristã. É fácil ver que ao enfrentar o gnosticismo a Igreja estava enfrentando um dos maiores perigos que ameaçaram a fé cristã.

A linguagem das Pastorais

Mas o argumento mais poderoso contra a origem paulina, vindo direto das Pastorais, é um fato que aparece muito claro na versão grega,

mas não nas traduções. O número total de palavras nelas é de 902, das quais 54 são nomes próprios; e destas 902 palavras não menos de 306 nunca aparecem em outras Cartas de Paulo. Isto seria 36 por cento, ou seja que mais de um terço de seu vocabulário está totalmente ausente do que aparece nas outras Cartas de Paulo. O que é pior, 175 palavras destas Epístolas não aparecem em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Por outro lado, é justo dizer que nas Epístolas Pastorais há 50 palavras que aparecem nas outras Cartas de Paulo, mas em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Além disso, é certo que quando as outras Cartas de Paulo e as Pastorais dizem a mesma coisa o fazem de diferente maneira, utilizando palavras e expressões distintas para expressar a mesma idéia.

Também muitas das palavras favoritas de Paulo estão ausentes por completo das Pastorais. A palavra *stauros* (cruz) e *stauroun* (crucificar) aparecem 27 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Eleutheria* e as palavras afins que têm que ver com *liberdade* aparecem 29 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Huios*, que significa *filho*, e *huiiothesia*, que significa *adoção*, aparecem 46 vezes nas outras Cartas e nunca nestas.

Mais ainda, o grego é um idioma que tem muitas pequenas palavras chamadas *partículas* e *enclíticas*. Algumas vezes indicam um tom de voz. Todas as orações gregas estão unidas à oração que as precede, e estas pequenas palavras intraduzíveis são as uniões. Dessas partículas, enclíticos, preposições e pronomes, aparecem 112 nas outras Cartas de Paulo, que as utiliza um total de 932 vezes, mas não aparecem nunca nas Pastorais.

Claramente aqui há algo que deve ser explicado. Devido à força do vocabulário e ao estilo, encontramos difícil crer que Paulo escreveu as Epístolas Pastorais no mesmo sentido em que escreveu suas outras Cartas.

A atividade de Paulo nas Pastorais

Mas talvez a dificuldade mais óbvia é que estas Cartas mostram a Paulo ocupado em atividades que não têm capacidade em sua vida tal como a conhecemos através do livro dos Atos. Claramente conduziu uma missão a Creta (Tito 1:5). E se propõe passar um inverno em Nicópolis que está no Epiro (Tito 3:12). É claro que na vida de Paulo tal como a conhecemos não há capacidade para esta missão e este inverno. Mas bem pode ser que justamente aqui tenhamos tropeçado com a solução do problema.

Libertou-se a Paulo de seu encarceramento em Roma?

Façamos uma pausa para resumir. Vimos que a organização da Igreja nas Pastorais é mais elaborada que em qualquer outra das Cartas de Paulo. Vimos que a ênfase na ortodoxia e em guardar o que se nos deu em custódia pareceria pertencer a uma segunda ou terceira geração de cristãos, quando a emoção da nova descoberta está desaparecendo, e quando a Igreja está a caminho de transformar-se numa instituição. Vemos que Paulo é descrito levando a cabo missões que não têm capacidade no esquema de sua vida que conhecemos através de *Atos*. Mas o estranho a respeito deste último livro é que deixa nas trevas tudo o que aconteceu a Paulo em Roma. Termina dizendo que Paulo viveu por dois anos numa espécie de semi-cativeiro pregando o evangelho abertamente e sem impedimento (Atos 28:30-31). Mas *Atos* não nos diz como terminou seu cativeiro, se terminou com a soltura de Paulo ou se foi condenado e executado. É certo que a crença geral é que terminou com sua morte, mas existe uma corrente de tradição, que não se pode desprezar, que nos diz que terminou com sua libertação que durou por dois ou três anos mais, voltando a ser encarcerado e executado finalmente em torno do ano 67 d.C.

Consideremos esta questão, porque é de grande interesse. Não poderemos chegar a uma resposta segura, mas ao menos podemos investigar — ainda que fiquemos com a incógnita.

Em primeiro lugar, é evidente que quando Paulo estava detento em Roma não considerava impossível sua soltura; em realidade pareceria como se a esperasse. Quando escreve aos filipenses do cárcere, diz-lhes que nesse momento envia a Timóteo, e logo continua: “E estou persuadido no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei” (Filipenses 2:24). Quando escreveu a Filemom, enviando de volta o Onésimo, diz: “E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído” (Filemom 22). Claramente Paulo estava preparado para ser libertado, quer o tenha sido quer não.

Em segundo lugar, lembremos um plano que Paulo tinha muito perto de seu coração. Antes de ir a Jerusalém na viagem em que foi detido, escreveu à Igreja de Roma, e nessa Carta estava planejando uma visita a Espanha. Escreve: “Quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco...”, “...passando por vós, irei à Espanha” (Romanos 15:24,28). Nesse momento projetava visitar a Espanha e de passagem ir a Roma. Realizou alguma vez esta visita?

Clemente de Roma, quando escreveu à Igreja de Corinto em cerca do ano 90 d.C, disse que Paulo tinha pregado o evangelho no Este e no Oeste; que tinha instruído a todo mundo (o Império romano) na verdade; e que foi à extremidade (*terma*, o término) do Ocidente antes de seu martírio. O que quis dizer Clemente ao referir-se à *extremidade do Ocidente*? *Clemente escrevia de Roma*, e para qualquer pessoa nessa cidade a *extremidade do Ocidente* não podia ser mais que a Espanha. Certamente parece que Clemente cria que Paulo tinha chegado a Espanha.

O maior de todos os historiadores primitivos da Igreja foi Eusébio. Em seu relato da vida de Paulo escreve: "Lucas, que escreveu os Atos dos Apóstolos, terminou sua história dizendo que Paulo viveu dois anos

completos em Roma como prisioneiro, e que pregou a palavra de Deus sem impedimentos. Então, depois de ter feito sua defesa, diz-se que o apóstolo saiu mais uma vez em seu ministério da pregação, e que ao voltar para a mesma cidade pela segunda vez, sofreu o martírio" (Eusébio, *História Eclesiástica* 2,22.2). Não diz nada a respeito da Espanha, mas conhece a história dá que Paulo tinha sido libertado de seu primeiro encarceramento em Roma.

O Cânon Muratoriano, a primeira lista dos Livros do Novo Testamento, descreve o plano de Lucas ao escrever os Atos: "Lucas relatou o Teófilo fatos dos quais ele foi testemunha ocular, como também, num lugar à parte, evidentemente declara o martírio de Pedro (provavelmente se refira a Lucas 22:31-33); mas omite a viagem de Paulo de Roma a Espanha." Evidentemente o Cânon Muratoriano conhecia esta viagem do apóstolo.

No século V dois dos grandes pais do cristianismo afirmam a existência da viagem de Paulo a Espanha. Crisóstomo em seu sermão sobre 2 Timóteo 4:20 diz: "São Paulo depois de sua estada em Roma partiu rumo a Espanha." São Jerônimo em seu *Catálogo de escritores* diz que Paulo "foi despedido por Nero para que pregasse o evangelho de Cristo no Ocidente".

Sem dúvida alguma existe uma corrente da tradição que sustenta que Paulo viajou a Espanha.

Este é um assunto sobre o qual teremos que tomar nossa própria decisão. O que nos faz duvidar da historicidade da viagem de Paulo a Espanha é que nesse país não há nem existiu nunca, tradição alguma de que Paulo trabalhasse, e pregasse ali; não existem histórias a respeito dele, nem lugares que tenham que ver com o seu nome. Seria realmente estranho que se tivesse apagado totalmente a lembrança dessa visita. Bem pode ter sido que toda a história a respeito da soltura e da viagem de Paulo ao ocidente surgisse simplesmente como uma dedução da intenção expressa por Paulo de visitar a Espanha em Romanos 15. Em termos gerais pode-se afirmar que a maioria dos estudiosos do Novo

Testamento não pensam que Paulo tenha sido liberto da prisão; o consenso geral opina que a única coisa que livrou a Paulo do cárcere foi a morte.

Paulo e as Epístolas Pastorais

O que podemos dizer então a respeito da conexão de Paulo com estas Cartas? Se podemos aceitar a tradição da libertação de Paulo, e seu retorno à pregação e ao ensino, e de sua morte ao redor do ano 67 d.C., então poderemos crer que as Cartas tal como são provêm de sua mão. Mas, se não cremos nisso — e as evidências são em quase sua totalidade contrárias — diremos então que as Epístolas Pastorais não têm nada que ver com Paulo? Devemos lembrar que o mundo antigo não pensava nestas coisas da mesma maneira que nós. Não veria nada de mal em que se enviasse uma carta utilizando o nome de um grande mestre, se estava seguro de que a carta dizia as mesmas coisas que esse mestre teria dito sob as circunstâncias contemporâneas. Era algo natural e possível que um discípulo escrevesse no nome de seu mestre. Ninguém, nem no mundo nem dentro da Igreja, teria visto mal que diante de uma nova e ameaçadora situação um discípulo de Paulo a enfrentasse escrevendo em seu nome. Pensar que é algo falsificado é não compreender absolutamente a mentalidade do mundo antigo. Acaso vamos, então, ir completamente ao outro extremo e dizer que algum discípulo de Paulo enviou esta Carta em seu nome muitos anos depois de sua morte, e num momento em que a Igreja estava muito mais organizada que durante a vida de Paulo?

A nosso entender, isso é precisamente o que não podemos dizer. É bastante incrível que um discípulo pusesse na boca de Paulo a afirmação de ser o primeiro dos pecadores (1 Timóteo 1:15). A tendência de um discípulo seria dar ênfase à santidade de Paulo, e não falar a respeito de seus pecados. Também é bastante incrível que qualquer que escrevesse no nome de Paulo desse a Timóteo o conselho simples e cotidiano de

beber um pouco de vinho por causa de sua saúde (1 Timóteo 5:23). O texto de 2 Timóteo 4 é tão pessoal e tão cheio de detalhes íntimos e carinhosos, que ninguém a não ser Paulo pôde havê-lo escrito.

Onde está a solução então? Bem pode ter sucedido algo como o seguinte. É óbvio que muitas das Cartas de Paulo se perderam. Evidentemente, além de suas importantes Cartas públicas, Paulo deve ter tido uma contínua correspondência privada e dela só possuímos uma Carta, a pequena Epístola a Filemom. Só ela escapou à destruição que é o destino de toda correspondência privada. Agora, pode ter acontecido que em tempos posteriores alguns fragmentos da correspondência de Paulo estivesse em mãos de algum mestre cristão. Este viu que a Igreja de seus dias e de sua localidade de Éfeso estava ameaçada por todos os lados. Havia heresias tanto dentro como fora dela. Ameaçava-a a queda de seu alto nível de pureza e verdade. Estava-se degenerando a qualidade de seus membros e de seus funcionários. Este mestre tinha em sua posse pequenas Cartas de Paulo que diziam exatamente as coisas que deviam ser ditas, mas, tal como estavam, eram muito breves e fragmentárias para ser publicadas. De modo que tomou e amplificou, dando-lhes uma significação suprema para sua própria situação e as enviou à Igreja.

Nas Epístolas Pastorais ainda estamos ouvindo a voz de Paulo, e muitas vezes a ouvimos falar com uma intimidade pessoal única, mas pensamos que a forma das Cartas deve-se a um mestre cristão que evocou a ajuda e o espírito de Paulo quando a Igreja de seus dias necessitava a guia que só Paulo poderia ter-lhe dado.

1 Timóteo 1

O mandato divino - 1:1-2

A esperança do mundo - 1:1-2 (cont.)

Timóteo, meu filho - 1:1-2 (cont.)

Graça, misericórdia e paz - 1:1-2 (cont.)

Erro e heresia - 1:3-7

As especulações dos gregos - 1:3-7 (cont.)

- A “ética” da heresia - 1:3-7 (cont.)
- A mentalidade do herege - 1:3-7 (cont.)
- A mentalidade do pensador cristão - 1:3-7 (cont.)
- Os que não precisam de lei - 1:8-11
- Os que são condenados pela lei - 1:8-11 (cont.)
- As palavras purificadoras - 1:8-11 (cont.)
- Salvos para servir - 1:12-17
- Os instrumentos de conversão - 1:12-17 (cont.)
- A vergonha que não se pode esquecer
e a inspiração que não morre - 1:12-17 (cont.)
- O mandato que não se pode negar - 1:18-20
- Enviado ao combate de Deus - 1:18-20 (cont.)
- Uma repreensão severa - 1:18-20 (cont.)

O MANDATO DIVINO

1 Timóteo 1:1-2

Nenhum outro homem exaltou sua tarefa como Paulo. Não o fazia por orgulho, mas sim maravilhado porque Deus o tinha eleito para um trabalho como esse. Na saudação com que dá começo esta Carta menciona duas vezes a grandeza de seu privilégio.

(1) Em primeiro lugar, chama-se *apóstolo de Jesus Cristo*. A palavra *apóstolo* em grego é *apostolos*, que provém do verbo *apostellein* que significa *enviar*. Um *apostolos* era uma *pessoa enviada*. Já na época de Heródoto *aposto-os* significava *enviado, embaixador*, alguém que é enviado para representar o seu país e o seu rei. Paulo sempre se considerou como um mensageiro e um embaixador de Cristo. E, na verdade, esse deve ser o ministério de todo cristão. A primeira tarefa de todo embaixador é formar laços entre seu país e a nação a qual é enviado. Age como vínculo de união. E a primeira tarefa de todo cristão deve ser agir como vínculo de união entre seus semelhantes e Jesus Cristo.

(2) Em segundo lugar, diz que é um apóstolo *por mandato de Jesus Cristo*. A palavra grega que utiliza é *epitagen*, que significa a série de preceitos e obrigações que fazem pesar sobre o homem certas leis invioláveis; o mandato real que recebe do monarca; e acima de tudo as instruções que recebe um homem diretamente de Deus ou por meio de um oráculo. Por exemplo, uma pessoa numa inscrição dedica um altar à deusa Cibele *kat epitagen* de acordo com o ordenado, por ela, que, conforme diz lhe fora dado a conhecer num sonho. Paulo considerava-se um homem que tinha uma missão real a cumprir. Deus, por meio de seu mandato, tinha-lhe encarregado sua tarefa. Se um homem pode chegar a ter consciência de ser um enviado de Deus, um novo esplendor e uma nova magnificência penetram em sua vida. Por muito humilde que seja seu papel, está nada menos que a serviço divino.

Sempre é um privilégio realizar as coisas mais humildes e servis para alguém a quem amamos, respeitamos e admiramos, para alguém a quem consideramos um herói. Um cristão pode fazer isto durante toda sua vida, devido ao fato de que sempre tem parte nos assuntos do Rei.

Logo Paulo continua outorgando a Deus e a Jesus dois qualificativos grandiosos.

Fala de Deus, *nosso Salvador*. É uma nova forma de falar. Não encontramos este qualificativo em nenhuma das outras Cartas de Paulo. Tem dois antecedentes dos quais provém.

(a) Um deles é o Antigo Testamento. Ao acusar Moisés a Israel diz que ele “abandonou a Deus, que o fez, desprezou a *Rocha da sua salvação*” (Deuteronômio 32:15). O salmista canta que o homem reto receberá justiça *do Deus da sua salvação* (Salmo 24:5). É o canto de Maria: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, *meu Salvador*” (Lucas 1:46-47). Quando Paulo chamou a Deus *Salvador* estava referindo-se a uma idéia que tinha sido sempre muito querida por Israel.

(b) Outro antecedente é pagão. Ocorria que justamente neste momento o título *Soter*, Salvador, costumava ser muito usado. Os

homens o tinham utilizado sempre. Antigamente os romanos chamaram o Escipión, seu grande general, "nossa esperança e nossa salvação". Mas neste momento era o título com o qual os gregos referiam-se a Esculápio, o deus da cura. Chamavam-no Esculápio, o Salvador. E era um dos títulos com que Nero, o imperador romano, se fazia chamar. Dizia ser o governante e o Salvador do mundo. De modo que na oração que inicia esta Carta Paulo está tomando um título que estava em lábios de um mundo que buscava e desejava, e o outorga à única Pessoa a quem pertencia por direito.

Nunca devemos esquecer que Paulo chamou a Deus Salvador. É possível que tenhamos uma idéia equivocada da expiação e do que Jesus fez. Alguns falam da expiação de uma maneira que pareceria indicar que algo que fez Jesus aplacou a ira de Deus. Fazem-nos pensar num Deus irado, vingativo em contraposição a um Jesus doce e amante. A idéia que dão é que a ira de Deus se inclinava por nossa destruição e que de algum modo Jesus a converteu em amor. Em nenhuma parte do Novo Testamento se sustentam estas idéias. Justamente foi *porque Deus amou ao mundo de tal maneira* que enviou a Jesus a ele (João 3:16). Deus é o Salvador. Atrás de todo o processo está o amor de Deus. Nunca devemos pensar, nem pregar, nem ensinar a respeito de um Deus que teve que ser aplacado e persuadido a nos amar, porque tudo começa com o amor de Deus.

A ESPERANÇA DO MUNDO

1 Timóteo 1:1-2 (continuação)

Paulo utiliza aqui um qualificativo que chegaria a converter-se em um dos grandes qualificativos de Jesus Cristo: "esperança nossa". Faz muito tempo o salmista se perguntou: "Por que estás abatida, ó minha alma?" E ele mesmo tinha respondido: "Espera em Deus" (Salmo 43:5). Paulo mesmo fala de: "Cristo em vós, a esperança da glória" (Colossenses 1:27). João refere-se à perspectiva deslumbrante que

confronta o cristão, a de ser como Cristo; e logo continua dizendo: "E todo aquele que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo" (1 João 3:2-3).

Na Igreja primitiva este ia ser um dos qualificativos mais apreciados de Cristo. Inácio de Antioquia, quando ia a caminho para ser executado em Roma, escreve à Igreja de Éfeso: "Saúdo-vos em Deus Pai e em Jesus Cristo nossa comum esperança" (Inácio, *Aos Efésios* 21:2). Policarpo escreve: "Portanto perseveramos em nossa esperança e no penhor de nossa justiça que é Jesus Cristo" (Epístola de Policarpo 8). Os homens viram sua esperança em Jesus Cristo.

(1) Os homens encontraram em Cristo *a esperança de sua vitória moral e de sua própria conquista*. O mundo antigo conhecia seu pecado; estava consciente de sua degradação moral.

Epicteto tinha falado ansiosamente a respeito de "nossa fraqueza nas coisas necessárias". Sêneca havia dito que "odiamos e amamos nossos vícios ao mesmo tempo. Não permanecemos fiéis a nossas boas idéias com a suficiente coragem; apesar de nossa vontade e resistência perdemos a inocência. Não nos equivocamos somente, mas sim o faremos até o final." Pérsio, o poeta romano, escreveu mordazmente: "Deixem que o culpado veja a virtude, e desejem o que perderam para sempre." O mundo antigo conhecia muito bem esta fraqueza moral; e Cristo veio, não só para dizer aos homens o que era correto, mas também para dar-lhes o poder para que o fizessem. Veio não só com uma mensagem de retidão, mas com o dom do poder para conquistar o pecado. Cristo deu a esperança da vitória moral em lugar de uma derrota moral, aos homens que a tinham perdido.

(2) Os homens encontraram em Cristo *a esperança da vitória sobre as circunstâncias*. O cristianismo chegou ao mundo numa era de grande insegurança pessoal.

Quando Tácito, o historiador romano, chegou a escrever a história da era na qual tinha começado a existir a Igreja cristã, começou dizendo:

"Começo a narrar a história de um período rico em desastres, sombrio por suas guerras, esmigalhado pela rebelião; sem dúvida, selvagem até nos momentos de paz. Quatro imperadores morreram sob a espada; houve três guerras civis; combateram-se mais contra nações estrangeiras, e algumas tiveram características de ambas ao mesmo tempo... Roma foi consumida por incêndio; queimaram-se seus templos mais antigos; o próprio capitólio ficou em chamas devido à ação de mãos romanas; profanaram-se ritos sagrados; houve adultério nos altos cargos; o mar se encheu de exilados; as rochas das ilhas se empaparam em sangue; entretanto, o delírio era ainda mais selvagem em Roma; a nobreza, a riqueza, rechaçar um posto, aceitá-lo, tudo era um delito e a virtude o caminho mais seguro para a ruína. Os prêmios dos delatores não eram menos odiosos que suas tarefas. Um achava seu benefício num sacerdócio ou num consulado; outro no assumir o governo de uma província, ou o trono. Tudo era um delírio de ódio e terror; subornava-se os escravos para que traíssem a seus amos, aos libertos para que fizessem isso com seus ex-amos, e aquele que não tinha inimigos era traído por seu amigo" I (Tácito, *Historia I, II.*)

Como disse Gilbert Murray, toda a era estava sofrendo de "a falha da dignidade". Os homens desejavam algo que os defendesse do "caos do mundo que avançava". Cristo deu aos homens nesses momentos as forças para viver e a coragem para morrer se fosse necessário. Com a segurança de que nada no mundo podia separá-los do amor de Deus em Cristo Jesus, os homens sabiam que podiam conquistar as circunstâncias que os terrores dessa era demandavam deles.

(3) Os homens encontraram em Cristo a esperança da *vitória sobre a morte*. Encontraram a segurança de que havia algo mais que uma vida torturada e depois dela a extinção. Encontraram a segurança de que a vida dirigia-se para com uma meta. Encontraram em Cristo num mesmo momento força para as coisas mortais e a esperança imortal. Cristo, nossa esperança, foi — e ainda deveria ser — o grito de batalha da igreja.

TIMÓTEO, MEU FILHO**1 Timóteo 1:1-2 (continuação)**

Esta Carta foi enviada a Timóteo, e Paulo nunca pôde falar de Timóteo sem um estremecimento de carinho em sua voz.

Timóteo era oriundo de Listra na província de Galácia. Era uma colônia romana; chamava-se a si mesmo "a muito brilhante colônia da Listra", mas em realidade tratava-se de um pequeno lugar nos limites do mundo civilizado. Sua importância devia-se a que nela estava aquartelada uma guarnição romana para controlar as tribos selvagens das montanhas próximas da Isauria. Paulo e Barnabé chegaram a Listra em sua primeira viagem missionária (Atos 14:8-21). Nesta oportunidade não se menciona a Timóteo; mas sugeriu-se que estando em Listra, Paulo se alojou em sua casa, devido ao fato de que conhecia bem a fé e a devoção da mãe de Timóteo, Eunice, e de sua avó Lóide (2 Timóteo 1:5). Durante essa primeira visita Timóteo deve ter sido muito jovem, mas a fé cristã o conquistou, e Paulo se converteu em seu herói. A vida começou para Timóteo durante a visita de Paulo a Listra na segunda viagem missionária (Atos 16:1-3). Jovem como era, Timóteo se tinha convertido no orgulho da Igreja cristã da Listra. Havia tanto encanto e entusiasmo no juvenzinho que todos falavam muito bem dele. Para Paulo, Timóteo reunia as condições para ser seu ajudante e assistente. Talvez já nesse momento, Paulo sonhava com que esse juvenzinho fosse a pessoa a quem ensinar, moldar e preparar para que seguisse a sua tarefa quando acabassem seus dias. Timóteo era filho de um casal misto; sua mãe era judia, e seu pai grego (Atos 16:1). De modo que Paulo fez com que se circuncidasse. Isto não quer dizer que Paulo fosse um escravo da Lei, nem que visse na circuncisão uma virtude especial; mas sabia muito bem que se Timóteo ia trabalhar entre judeus, haveria um preconceito inicial contra ele se não estivesse circuncidado; de modo que tomou esta decisão só como uma medida prática por meio da qual a utilidade de Timóteo como evangelista seria acrescentada.

Desse momento em diante Timóteo foi o acompanhante constante de Paulo. Ficou em Beréia junto com Silas quando Paulo fez sua rápida viagem a Atenas, e mais tarde se reuniu com Paulo ali (Atos 17:14-15). Também esteve em Corinto (Atos 18:5). Foi enviado como emissário de Paulo a Macedônia (Atos 19:22). Estava ali quando se levou a coleta das Igrejas a Jerusalém (Atos 20:4). Estava com Paulo em Corinto quando este escreveu sua Carta a Roma (Romanos 16:21). Foi o emissário de Paulo a Corinto quando havia problemas na Igreja ingovernável (1 Coríntios 4:17; 16:10). Estava com Paulo quando este escreveu 2 Coríntios (2 Coríntios 1:1,19). Paulo enviou a Timóteo para que visse como andavam as coisas em Tessalônica e estava com Paulo quando este escreveu sua Carta a esta Igreja (1 Tessalonicenses 1:1; 3:2,6). Esteve com Paulo na prisão quando ele escreveu aos filipenses, e Paulo estava planejando enviá-lo a Filipos como seu representante (Filip. 1:1; 2:19). Acompanhava a Paulo quando este escreveu à igreja de Colossos e a Filemom (Colossenses 1:1; Filemom 1:1). Timóteo acompanhou a Paulo constantemente, e quando o apóstolo tinha uma tarefa difícil para fazer, Timóteo era o homem que enviava para concretizá-la.

Várias vezes a voz de Paulo vibra com amor e afeto quando fala de Timóteo. Ao enviá-lo à tristemente dividida Igreja de Corinto, escreve: “Por esta causa, vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor” (1 Coríntios 4:17). Quando está projetando enviá-lo a Filipos, escreve: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento... pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai” (Filipenses 2:20, 22). Nesta passagem Paulo chama timóteo "seu verdadeiro filho". A palavra que utiliza para dizer *verdadeiro* é *gnesios*. Esta palavra tem dois significados. Utilizava-se normalmente para referir-se a um filho *legítimo* em contraposição a um ilegítimo. Significava *genuíno*, *verdadeiro* em oposição a falso ou irreal.

Timóteo era um homem no qual Paulo podia confiar. Era o homem que podia enviar a qualquer parte, sabendo que iria. Sem dúvida alguma, feliz é o líder que possui um lugar-tenente como este. Timóteo é nosso

exemplo de como deveríamos servir na fé. Cristo necessita servos como Timóteo, e a Igreja de Cristo também.

GRAÇA, MISERICÓRDIA E PAZ

1 Timóteo 1:1-2 (continuação)

Paulo sempre começa suas Cartas com uma bênção (Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 2:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:2; Colossenses 1:2; 1 Tess. 1:1; 2 Tess. 1:2; Filemom 3). Mas em todas estas Cartas só se utilizam duas destas palavras: *graça e paz*. Só nas Cartas a Timóteo e a Tito aparece esta terceira palavra *misericórdia* (2 Timóteo 1:2; Tito 1:4). Consideremos estas três grandes palavras.

(1) Na palavra *graça* houve sempre três idéias dominantes.

(a) Para os gregos clássicos significa graça ou favor externo, beleza, atração, simpatia, doçura. Quase sempre, ainda que não todas as vezes, a aplica a pessoas. A palavra *encanto* expressa bastante acertadamente seu significado. Algo gracioso é caracteristicamente algo formoso e simpático.

(b) No Novo Testamento tem a idéia de simples generosidade. Graça é algo que não se ganha e que não se merece, que não se poderia ter ganho nem merecido. Opõe-se ao conceito de *dívida*. Paulo diz que se se trata de ganhar coisas, então recompensa não tem que ver com a graça mas com a dívida (Romanos 4:4). A graça não se ganha. Opõe-se a *obras*. Paulo diz que Deus não escolhe a seu povo por suas obras, mas pela graça (Romanos 11:6). A graça se outorga, não se merece.

(c) No Novo Testamento se encontra sempre a idéia de simples *universalidade*. Várias vezes Paulo utiliza a palavra graça com relação à aceitação dos gentios na família de Deus. Agradece a Deus pela graça que outorgou aos coríntios em Jesus Cristo (1 Coríntios 1:4). Fala da graça de Deus concedida às Igrejas da Macedônia (2 Coríntios 8:1). Refere-se aos Gálatas como chamados à graça de Cristo (Gálatas 1:6). A esperança que chegou aos tessalonicenses o fez através da graça (2

Tessalonicenses 2:16). A graça de Deus fez com que Paulo fosse um apóstolo para os gentios (1 Coríntios 15:10). Pela graça de Deus chegou aos coríntios (2 Coríntios 1:12). A graça de Deus o chamou e o separou do ventre de sua mãe (Gálatas 1:15). A graça que Deus lhe outorgou permite-lhe escrever atrevidamente à Igreja em Roma (Romanos 15:15). Para Paulo a grande demonstração da graça de Deus era a aceitação dos gentios na Igreja e seu apostolado para com eles. A graça é algo belo, algo livre; e algo universal. Como escreveu tão belamente F. J. Hort: "Graça é uma palavra que abrange tudo o que se supõe que se expressa no sorriso de um rei celestial que contempla a seu povo."

(2) Normalmente, a segunda das grandes palavras paulinas é a palavra *paz*. Os judeus a utilizavam normalmente para saudar-se, e, no pensamento hebreu expressa, não somente a ausência de problemas, mas também "a forma mais pormenorizada de bem-estar". Paz é tudo o que faz com que o homem alcance o bem supremo. É o estado do homem quando se encontra dentro do amor de Deus. F. J. Hort escreve: "Paz é a antítese de toda classe de conflito, guerra e desconforto, da inimizade exterior e da confusão interior."

(3) A palavra misericórdia..é uma palavra nova na bênção apostólica. Em grego a palavra é *eleos*, e em Hebraico é *chesedh*. No Antigo Testamento, *chesedh* se traduz freqüentemente por misericórdia. E quando Paulo orava pedindo *misericórdia* para Timóteo, estava dizendo simplesmente: "Timóteo, que Deus seja bom você." Mas há mais que isto. A palavra *chesedh* utiliza-se nos Salmos não menos de cento e vinte e sete vezes. E várias vezes significa ajuda *no momento de necessidade*. Denota, como o assinala Parry, "A intervenção ativa de Deus para ajudar." Como diz Hort: "É a descida do Altíssimo para ajudar os necessitados." No Salmo 40:11 o salmista se alegra: "Que a tua misericórdia e tua verdade me guardem sempre." No Salmo 57:3 diz: "Ele dos céus me envia o seu auxílio e me livra ... Envia a sua misericórdia e a sua fidelidade". No Salmo 86:14-16 pensa a respeito das forças de seus inimigos que se organizaram contra ele, e se reconforta a

si mesmo com a idéia de que Deus é “grande em misericórdia e em verdade”. Devido à sua abundante misericórdia, Deus nos outorgou a esperança viva da ressurreição (1 Pedro 1:3). Os gentios deviam glorificar a Deus pela misericórdia que os resgatou do pecado e da falta de esperança (Romanos 15:9). A misericórdia de Deus é sua ação para salvar. Pode ser que Paulo adicionasse a palavra misericórdia às que utilizava habitualmente, graça e paz, porque Timóteo estava numa situação difícil, e queria dizer-lhe numa só palavra que o Altíssimo ajuda os necessitados.

ERRO E HERESIA

1 Timóteo 1:3-7

É evidente que no pano de fundo das Epístolas Pastorais há uma heresia que está pondo em perigo a Igreja. E ao começar nosso estudo destas Cartas será de utilidade examinar esta heresia e tentar ver seu conteúdo. Por tanto, neste momento recolheremos o que conhecemos a respeito dela.

Esta mesma passagem apresenta-nos duas grandes características da heresia. Ocupava-se de *fábulas* e *genealogias intermináveis*. Estas duas coisas não são privativas desta heresia; estavam profundamente enraizadas no pensamento do mundo antigo.

Em primeiro lugar, consideremos as *fábulas*. Uma das características do mundo antigo era que os poetas e até os historiadores eram muito afeitos a inventar fábulas românticas e fictícias a respeito da fundação das cidades e das famílias. Gostavam de idear longas histórias nas quais rastreavam a fundação de uma cidade e o começo de uma família até chegar aos deuses. Relatavam a forma em que um deus tinha vindo à Terra e fundado uma cidade, ou de como desceu a este mundo e se casou com uma jovem mortal, fundando assim uma família cuja origem era divina. O mundo antigo estava repleto de histórias como estas.

Em segundo lugar, existiam as *genealogias intermináveis*. O mundo antigo era apaixonado por genealogias. Podemos ver isto até no Antigo Testamento com seus capítulos cheios de nomes, e no Novo Testamento com as genealogias de Jesus com as quais começam seus Evangelhos Mateus e Marcos. Tinham fabricado a Alexandre Magno uma árvore genealógica artificial que se remontava até o Aquiles e Andrômaca por um lado, e a Perseu e Hércules pelo outro. Havia nas genealogias algo fascinante para o mundo antigo e teria sido muito fácil que o cristianismo se perdesse em histórias intermináveis, românticas e fabulosas a respeito das origens, e em genealogias elaboradas e imaginárias. Este era um perigo inerente à situação dentro da qual se desenvolvia e crescia o pensamento cristão.

O perigo ameaçava especialmente de duas direções.

Ameaçava da direção *judia*. Para os judeus não havia outro livro no mundo como o Antigo Testamento. Seus eruditos dedicavam sua vida a estudá-lo e interpretá-lo. No Antigo Testamento há muitos capítulos e seções que consistem em longas listas de nomes, extensas genealogias. É uma das ocupações favoritas dos eruditos judeus era a de construir uma biografia imaginária e edificante a respeito de cada um dos nomeados na lista. Imediatamente vê-se que tal tarefa era interminável. Podia-se seguir com ela eternamente; e pode ser que isso estivesse em parte na mente de Paulo. Talvez ele queria dizer-lhes em realidade: "Quando teriam que estar trabalhando e trabalhando em excesso na vida cristã, estão sentados inventando genealogias e biografias imaginárias. Estão perdendo o tempo em frivolidades elaboradas e elegantes, quando teriam que estar vivendo com os pés na Terra."

Esta pode ser uma advertência sempre necessária para nós, com o propósito de que não permitamos que o cristianismo e o pensamento cristão se percam e entupam em assuntos que não têm importância.

AS ESPECULAÇÕES DOS GREGOS**1 Timóteo 1:3-7 (continuação)**

Mas este perigo ameaçava mais ainda da parte dos *gregos*. Neste momento da história se estava desenvolvendo uma linha de pensamento grego que chegou a ser conhecida como *gnosticismo*. A nos encontrar especialmente nos antecedentes das Epístolas Pastorais, da Carta aos Colossenses e do Quarto Evangelho.

O gnosticismo era completamente especulativo. Começava com os problemas da origem do mal, do pecado e do sofrimento. De onde provinha tudo isto? Se Deus era totalmente bondoso, não podia tê-los criado. Como entraram em mundo, então? A resposta gnóstica era que no começo a criação não surgiu do nada; e que antes de começarem os tempos existia a *matéria*. Criam que esta matéria era essencialmente defeituosa, imperfeita, maligna; e criam que o mundo tinha sido criado a partir dela. Dessa maneira explicavam o pecado, o sofrimento e a imperfeição deste mundo.

Mas nem bem chegaram a este ponto se encontraram com outra dificuldade. Se a matéria for essencialmente maligna e Deus é essencialmente bom, não poderia ter tocado por si mesmo a matéria, nem a teria manipulado, nem moldado, nem formado as coisas com ela. De modo que começaram com uma nova série de especulações. Diziam que Deus tinha lançado uma emanção, e esta tinha dado lugar a outra, e a terceira emanção a uma quarta e assim sucessivamente até que chegou a existir uma emanção que estava tão longe de Deus que pôde tocar e manipular a matéria, e que não foi Deus, mas esta emanção quem tinha criado o mundo. Iam ainda mais longe. Sustentavam que cada emanção que se passava sabia cada vez menos a respeito de Deus; e que se chegava a um grau na série de emanções em que estas ignoravam a Deus por completo; e mais ainda, que se chegava a um grau em que as emanções não só ignoravam a Deus, mas também lhe eram ativamente hostis. De modo que chegavam à conclusão de que o Deus que tinha

criado o mundo em realidade ignorava o Deus real e verdadeiro e lhe era completamente hostil.

Mais tarde, chegaram ainda mais longe, e identificaram o Deus do Antigo Testamento com o Deus criador ignorante e hostil, e o Deus do Novo Testamento com o Deus verdadeiro e real. Além disso proviam a cada uma das emanações de uma biografia completa. E criaram assim uma complicada mitologia de deuses e emanações, cada um com sua história, biografia e genealogia. Não há nenhuma dúvida de que o mundo antigo estava pleno desta classe de pensamentos; e que estes entraram na mesma Igreja. Jesus era considerado como a maior das emanações, a que estava mais próxima a Deus. O elo superior na interminável cadeia entre Deus e o homem. Já não era único; converteu-se num elo mais da cadeia.

O pensamento gnóstico tem certas características, e estas aparecem através de todas as Epístolas Pastorais como as características de hereges que com seu pensamento estavam ameaçando a Igreja e a pureza da fé.

(1) Este gnosticismo é obviamente altamente especulativo e, portanto, intensamente intelectual e *esnobe*. Cria que toda esta especulação intelectual estava muito longe da compreensão do povo humilde, e que este ensino estava dirigido a uma aristocracia intelectual, uns poucos escolhidos, uma *elite* da Igreja. De modo que se adverte a Timóteo contra “os falatórios inúteis e profanos e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam” (1 Timóteo 6:20). Adverte-se contra uma religião que especula e conduz disputas em lugar de uma fé edificante (1 Timóteo 1:4). Adverte-o também sobre o homem que está orgulhoso de seu intelecto, mas que ainda não sabe nada realmente, e que delira quanto a questões e contendas de palavras (1 Timóteo 6:4). Ordena-o que fuja de “falatórios inúteis e profanos”, porque só podem produzir impiedade (2 Timóteo 2:16). Pede-lhe que despreze “as questões insensatas e absurdas” que no final só podem engendrar contendas (2 Timóteo 2:23). Mais ainda, as Epístolas Pastorais saem de seu caminho para acentuar o fato de que a idéia de uma aristocracia intelectual, uma *elite* escolhida está muito equivocada, porque o amor de

Deus é universal. Deus quer que todos os homens se salvem e que *todos* os homens se salvem e que *todos* também alcancem o conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). Deus é El Salvador de *todos*, em especial daqueles que crêem (1 Timóteo 4:10). A Igreja cristã não devia ter nada a ver com uma fé fundada na especulação intelectual, e que estabelecesse uma arrogante e depreciativa aristocracia intelectual dentro da Igreja.

(2) Este gnosticismo tinha que ver com a longa série de emanações. Outorgava a cada uma delas uma biografia e uma estirpe; um lugar e um degrau no caminho para Deus, e uma importância na cadeia entre Deus e o homem. Estes gnósticos se interessavam em "genealogias intermináveis" (1 Timóteo 1:4). Buscavam "fábulas profanas e de velhas caducas" a respeito delas (1 Timóteo 4:7). Apartavam seus ouvidos da verdade, mas não das fábulas (2 Timóteo 4:4). Prestavam atenção às fábulas judaicas (Tito 1:14). E o pior de tudo, pensavam em dois deuses, e em Jesus como um a mais em toda uma série de mediadores entre Deus e o homem; quando em realidade "há um só Deus, e um só mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo, homem" (1 Timóteo 2:5). Há um só Rei imortal, eterno, invisível; só um Deus sábio (1 Timóteo 1:17). O cristianismo não tinha nada a ver com uma religião que tirava o lugar único de Deus e de Jesus Cristo.

A "ÉTICA" DA HERESIA

1 Timóteo 1:3-7 (continuação)

O perigo do gnosticismo não era só intelectual. Tinha certas conseqüências morais e éticas muito sérias. Devemos lembrar que sua crença básica era que a matéria era essencialmente imperfeita e maligna, e que só o espírito era bom. Isto dava lugar a dois resultados opostos em crença e conduta éticas.

(1) Se a matéria é má, então o corpo o é também; e deve ser submetido, desprezado e oprimido. Portanto este gnosticismo podia engendrar, e em realidade o fez, um ascetismo rígido que considerava o

corpo como um mal absoluto. Proibia o matrimônio, devido ao fato de que se deviam suprimir totalmente os instintos do corpo. Estabelecia leis estritas a respeito das comidas, porque se deviam eliminar em tudo o que fosse possível as necessidades do corpo. Assim, pois, as Pastorais se referem àqueles que proíbem o matrimônio e ordenam abster-se da carne (1 Timóteo 4:3). A resposta a essas pessoas é que tudo o que Deus criou é bom, e deve ser recebido com gratidão (1 Timóteo 4:4). O gnóstico considerava a criação como algo mau, criado por um deus mau. O cristão considera a criação como algo nobre, o trabalho e o dom de um Deus bondoso. Os gnósticos criam que um Deus mau tinha feito mal todas as coisas; o cristão crê que o Deus bondoso tem feito bem todas as coisas. O cristão vive num mundo em que todas as coisas são puras; o gnóstico o faz num mundo em que todas as coisas estão corruptas (Tito 1:15).

(2) Mas este gnosticismo podia terminar numa crença ética totalmente oposta. Se o corpo for mau, então não importa o que o homem faça com ele. O corpo não importa; o que importa é o espírito. Portanto, terá que permitir que o homem encha e sacie seus apetites; estas coisas não têm importância, e portanto o homem pode utilizar seu corpo da maneira mais licenciosa e desencaminhada. Assim as Pastorais falam daqueles que levam cativas as mulherinhas até que se encontram carregadas de pecados e vítimas de todo tipo de concupiscências (2 Timóteo 3:6). Tais homens professam conhecer a Deus, mas suas vidas são abomináveis e rebeldes (Tito 1:16). Estes gnósticos criam que como o corpo não tinha importância e era totalmente mau, não importava o que o homem fizesse com ele; de modo que davam uma liberdade desenfreada a suas concupiscências, paixões e desejos mais baixos. Utilizavam suas crenças religiosas como uma desculpa para uma imoralidade total.

(3) Este gnosticismo tinha ainda outra consequência. O cristão cria na ressurreição do corpo. Isto não quer dizer que sempre creu que mesmo depois da ressurreição dos mortos o homem teria um corpo espiritual, outorgado por Deus. Paulo discute todo este assunto em 1

Coríntios 15. Mas o gnóstico sustentava que não havia ressurreição do corpo (2 Timóteo 2:18). Cria que depois da morte o homem seria uma espécie de espírito sem corpo. A diferença básica é que o gnóstico cria na destruição do corpo; o cristão na redenção do corpo. O gnóstico cria no que chamava *salvação da alma*; o cristão crê na *salvação total*.

De modo que no pano de fundo das Epístolas Pastorais estão estas heresias perigosas; estes homens que se entregavam a especulações intelectuais; que consideravam mau a este mundo, e ao Deus criador como um Deus ímpio; que punham entre o mundo, o homem e Deus uma série interminável de emanações e deuses menores, e que passavam o tempo equipando a cada um deles com fábulas e genealogias intermináveis; que reduziam a Jesus Cristo à posição de um elo numa cadeia e que lhe tiravam sua singularidade; que viviam num rigoroso ascetismo ou numa libertinagem desenfreada; que negavam a ressurreição do corpo. As Pastorais foram escritas para combater e rebater estas perigosas heresias.

A MENTALIDADE DO HEREGE

1 Timóteo 1:3-7 (continuação)

Nesta passagem se descreve claramente a mentalidade do perigoso herege. Há uma classe de heresia na qual a pessoa difere da crença ortodoxa devido ao fato de que tendo pensado as coisas honestamente, não pode estar de acordo. Isto não significa que a pessoa se sinta orgulhosa de ser diferente; ela é diferente, não para atrair a atenção de outros, mas sim simplesmente porque terá que sê-lo. Tal heresia não afeta o caráter do homem; em realidade pode fazê-lo belo, porque pensou sua própria fé de maneira real e verdadeira, e não vive numa ortodoxia desconsiderada de segunda mão. Mas aqui não se descreve esta classe de herege. Nesta passagem se distinguem cinco características do herege perigoso.

(1) Deixa-se arrastar pelo desejo de encontrar novidades. É como as pessoas que devem vestir à última moda e experimentar a última loucura em voga. Despreza as coisas velhas nada mais por serem velhas, e deseja coisas novas pelo simples fato de serem novas. O cristianismo tem sempre um problema sem resolver. O problema de apresentar a verdade é o de apresentar a velha verdade de uma maneira nova. A verdade não muda; o que muda é sua apresentação. É muito certo que cada época deve encontrar sua própria maneira de apresentar a verdade cristã. Cada mestre e cada pregador devem falar com os homens num linguagem e em categorias que entendam. Mas a verdade que se apresenta é a mesma. A nova apresentação e a velha verdade vão sempre de mãos dadas.

(2) Exalta a mente às custas do coração. Sua concepção da religião é a especulação, e não a experiência. O cristianismo jamais exigiu que ninguém deixasse de pensar por si mesmo, mas exige que o pensamento de cada um surja e seja dominado por uma experiência pessoal de Jesus Cristo.

(3) Interessa-se mais pela discussão que pela ação. Está mais interessado em disputas abstrusas que na administração efetiva da família da fé. Esquece que a verdade não é somente algo que o homem aceita com sua mente, mas também é algo que traduz em ação em sua vida. Há muito tempo se traçou a diferença entre os gregos e os judeus. Os gregos gostavam das discussões pela discussão em si mesma; não havia nada que os atraísse mais que sentar-se com um grupo de amigos e dar rédea solta a uma série de acrobacias mentais e desfrutar do "estímulo de uma caminhada mental".

Mas não se interessavam em chegar a conclusões nem desenvolver um princípio de *ação*. Gostavam da discussão pela própria discussão. Os judeus também gostavam das discussões mas queriam que toda discussão chegasse a uma conclusão; queriam que terminassem numa decisão que exigisse *ação*. Sempre há perigo de heresia quando nos apaixonamos pelas palavras e nos esquecemos dos atos, porque estes são a prova que deveria ser utilizada para examinar todos os argumentos.

(4) Obedece à arrogância mais que à humildade. Seu desejo é ensinar, antes, que aprender. Olha com certo desprezo às pessoas de mentalidade singela, que não pode seguir seus vôos de especulação intelectual. Considera que aqueles que não alcançam suas próprias conclusões são insensatos e ignorantes. O cristão deve combinar de algum modo uma segurança inamovível com uma humildade gentil; até o fim dos dias deve estar logo a aprender.

(5) É culpado de dogmatismo sem conhecimento. Realmente não sabe do que está falando, e na verdade não compreende o significado das coisas a respeito das quais dogmatiza. O estranho a respeito das controvérsias religiosas é que todos se crêem com direito a expressar uma opinião dogmática. Em tudo os outros ramos do conhecimento exigimos que as opiniões se apoiem em certo conhecimento. Mas há aqueles que dogmatizam a respeito da Bíblia e seus ensinamentos apesar de que jamais tentaram averiguar o que hão disseram os eruditos e os peritos em idiomas e história. Bem pode ser que a causa cristã tenha sofrido mais por causa do dogmatismo ignorante que por qualquer outra coisa.

Quando pensamos nas características daqueles que estavam criando problemas na Igreja de Éfeso nos damos conta de que seus descendentes ainda estão conosco.

A MENTALIDADE DO PENSADOR CRISTÃO

1 Timóteo 1:3-7 (continuação)

Assim como descreve ao pensador que causa distúrbios na Igreja, esta passagem descreve também ao pensador realmente cristão. Ele também tem cinco características.

(1) Seu pensamento se baseia na fé. A administração efetiva da família de Deus deve-se basear na fé. Fé significa simplesmente crer na palavra de Deus; crer que Deus é como Jesus Cristo o proclamou. O que quer dizer que o pensador cristão começa do primeiro princípio crendo

em que Jesus Cristo disse tudo a respeito de Deus e deu uma revelação completa dEle. O pensador cristão sempre pensa sobre a base de Jesus Cristo.

(2) Seu pensamento está motivado e dominado pelo *amor*. O desígnio de Paulo é produzir amor. Pensar no amor sempre nos salvará de certas coisas. Ele nos livrará do pensamento *arrogante* e *presunçoso*. Ele nos salvará de *condenar* aquilo com o que não estamos de acordo ou que não compreendemos. De expressar nossos argumentos e pontos de vista em forma tal que machuquemos as pessoas. O amor nos salva do *pensamento destrutivo* e de *nos expressar destrutivamente*. Pensar com amor é pensar sempre com benevolência. O homem que discute com amor não o faz para derrotar a seu oponente, senão para ganhá-lo.

(3) Seu pensamento provém de um *coração limpo*. A palavra que se utiliza aqui é muito significativa. É a palavra *katharos*. Originalmente esta palavra significava simplesmente *limpo* em oposição a *manchado* ou *sujo*. Mas mais tarde chegou a ter certos usos mais sugestivos. Usa-se para referir-se ao grão que foi ventilado e ao que se lhe limpou toda a impureza. Utiliza-se para referir-se a um exército que separou e purificou suas filas de todos os soldados covardes e indisciplinados até que ficam somente os lutadores de primeiríssima qualidade. Indica algo que não tem sujões agregados nem degradantes. De modo que, então, um coração limpo é aquele cujos motivos são absolutamente claros e sem mescla. No coração do pensador cristão não há exibicionismo, nem desejo de demonstrar inteligência, nem de ganhar uma discussão, nem de descobrir a ignorância do oponente, nem de censurar àquela pessoa com a que está discutindo a fé. Seu único desejo é o de ajudar, iluminar e aproximar a Deus. O pensador cristão não é egoísta em sua devoção pela verdade, e em seu desejo de ajudar. Só move o amor à verdade e aos homens.

(4) Seu pensamento provém de uma *boa consciência*. A palavra grega para *consciência* é *suneidesis*. Significa literalmente *conhecimento com*. E o significado real de consciência é *o conhecimento da gente mesmo*. Ter uma boa consciência é ser capaz de proclamar o

conhecimento que não compartilhamos com ninguém, e não nos envergonhar de seu conteúdo. Emerson disse a respeito de Sêneca que este dizia as coisas mais belas só se tinha o direito de dizê-las. O pensador cristão é aquele a quem os pensamentos de seu coração e as ações de sua vida lhe dão o direito a dizer o que diz, e essa é a prova mais crítica de todas.

(5) O pensador cristão é um homem que tem *uma fé que não pode fingir*. A frase significa literalmente a fé *na qual não há hipocrisia*. Isto significa simplesmente que a grande característica do pensador cristão é sua *sinceridade*. É sincero em seu desejo de encontrar e comunicar a verdade. Tanto o processo de seu pensamento como os motivos de seu ensino devem ser capazes de resistir o escrutínio de Deus.

OS QUE NÃO PRECISAM DE LEI

1 Timóteo 1:8-11

Esta passagem começa com um pensamento favorito do mundo antigo. A função da Lei é ocupar-se dos que fazem o mal. O homem bom não necessita nenhuma lei para controlar suas ações ou ameaçá-lo com castigos; e num mundo de homens bons não haveria necessidade de leis.

Antífanos, o grego, havia dito: "Aquele que não faz mal não necessita de nenhuma lei." Aristóteles declarou que "a filosofia capacita o homem a realizar sem controles externos aquilo que os outros fazem por medo da lei." Ambrósio, o grande bispo cristão, escreveu: "O homem justo tem como norma a lei de sua própria mente, de sua própria equidade e de sua própria justiça, e portanto não se separa do mal por terror ao castigo, mas pela regra de honra." Tanto o cristão como o pagão consideravam que a verdadeira bondade tinha sua origem no coração do homem; não dependia das recompensas e castigos da lei.

Mas os pagãos e os cristãos diferiam numa coisa. O pagão olhava para trás, para uma idade de ouro passada em que todas as coisas eram boas e não se precisava da lei. Os antigos criam com todo o veemente

desejo de seus corações nos bons tempos passados. Ovídio, o poeta romano, descreveu uma das imagens mais famosas da antiga idade de ouro (*Metamorfose* 1:90:112).

"A primeira idade era de ouro, guardava-se a fé e se fazia o bem sem que ninguém obrigasse a isso, sem leis, e por vontade própria. Não se temia o castigo, não se liam palavras ameaçadoras em tábuas de bronze; nenhuma multidão suplicante olhava com medo à cara do juiz; mas sim os homens viviam seguros sem juízes. O pinheiro ainda não tinha caído em suas montanhas nativas, nem descido à planície aquosa para visitar outras terras; os homens não conheciam outras costas além das próprias. As cidades ainda não estavam rodeadas por fossos profundos; não havia trombetas de bronze retas nem cornetas curvas, nem espadas, nem cascos. Não havia necessidade alguma de homens armados, porque as nações, seguras de alarmes de guerra, passavam os anos numa paz tranqüila."

Estes eram os dias dourados nos quais ninguém era mau nem ninguém tinha medo.

Tácito, o historiador romano, tem um quadro igual (*Anais* 3:26).

"Nos tempos primitivos, quando os homens ainda não tinham paixões malignas, levavam vidas sem culpa e sem recriminação, sem castigos nem restrições. Guiados por sua própria natureza perseguiam somente fins virtuosos, e não requeriam recompensas; e como não desejavam nada que estivesse contra o justo, não havia necessidade de castigos nem penalidades."

O mundo antigo olhava para trás e tinha saudades dos dias que tinham desaparecido para sempre. A fé cristã não olha para trás em busca de uma era de ouro perdida; olha para frente ao dia em que a única lei será o amor de Cristo dentro do coração do homem, porque o cristianismo está seguro de que não pode terminar o dia da lei até que amanheça o dia do amor.

Deveria haver só um fator dominante na vida de cada um de nós. Nossa bondade deveria provir, não do medo à lei nem sequer do medo ao juízo, mas sim do medo a frustrar o amor de Cristo e entristecer o coração paternal de Deus. A dinâmica do cristão para viver justamente reside no fato de que sabe que o pecado não só transgredir a lei de Deus, mas também destroça seu coração. Não é a lei, mas sim o amor de Deus aquele que nos constrange.

OS QUE SÃO CONDENADOS PELA LEI

1 Timóteo 1:8-11 (continuação)

Num estado ideal, quando vier o Reino, não haverá necessidade de nenhuma outra lei que o amor de Deus e do bem que reside no coração do homem; mas tal como são as coisas, o caso é muito distinto. E Paulo aqui estabelece um catálogo de pecados que a lei deve controlar e condenar. O interesse que apresenta esta passagem é que nos mostra o cenário dentro do qual cresceu o cristianismo. A lista de pecados e vícios é em realidade uma descrição do mundo no qual os cristãos primitivos viviam, moviam-se e tinham seu ser. Nada nos mostra tão bem como a Igreja cristã era uma pequena ilha de pureza num mundo vicioso e infecto. Falamos de que é muito duro ser cristão numa civilização moderna; só temos que ler uma passagem como esta para ver quão imensamente mais duro deve ter sido nas circunstâncias em que começou a surgir a Igreja. Tomemos esta lista terrível e consideremos os itens mencionados nela.

Figuram os *transgressores* (*anomoi*). Os transgressores são aqueles que conhecem as leis do bem e do mal, e que as violam deliberada e conscientemente. Ninguém pode culpar a outro de transgredir uma lei se não sabe que essa lei existe, mas os *transgressores* são aqueles que conhecem bem as leis e que as violam deliberadamente para satisfazer suas próprias ambições e desejos.

Figuram os *desobedientes* (*anhypotaktoi*). São os ingovernáveis e os insubordinados. Estes são aqueles que se negam a aceitar e obedecer qualquer autoridade. São como soldados amotinados que desobedecem as ordens e rompem filas em rebeldia. São muito orgulhosos ou muito indômitos para aceitar disciplina e controle.

Figuram os *irreverentes* (*asebeis*). A palavra grega *asebes* é terrível. Não descreve indiferença nem o tropeção nem o deslize no pecado. Descreve "a irreligião absoluta e ativa", o espírito que deliberadamente e de maneira desafiante nega a Deus o que é seu direito. Descreve a natureza humana "em ordem de batalha contra Deus". O *asebes* é o tipo de homem que segue seu próprio caminho e desafia a Deus fazendo o pior.

Figuram os *pecadores* (*hamartoloi*). Em seu uso mais comum esta palavra descreve o caráter. Pode ser utilizada, por exemplo, para referir-se a um escravo que é de caráter dissoluto, depravado e inútil. Descreve a pessoa que perdeu todas as normas morais.

Figuram os *ímpios* (*anosioi*). A palavra grega *hosios* é um termo nobre; descreve, como o assinala Trench, "as ordenanças eternas da justiça, que não foram constituídas por nenhuma lei nem costume do homem, porque são anteriores a todas elas". As coisas que são *hosios* são parte da própria constituição do universo, o sagrado e eterno. Os gregos, por exemplo, declaravam estremecidos que o costume egípcio de permitir o casamento entre irmãos, ou o persa em que um filho podia casar-se com sua mãe eram *anosion*, *ímpia*, *profana*. O homem que é *anosios* é pior que o mero transgressor da lei. É o homem que viola o mais santo e o mais decente da vida.

Figuram os *profanos* (*bebeloi*). *Bebelos* é uma palavra feia com uma história peculiar. Originalmente significava simplesmente *aquilo que pode ser pisado* em contraposição com aquilo que é sagrado para algum deus, e portanto inviolável. Logo passou a significar *profano* em oposição a *sagrado*. Mais tarde significou o homem que profana as coisas sagradas, aquele que profana o dia de Deus, desobedece suas leis,

diminui a adoração, e mancha a vida que Deus lhe deu para viver. O homem que é *bebelos* suja tudo o que toca.

Figuram os *parricidas* e os *matricidas* (*patraloai* e *metraloai*). Sob a lei romana o homem que golpeava a um de seus pais era culpado nada menos que de morte. As palavras descrevem a um filho ou uma filha que perdeu a gratidão, o respeito e a vergonha. E devemos lembrar sempre que este, o mais cruel dos golpes, pode ir dirigido, não ao corpo, mas sim ao coração.

Figuram os *homicidas* (*androfonoí*) que literalmente significa *assassino de homens*. Paulo estava pensando nos Dez Mandamentos e em como o mundo pagão caracterizava-se por toda classe de violações dos mesmos. Ao ler isto não devemos pensar que esta característica ao menos não tem nada que ver conosco, porque Jesus ampliou este mandamento de tal forma que não só inclui o ato de matar, mas também o sentir rancor no coração contra o irmão.

Figuram os *fornicários* e os *sodomitas* (*pornoí* e *arsenokoítai*). nos é difícil nos dar conta do estado do mundo antigo no que respeita à moral sexual. Estava infestado de vícios antinaturais. Uma das coisas extraordinárias era a relação que havia entre a imoralidade e a religião. O templo de Afrodite em Corinto tinha mil sacerdotisas dentro de seu âmbito que eram prostitutas sagradas e que pelas noites baixavam às ruas da cidade a oferecer sua mercadoria. Diz-se que Sólon foi o primeiro legislador que legalizou a prostituição em Atenas; diz-se também que instituiu prostíbulos públicos nessa cidade, e que com os lucros que davam construiu um novo templo para Afrodite, a deusa do amor.

E. F. Brown foi missionário na Índia, e em seu comentário das Epístolas Pastorais sobre esta passagem cita uma seção extraordinária do Código Penal da Índia. Uma seção desse código proíbe as representações obscenas; e prossegue dizendo: "Esta seção não se faz extensiva a nenhuma representação ou escultura, em baixo-relevo, grafite ou representada sobre ou dentro de um templo, nem a nenhum móvel utilizado para o transporte de ídolos, ou guardado ou utilizado para

qualquer propósito religioso". Uma das coisas extraordinárias é que nas religiões não cristãs várias vezes a imoralidade e a obscenidade florescem sob a proteção da mesma religião. Tem-se dito na verdade que a castidade foi uma virtude completamente nova que o cristianismo trouxe para o mundo. Bem podemos pensar na tarefa do cristão que nos tempos primitivos se esforçava para viver de acordo com a ética cristã num mundo como esse.

Figuram os *seqüestradores* (*andrapodistai*). A palavra pode significar ou *negociantes de escravos* ou *seqüestradores de escravos*. Provavelmente aqui se envolvam ambos os significados. É certo que a escravidão era uma parte integral da vida do mundo antigo. Também é certo que Aristóteles declarou que a civilização estava fundada sobre a escravidão, que certos homens e mulheres tinham nascido para recolher lenha e conduzir água, e só existiam para realizar as tarefas servis da vida para a conveniência das classes cultas. Mas até no mundo antigo se elevaram vozes contra a escravidão.

Filo se referiu aos negociantes de escravos como aqueles que "despojam o homem de sua possessão mais apreciada, sua liberdade". Mas aqui provavelmente se faça referência aos seqüestradores de escravos. Os escravos eram uma propriedade valiosa. Um escravo ordinário que não possuísse dons nem talentos nem artes especiais se vendia por quarenta ou cinqüenta dólares. Um escravo especialmente talentoso que fosse um artesão hábil se vendia por três ou quatro vezes essa quantidade. Os jovens bonitos tinham uma grande demanda como pajens ou copeiros e se vendiam a preços tão altos como dois mil e dois mil e quinhentos dólares. Diz-se que Marco Antônio pagou cinco mil dólares por dois jovens muito parecidos que representavam ser gêmeos equivocadamente.

Nos dias em que Roma estava ansiosa por aprender as artes da Grécia, e quando quão escravos conheciam literatura, música e arte gregas eram muito valiosos, informa-se que um tal Lutacio Dafnis foi vendido por quase nove mil dólares.

O resultado de todo isto é que freqüentemente se seduzia aos escravos valiosos para que abandonassem a seus amos, ou os seqüestrava. O seqüestro de escravos especialmente formosos, valiosos ou instruídos era um fato comum no mundo antigo.

Finalmente figuramos *mentirosos* (*pseustai*) e os *perjuros* (*epiorkoi*), homens que não duvidavam em mentir ou tergiversar a verdade para obter fins desonrosos.

Este é um quadro vívido da atmosfera na qual cresceu a Igreja primitiva. O autor das Pastorais em sua investida buscava proteger e guardar os cristãos dessa infecção a seu cargo.

AS PALAVRAS PURIFICADORAS

1 Timóteo 1:8-11 (continuação)

A essa classe de mundo chegou a mensagem cristã e esta passagem nos diz quatro coisas a respeito dela.

(1) É uma doutrina *sã*. A palavra utilizada é *hugiainein* que significa literalmente *que dá saúde*. A grande característica do cristianismo é que se trata de uma religião ética. Exige que o homem não só guarde certas normas rituais, mas também viva uma vida boa.

E. F. Brown faz uma comparação entre o islamismo e o cristianismo. Um maometano pode ser considerado como um homem muito santo se observa determinados rituais cerimoniais, apesar de que sua vida seja muito pouco limpa. Se for cuidadoso em cumprir com todas as normas cerimoniais, buscará sua bênção como a de um homem que tem influência em Deus, ainda que sua conduta moral seja degradada e vil. Cita a um escritor recente sobre Marrocos:

"A grande mancha no credo do islamismo é que não se espera que os preceitos e a prática coincidam, exceto no que respeita ao ritual, de modo que um homem pode ser notoriamente malvado e, entretanto, ser estimado religiosamente, e sua bênção será buscada como a de um que tem poder com Deus, sem o menor sentimento de incongruência. Um mouro me esclareceu muito bem como eram as coisas, e remarcou: Quer saber como é

nossa religião? Purificamo-nos em água enquanto contemplamos o adultério; vamos à mesquita a orar e enquanto o fazemos pensamos em qual é a melhor maneira de enganar a nossos semelhantes; damos oferendas ao sair e voltamos para nosso negócio a roubar; lemos nosso Corão e saímos a cometer pecados que não se podem mencionar; jejuamos e peregrinamos e, entretanto, mentimos e matamos".

Devemos lembrar sempre que o cristianismo não significa observar um ritual, ainda que esse ritual consista em ler a Bíblia e ir à Igreja; mas sim significa viver uma vida boa. O cristianismo, se for verdadeiro, dá saúde; é o único anti-séptico moral que pode limpar a vida.

(2) É um *glorioso evangelho*; ou seja, são *boas novas gloriosas*. São boas novas de perdão pelos pecados" passados, e de poder para conquistar o pecado nos dias por vir. São as boas novas da misericórdia de Deus, de seu poder para nos limpar e de sua graça purificadora.

(3) São boas novas *que provêm de Deus*. O evangelho cristão não é uma descoberta feito pelo homem, mas sim são as boas novas reveladas por Deus. Não é algo que o homem tenha criado ou encontrado; é algo que Deus oferece e provê. Não oferece somente a ajuda do homem; oferece nada menos que o poder de Deus.

(4) Estas boas novas vêm *através de homens*. A Paulo foi confiado que levasse a outros as boas novas. Deus faz sua oferta e necessita de seus mensageiros. E o verdadeiro cristão é a pessoa que se aproximou da oferta de Deus e a aceitou, e que se deu conta de que não pode guardar essas boas novas para si mesmo, mas sim deve transmitir, comunicar e compartilhar com outros que ainda não as encontraram.

SALVOS PARA SERVIR

1 Timóteo 1:12-17

Esta passagem começa com um verdadeiro cântico triunfal de ação de graças. Havia quatro coisas tremendas pelas quais Paulo desejava agradecer a Jesus Cristo.

(1) Agradece-lhe por *tê-lo escolhido*. Paulo nunca sentiu que ele tinha escolhido a Cristo, mas sim Cristo o tinha escolhido. Era como se quando se encaminhava rumo à destruição, Jesus Cristo tivesse posto sua mão sobre seu ombro e o tivesse detido no caminho. Era como se quando estava ocupado desperdiçando sua vida, Jesus Cristo o tivesse voltado para a sensatez repentinamente.

Durante a guerra conheci um aviador polonês. Em poucos anos tinha evitado por pouco a morte e coisas piores que ela mais vezes que a vasta maioria dos homens em toda sua vida. Algumas vezes contava a história de como tinha escapado da Europa ocupada, de suas descidas em pára-quedas, de ser resgatado do mar, e logo no final desta odisséia surpreendente, dizia sempre, com um olhar maravilhado em seus olhos: "E agora sou um homem de Deus". Assim se sentia Paulo; era o homem de Cristo, porque Cristo o tinha escolhido.

(2) Agradece-lhe porque *confia nele*. Para Paulo era algo surpreendente, que ele, o grande perseguidor, tivesse sido escolhido para ser missionário e pioneiro de Cristo. Jesus Cristo não só o tinha perdoado; confiava nele. Algumas vezes, nos assuntos humanos perdoam ao homem que cometeu alguma equívoco ou que é culpado de algum pecado, mas esclarecemos bem que seu passado faz com que nos seja impossível voltar a confiar-lhe qualquer responsabilidade. Mas Cristo não só perdoou a Paulo; tinha-lhe encarregado que fizesse sua obra. O homem que tinha açoitado a Cristo, tinha sido nomeado seu embaixador.

(3) Agradece-lhe porque *o designou*. E devemos ser muito cuidadosos em assinalar aquilo para o qual Paulo se sentia designado. Tinha sido designado para *servir*. Paulo nunca pensou ter sido escolhido para obter honras, prestígio, autoridade, liderança dentro da Igreja. Sua glória residia em que tinha sido salvo para servir.

Plutarco nos conta que quando um espartano ganhava uma vitória nos jogos, sua recompensa era poder estar ao lado de seu rei na batalha.

Havia um lutador espartano nos jogos olímpicos; foi-lhe oferecido um suborno considerável para abandonar a luta; mas se negou.

Finalmente depois de um esforço tremendo obteve a vitória. Alguém lhe disse: "Bom, espartano, o que obtiveste com esta vitória tão custosa que ganhou?" Ele respondeu: "Ganhei o privilégio de estar diante de meu rei na batalha". Sua recompensa era servir, e se fosse necessário, morrer por seu rei. Paulo sabia que tinha sido escolhido para o serviço e não para a honra.

(4) Agradece-lhe porque *lhe deu poder*. Paulo era um dos que descobriram faz tempo que Jesus Cristo jamais dá a um homem uma tarefa sem o poder para realizá-la. Paulo nunca teria dito: "Olhem o que tenho feito". Mas sim dizia: "Olhem o que Jesus Cristo me capacitou a fazer". Ninguém é o suficientemente bom, o suficientemente forte, o suficientemente puro, nem o suficientemente sábio para ser servo de Cristo. Mas aquele que se entrega a Cristo, ele o fará não por seu próprio poder, mas pelo poder do Senhor.

OS INSTRUMENTOS DE CONVERSÃO

1 Timóteo 1:12-17 (continuação)

Nesta passagem há outras duas coisas muito interessantes.

Nele aparece a formação judia de Paulo. Diz que Jesus Cristo teve misericórdia dele porque tinha cometido seus pecados contra Cristo e sua Igreja nos dias de sua ignorância, antes de converter-se. Muitas vezes pensamos que o ponto de vista judeu era que o sacrifício purgava os pecados. O homem pecava; esse pecado ofendia a Deus e rompia sua relação com Deus; então se fazia um sacrifício e se apaziguava a irritação de Deus e se restaurava a relação. Bem pode ser que esse fosse o conceito popular e adulterado do sacrifício. Mas o pensamento judeu mais elevado insistia em duas coisas.

Primeiro, insistia em que o sacrifício não poderia purgar nunca um pecado deliberado, o pecado da arrogância, da presunção, da rebeldia e da altivez de coração. Insistia em que o sacrifício só podia purgar os pecados que se cometiam em ignorância, os que o homem cometia, não

deliberadamente, a sangue frio, mas sim quando era miserável por um momento de paixão. O pecado deliberado, desafiante e arrogante estava fora do poder expiatório do sacrifício.

Em segundo lugar, o pensamento judeu mais elevado insistia em que o sacrifício não podia purgar nenhum pecado a não ser que existisse penitência e contrição no coração do homem que o oferecia. Aqui Paulo fala baseando-se em seus antecedentes judeus. Seu coração tinha sido quebrantado pela misericórdia de Cristo; tinha cometido seus pecados nos dias anteriores a seu conhecimento de Cristo e de seu amor. E por estas razões pensava que ainda havia misericórdia para ele.

Mas nesta passagem há algo mais interessante ainda, que assinala E. F. Brown. O verso 14 é difícil. Em nossa versão diz: “Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus”. A primeira parte não é difícil; simplesmente significa que a graça de Deus era mais velha que o pecado de Paulo. Mas qual é exatamente o significado da frase: “com a fé e o amor que há em Cristo Jesus”? E. F. Brown sugere que o significado é o seguinte: que a obra da graça de Cristo no coração de Paulo foi ajudada e sustentada pela fé e o amor que ele encontrou nos membros da Igreja cristã; que o efeito da graça de Cristo recebeu ajuda da simpatia e compreensão e a bondade de homens como Ananias, que abriu seus olhos e o chamou irmão (Atos 9:10-19), e como Barnabé, que o apoiou quando o resto da Igreja o olhava com um pouco de suspeita (Atos 9: 26-28). A idéia é que o dom da graça de Cristo contou com a ajuda da caridade cristã de certos membros da Igreja que viviam em Cristo. Esta é uma idéia muito bonita.

E se assim fosse, podemos ver que há três fatores que cooperam na conversão de qualquer pessoa.

(1) Em primeiro lugar, está Deus. A oração de Jeremias era: “Converte-nos a ti, SENHOR” (Lamentações 5:21). A não ser que o Espírito de Deus aja no coração do homem, não poderá nem sequer começar a desejar a Deus. Como disse Santo Agostinho, nunca teríamos

começado sequer a buscar a Deus a não ser porque Deus nos encontrou antes. O primeiro em agir é Deus; atrás do primeiro desejo do bem do homem, está o amor solícito de Deus.

(2) Está o próprio homem. Algumas versões traduzem Mateus 18:3 em voz passiva por completo: "A não ser que *fordes convertidos* e feitos como meninos, não entrareis no Reino dos Céus". Mas nossa versão utiliza uma tradução muito mais ativa: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". O certo é que deve haver uma resposta humana ao chamado divino. Deus outorgou aos homens livre-arbítrio e os homens podem utilizá-lo quer para aceitar quer para rechaçar a oferta de Deus. A pessoa deve realizar por si mesmo esse ato essencial de submissão a Deus.

(3) Está a intervenção humana de algum cristão, Paulo está convencido de que é enviado aos gentios: "para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim" (Atos 26:18). Tiago *crê* que qualquer homem que converta ao pecador do erro de seu caminho: "salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados" (Tiago 5:19-20). Assim, pois, pesa sobre nós uma dupla tarefa. Tem-se dito que um santo é uma pessoa que faz com que seja mais fácil crer em Deus, e que é alguém em quem Cristo vive outra vez. Devemos dar graças por aqueles que mostraram a Cristo, e cujo exemplo e palavras nos aproximaram dEle; e devemos lutar para ser a influência, o sinal, a luz para trazer para outros a Cristo. Na conversão se combinam a iniciativa de Deus, a resposta do homem e a influência do cristão.

A VERGONHA QUE NÃO SE PODE ESQUECER E A INSPIRAÇÃO QUE NÃO MORRE

1 Timóteo 1: 12-17 (continuação)

O que mais se destaca nesta passagem é a insistência de Paulo em lembrar seu próprio pecado. Amontoa palavras e cria um clímax para mostrar o que ele tinha feito a Cristo e à Igreja. Tinha sido um *blasfemo*, lançando contra os cristãos palavras ardentes e iradas, acusando-os de crimes contra Deus, quando ele era o criminoso. Tinha sido um *perseguidor*; tinha tomado todos os meios que estavam a seu alcance sob a lei judia para aniquilar à Igreja cristã. Logo utiliza uma palavra terrível; tinha sido *injuriador*, um homem de violência insolente e brutal. A palavra em grego é *hubristés*. Indica uma espécie de sadismo arrogante; descreve o homem que inflige dor e injúrias pela pura alegria de fazê-lo. O substantivo abstrato correspondente é *hubris*.

Aristóteles o define da seguinte maneira: "*Hubris* significa machucar ofender a outros, de tal maneira que o homem ofendido envergonha, e que a pessoa que inflige a ofensa não ganha nada que já não possua, mas apenas se deleita em sua crueldade e no sofrimento da outra pessoa".

Nesta palavra há um deleite sádico em infligir dor. Assim era Paulo com relação à Igreja cristã. Não satisfeito com as palavras insultantes, chegou aos limites da perseguição legal. Não contente com isto, chegou ao limite da brutalidade sádica tentando apagar a fé cristã. Paulo se lembrava disto; e até o fim de seus dias se considerou como o pior dos pecadores. Não que *tinha sido*; mas sim ainda *era* o pior dos pecadores. Na verdade, nunca pôde esquecer que era um pecador perdoado; mas é igualmente certo que nunca pôde esquecer que era um pecador.

Por que lembrava Paulo seu pecado com tanta nitidez?

(1) A lembrança de seu pecado era a forma mais segura de separá-lo do orgulho. Não podia haver tal coisa como orgulho espiritual para quem tinha feito semelhantes coisas.

John Newton foi um dos grandes pregadores e um dos melhores escritores de hinos da Igreja; mas houve um momento em que foi culpado de toda classe de pecados, quando se tinha afundado nas maiores profundidades em que um homem pode afundar. Nos dias em navegou pelos mares no barco do traficante de escravos, John Newton tinha chegado ao mais profundo. De modo que quando se converteu e pregou o evangelho, escreveu um texto em letras muito grandes, e o fixou sobre a chaminé de seu estudo onde não poderia deixar de vê-lo: "Você deve lembrar que foi um escravo na terra do Egito e que o Senhor seu Deus redimiu você".

John Newton compôs seu próprio epitáfio e dizia: "John Newton, pastor, tempos atrás Infiel e Libertino, Servo de Escravos na África, que pela Misericórdia de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, foi Preservado, Restaurado, Perdoado e Nomeado para Pregar a Fé que por tanto tempo tinha trabalhado para destruir".

John Newton nunca esqueceu que era um pecador perdoado; tampouco o fez Paulo. Tampouco nós devemos fazê-lo. Faz bem ao homem lembrar seus pecados, porque o resguarda da soberba espiritual.

(2) A lembrança de seu pecado era a forma mais segura para manter viva sua gratidão. Lembrar aquilo pelo qual fomos perdoados é a forma mais segura de manter acordado nosso amor e nossa gratidão por Jesus Cristo.

F. W. Boreham nos conta a respeito de uma carta que o ancião puritano, Thomas Googwin, escreveu a seu filho: "Quando me via ameaçado de ficar frio em meu ministério, e quando sentia chegar a manhã do domingo sem que meu coração se enchesse de assombro com a graça de Deus, ou quando me estava preparando para administrar a Ceia do Senhor, sabe o que estava acostumado a fazer? Costumava percorrer de cima abaixo os pecados de minha vida passada, e sempre me desabava com meu coração quebrantado e contrito, preparado para pregar, como se prego no começo, o perdão dos pecados". "Penso que jamais subi a escada do púlpito" disse, "sem parar por um momento ao

pé da mesma e percorrer de cima abaixo os pecados de meus anos passados. Creio que nunca planeje um sermão sem dar uma volta ao redor da mesa de meu estudo e olhar para trás, aos pecados de minha juventude e de toda minha vida até o presente; e muitos domingos à manhã, quando minha alma tinha estado fria e estéril, pela falta de oração durante a semana, uma percorrida à minha vida passada antes de chegar ao púlpito sempre quebrava meu duro coração e me aproximava do evangelho para minha própria alma antes de começar a pregar".

Quando pensamos em como ferimos a Deus, àqueles que nos amam e aos nossos semelhantes, e quando lembramos como Deus e os homens nos perdoaram, essa lembrança deve avivar a chama da gratidão em nossos corações.

(3) A lembrança de seu pecado o levava constantemente a esforçar-se mais. É verdade que nenhum homem pode ganhar a aprovação de Deus, e que nunca pode merecer seu amor; mas também é verdade que não pode deixar nunca de tentar fazer algo para demonstrar quanto aprecia o amor e a misericórdia que o têm feito o que é. Quando amamos a alguém, não podemos deixar de demonstrar nosso amor. Fazemo-lo natural e instintivamente. Quando lembramos quanto nos ama Deus e quão pouco o merecemos, quando lembramos que Jesus Cristo foi pendurado e padeceu no Calvário por nós, então nos sentimos levados a nos esforçar para dizer Deus que temos consciência do que Ele fez por nós, e demonstrar a Jesus Cristo que seu sacrifício não foi em vão.

(4) A lembrança de seu pecado estava destinado a ser de constante estímulo a outros. Paulo utiliza uma frase e uma descrição vívidas. Diz que o que aconteceu com ele era uma espécie de exemplo do que ia acontecer com aqueles que aceitassem a Cristo nos dias vindouros. A palavra que utiliza é *hupotyposis*. Significa um esboço, um primeiro rascunho, um modelo preliminar. É como se Paulo tivesse dito: "Olhem o que Cristo fez comigo! Se alguém como eu pode ser salvo, então ainda há esperança para qualquer pessoa".

Tomando o exemplo de um homem que estivesse seriamente doente e tivesse que passar por uma operação muito perigosa, o estímulo maior para ele seria encontrar-se falar com alguém que tivesse passado pela mesma operação e que se tivesse curado por completo. Paulo não escondia vergonhosamente sua história; divulgava-a para que outros a conhecessem e tivessem ânimo e se sentissem cheios com a esperança de que a graça que tinha mudado a Paulo pudesse mudá-los também.

Paulo não tentava esquecer seus pecados. Como Grande Coração dizia aos meninos cristãos: "Devem saber que a "Planície do Esquecimento é o lugar mas perigoso de todos". Paulo negava-se a esquecer seu pecado, porque cada vez que lembrava a grandeza de seu pecado, também se lembrava da grandeza bem maior de Jesus Cristo. Não é que refletisse insanamente sobre o pecado; ele o lembrava para despertar a alegria na grandeza da graça de Jesus Cristo.

O MANDATO QUE NÃO SE PODE NEGAR

1 Timóteo 1:18-20

A primeira seção desta passagem está muito comprimida. O que há atrás dela é o seguinte. Deve ter havido uma reunião dos profetas da Igreja. Os profetas eram homens que se sabia que estavam dentro da confiança e o conselho de Deus. "Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Amós 3:7). Esta reunião dos profetas considerou a situação que estava ameaçando à Igreja e chegou à conclusão de que Timóteo era o homem que devia enfrentá-la. Podemos ver os profetas agindo exatamente da mesma maneira em Atos 13:1-3. Nesse momento a Igreja se enfrentava com a grande decisão de levar ou não a mensagem do evangelho aos gentios; e a mensagem do Espírito Santo chegou aos profetas dizendo: "Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado" (Atos 13:2). Isso era o que tinha acontecido a Timóteo. Tinha sido assinalado pelos profetas como o homem que podia

mediar na situação da Igreja. Bem pode ser que Timóteo retrocedesse em face da enormidade da tarefa que devia enfrentar, e nesta passagem Paulo lhe dá ânimo e o inflama com certas considerações.

(1) Paulo lhe diz: "Você é um homem escolhido e não pode rechaçar sua tarefa".

Algo semelhante aconteceu ao John Knox. Tinha estado ensinando em St. Andrews. Supunha-se que ensinava em particular mas assistiam muitos, porque obviamente era um homem que tinha uma mensagem. De modo que o povo insistia para "que se dedicasse à pregação. Mas ele negava-se categoricamente alegando que não iria onde Deus não lhe havia chamado... Perante o qual se reuniram privadamente em conselho, estando com eles Sir David Lindsay e chegaram à conclusão de lhe dar uma acusação ao nomeado John, o que fariam publicamente pela boca de seu pregador".

John Knox foi um homem eleito, e entretanto vacilava em tomar uma responsabilidade tão tremenda. Chegou no domingo e John estava na Igreja e pregava John Rough, o pastor. "O pregador chamado John Rough dirigiu suas palavras ao chamado John Knox, dizendo: Irmão, não se ofenda, se lhe disser o que me foi encomendado, por parte de todos os que estão aqui presentes, que é o seguinte: Em nome de Deus, e de Seu Filho Jesus, e no nome de todos os que lhe chamam por minha boca, ordeno-lhe que não rechace esta vocação sagrada, mas sim... que aceite o posto e a responsabilidade de pregar, ainda que pareça que você busca evitar o desagrado de Deus, e deseja multiplicar suas graças para com você. E no final disse a presentes: Não foi isto o que me ordenaram: E acaso não aprovam esta vocação? Eles responderam: Assim é; e o passamos. Diante disto o nomeado John, confundido, rompeu em abundantes lágrimas, retirou-se a seu quarto. Seu aspecto e comportamento, deste dia até o dia em que foi obrigado a apresentar-se no lugar público para pregar, declaravam suficientemente a aflição e preocupação de seu coração; porque ninguém viu signos de júbilo nele, e nem sequer queria acompanhar a ninguém por muitos dias".

John Knox foi eleito, não queria responder ao chamado; mas teve que fazê-lo, porque o chamado provinha-lhe Deus. Anos depois o Regente Morton pronunciou seu famoso epitáfio junto à tumba de John Knox: "Com relação a que levou a mensagem de Deus, a quem deve dar conta disso, ele (ainda que era uma criatura fraca, sem valor e um homem temeroso) não tinha medo das caras dos homens". A consciência de ter sido escolhido lhe dava coragem. De modo que Paulo diz a Timóteo: "Foste escolhido, não pode trair a Deus e aos homens". A cada um de nós chega a escolha de Deus; e quando somos chamados para trabalhar para Ele, não devemos nos negar.

(2) Pode ser que Paulo lhe estivesse dizendo a Timóteo: "Timóteo, seja fiel a seu nome". O nome *Timóteo* — sua forma completa é *Timotheos* — está composto por duas palavras gregas: *timé* que significa honra, e *theos* que significa Deus. O próprio nome *Timóteo* significa honra a Deus. É como se Paulo dissesse a Timóteo: "Timóteo, vive de acordo com o seu nome". Somos chamados pelo nome de *cristãos*, pertencentes ao povo de Cristo, e devemos ser fiéis a esse nome.

(3) Finalmente, Paulo diz a Timóteo: "Você é um homem a quem foi confiada uma tarefa". "Este é o dever de que te encarrego", diz Paulo. A palavra que Paulo usa para *encarregar* é *paratithesthai*. A palavra é usada para quando se confia algo muito valioso e prezado a alguém para que a guarde em segurança. Usa-se, por exemplo, para referir-se a fazer um depósito no banco, para confiar a uma pessoa o cuidado de outra. Sempre implica que se depositou confiança em alguém, e que essa pessoa será chamada a responder por ela. De modo que Paulo diz a Timóteo: "Timóteo, estou pondo em suas mãos um depósito sagrado. Tenha cuidado para não falhar". Deus depositou sua confiança em nós. pôs em nossas mãos sua honra e sua Igreja. Nós também devemos nos cuidar de não falhar.

ENVIADO AO COMBATE DE DEUS**1 Timóteo 1:18-20 (continuação)**

O que é, então, confiado a Timóteo? E com que propósito é enviado? Ele é enviado a combater o *bom combate*. Descrever a vida como um combate sempre foi fascinante para o pensamento dos homens. Máximo de Tiro disse: "Deus é o general; a vida é o combate; o homem é o soldado". Sêneca disse: "Meu querido Lúcio, para mim viver é ser um soldado". Quando um homem se convertia em crente da deusa Isis, e era iniciado nos Mistérios relacionados com o nome da deusa, era convocado da seguinte maneira: "Inscreve-te no exército sagrado de Isis".

Aqui há três coisas que devemos notar:

(1) Não somos chamados a uma *batalha*; somos chamados a um *combate*, a uma campanha. A vida é uma longa campanha; um serviço do qual não há substituição. A vida não é uma luta curta e aguda depois da qual o homem pode deixar suas armas e descansar em paz; até o final dos dias a vida é uma combate interminável. Para mudar a metáfora, a vida não é uma carreira curta e rápida; é uma maratona. É ali onde entra o perigo da vida. É necessário estar sempre em guarda e vigilante. "A vigília eterna é o preço da liberdade".

As tentações da vida, as coisas equivocadas da vida, nunca deixam seu ataque e sua busca de uma fenda na armadura do cristão. Na vida cristã não há períodos de descanso. Um dos perigos mais comuns da vida é que procedamos uma série de espasmos. Temos períodos de verdadeiro esforço e de real campanha, e depois períodos nos quais deixamos que as coisas se deslizem. Devamos lembrar que somos convocados a uma batalha que dura todo o tempo que dure a vida.

(2) Timóteo é enviado a uma *bom combate*. Mais uma vez nos encontramos com a palavra *kalos*, tão usada nas Pastorais. Esta palavra não só significa algo que é bom e forte; também significa algo que é puro, atrativo, simpático e belo. O soldado de Cristo não é um recruta

que serve carrancudo, protestando contra sua vontade; é um voluntário que serve com uma certa cavalheiresca fidalguia. Não é um escravo do dever; é um servo da alegria.

(3) A Timóteo lhe ordena que leve duas armas como equipe.

(a) Deve levar a *fé*. Mesmo quando as coisas estejam mais escuras, deve ter fé na justiça essencial de sua causa, e fé no triunfo final de Deus. Foi a fé que sustentou John Knox quando se encontrava desesperado.

Uma vez quando era escravo nas galeras, o barco aproximou-se de St. Andrews. Estava tão fraco que teve que ser levantado em vela para que pudesse ver. Mostraram-lhe a torre da igreja e lhe perguntaram se a conhecia. "Sim, conheço-a bem", disse, "e estou persuadido de que, embora agora pareça muito fraco, não deixarei esta vida até que minha língua glorifique Seu nome divino nesse lugar." Descreve seus sentimentos em 1554 quando teve que fugir do país para escapar à vingança de Maria Tudor, "quando", como nos diz, "não só os não crentes, mas também até meus fiéis irmãos, sim, e eu mesmo, isto é, todo o entendimento natural, julgava que minha causa era irremediável." Logo continua: "A carne débil, oprimida pelo medo e a dor, desejava ser libertada, até aborrecendo e retirando-se da obediência. Oh irmãos cristãos, escrevo por experiência... Conheço as queixas e murmurações com que a carne se queixa; conheço a irritação, a ira, a indignação que concebe contra Deus, duvidando de todas suas promessas, e estando preparada a toda hora para falhar com Deus. *Contra o qual só fica a fé.*" O soldado cristão necessita na hora mais escura a fé que não se diminui.

(b) Deve levar a defesa da *boa consciência*. O que quer dizer que, o soldado cristão deve ao menos tentar viver de acordo com seu próprio ensino e sua própria doutrina. Ao menos deve ser capaz de dizer: "Sempre busquei praticar o que prego e viver o que ensino." Nossa mensagem perdeu sua virtude se nossa consciência nos condenar enquanto falamos.

UMA REPREENSÃO SEVERA**1 Timóteo 1:18-20 (continuação)**

A passagem fecha com uma repreensão severa a dois membros da Igreja cristã que tinham blasfemado contra a Igreja, entristecido a Paulo, e afundado suas próprias vidas. Himeneu volta a ser mencionado em 2 Timóteo 2:17; e Alexandre bem pode ser o Alexandre que é referido em 2 Timóteo 4:14. Paulo tem três queixas contra estes homens.

(1) Tinham rechaçado a guia da consciência. Tinham permitido que seus próprios anelos e desejos falassem com mais poder e persuasão que a voz de Deus. Faziam com que sua vontade, e não a de Deus, dirigisse suas vidas.

(2) Inevitavelmente tinham caído em más práticas. Visto que tinham abandonado a Deus, suas vidas se converteram em algo sórdido, degradado e sem valor. Quando Deus vai embora da vida, a beleza também se vai com Ele.

(3) Tinham começado a ensinar falsidades. Mais uma vez é quase inevitável. Quando um homem toma o caminho equivocado, seu primeiro impulso é encontrar justificações e desculpas para si mesmo. Toma os ensinamentos cristãos e os torce e tergiversa para sua conveniência. No que é correto encontra argumentos sutis e perversos para justificar o equivocado. Encontra argumentos nas palavras de Cristo para justificar o caminho do diabo. No momento em que um homem desobedece a voz da consciência, sua conduta se degrada e seu pensamento se tergiversa.

Assim, pois, Paulo continua dizendo que os entregou "a Satanás". Qual é o significado desta frase terrível? Não podemos estar seguros do que significa, mas há três possibilidades.

(1) Pode ser que esteja pensando na prática judaica da excomunhão. De acordo com o praticado nas sinagogas, se um homem fazia o mal em primeiro lugar era repreendido publicamente. Se isso fosse ineficaz, era expulso da sinagoga por trinta dias. Se ainda continuava obstinado em não arrepender-se, era posto sob um bando que o convertia numa

pessoa maldita, desterrada da sociedade dos homens e de comunhão com Deus. Em tal caso era bem possível dizer que o homem era entregue a Satanás.

(2) Paulo pode querer dizer que os expulsou da igreja, deixando-os livres no mundo. Numa sociedade pagã era inevitável que os homens estabelecessem uma linha dura e segura entre a Igreja e o mundo. A Igreja era o território que estava sob o império de Satanás. A frase pode significar que estes dois agitadores da Igreja foram abandonados ao mundo.

(3) Há uma terceira explicação que é a mais provável das três. Sustentava-se que Satanás era o responsável pelo sofrimento e pela dor humanas. Na Igreja de Corinto havia um homem que tinha sido culpado do terrível pecado de incesto. Paulo aconselhou que esse homem fosse entregue a Satanás "para destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus" (1 Coríntios 5:5). A idéia é que Igreja devia orar para que algum castigo caísse no homem de modo que, pela dor de seu corpo, pudesse recuperar o sentido. No caso de Jó foi Satanás que lhe trouxe o sofrimento físico (Jó 2:6-7). No Novo Testamento mesmo lemos o final terrível de Ananias e Safira (Atos 5:5, 10), a cegueira que caiu sobre Elimas porque se opôs ao evangelho (Atos 18:11). Bem pode ser que Paulo orasse para que estes dois homens fossem submetidos a algum castigo especial do céu, que fosse para eles uma advertência e um castigo.

Isto é tão mais provável porque a esperança de Paulo não é que estes homens fossem anulados e destruídos, mas sim fossem libertados de sua maldade por meio da disciplina. Para Paulo, como deveria ser para nós, o castigo nunca era uma vingança reivindicativa; era sempre uma disciplina que remediava. Seu fim nunca era ferir; sempre buscava curar.

1 Timóteo 2

[A universalidade do evangelho - 2:1-7](#)

[A maneira de orar - 2:1-7 \(cont.\)](#)

Oração por aqueles que estão em autoridade - 2:1-7 (cont.)

Os dons de Deus - 2:1-7 (cont.)

Um Deus e um Salvador - 2:1-7 (cont.)

Barreiras para a oração - 2:8-15

As mulheres na igreja - 2:8-15 (cont.)

A UNIVERSALIDADE DO EVANGELHO

1 Timóteo 2:1-7

Antes de começar a estudar esta passagem em detalhe devemos assinalar algo que se destaca nele de tal forma que ninguém pode deixar de vê-lo. Há poucas passagens no Novo Testamento que acentuam e sublinham desta maneira a universalidade do evangelho. Deve-se orar por *todos* os homens; Deus é o Salvador que deseja que *todos* os homens se salvem; Jesus deu sua vida em resgate por *todos*. Como escreve Walter Lock: "A vontade de Deus para salvar é tão ampla como sua vontade para criar."

Esta é uma nota que ressoa no Novo Testamento várias vezes. Através de Cristo, Deus estava reconciliando ao *mundo* consigo (2 Coríntios 5:18-19). Deus amou tanto o *mundo* que deu seu Filho (João 3:16). Jesus confiava em que, se ressuscitava da cruz, mais cedo ou mais tarde *todos* os homens seriam atraídos por Ele (João 12:38).

E. F. Brown ao escrever sobre esta passagem o chama "a carta constitucional do trabalho missionário". Diz que é a prova de que todos os homens são *capax dei*, capazes de receber a Deus. Poderão estar perdidos, mas eles são possíveis de encontrar. Poderão ser ignorantes, mas podem ser iluminados. Poderão ser pecadores, mas podem ser salvos. *capax dei*, o precursor do John Knox, escreve em sua tradução da Primeira Confissão a Suíça: "O fim e a intenção das Escrituras é declarar que Deus é benévolo e amistoso para com os homens; e que declarou essa bondade em e através de Jesus Cristo, seu único Filho; essa bondade se recebe por fé." Por esta razão a oração deve alcançar a todos. Deus

quer a todos os homens, e portanto a igreja de Deus deve querê-los também.

(1) O evangelho inclui os de acima e os de baixo. Tanto o imperador em seu poderio como o escravo em seu desamparo estão incluídos na extensão que abrange o evangelho. Tanto o filósofo em sua sabedoria como o homem singelo em sua ignorância necessitam a graça e a verdade que o evangelho pode dar. Dentro do evangelho não há distinções de classe. O rei e seu súdito, o rico e o pobre, o aristocrata e o camponês, o amo e o servo estão incluídos em seu abraço ilimitado.

(2) O evangelho inclui a *bons* e *maus*. Um perigo estranho chegou à Igreja nos tempos modernos. Pareceria que em muitos casos se tem por princípio que uma pessoa deve ser respeitável antes de ser admitida na Igreja, e que esta olhasse com desdém para pecadores que buscam entrar por suas portas. Em realidade é muito difícil para um pecador entrar na Igreja moderna sem ser branco de suspeitas, de questionamentos, de críticas, de olhava pouco amistosas, e sem ser a origem de críticas, condenações e curiosidade murmuradas e expressas publicamente. Mas o Novo Testamento é claro ao dizer que a Igreja existe não só para edificar ao bom, mas também para receber e salvar ao pecador.

Um dos grandes santos dos tempos modernos, e sem dúvida de todos os tempos, é Toyohiko Kagawa. Kagawa foi aos cortiços da Shinkawa para buscar homens e mulheres para Cristo. Viveu ali nos bairros imundos e depravados do mundo. W. J. Smart descreve a situação: "Seus vizinhos eram prostitutas sem licença, ladrões que alardeavam de seu poder para ser mais preparados que toda a polícia da cidade, e assassinos que não só estavam orgulhosos de seu assassinatos, mas também sempre estavam dispostos a aumentar seu prestígio local cometendo outro. Toda a pessoa doente, menos dotada ou criminal, vivia em condições de miséria abismal, em ruas plenas de imundície, onde os ratos se arrastavam fora das bocas-de-lobo para morrer. O ar estava sempre fétido. Uma jovem idiota que vivia ao lado da Kagawa tinha desenhos vis pintados em suas costas para atrair a homens luxuriosos a

sua pocilga. Por toda parte os corpos humanos apodreciam com sífilis." Kagawa amava pessoas como esta, e o mesmo acontece com Jesus Cristo, porque Ele ama de igual maneira a *todos* os homens sejam bons ou maus.

(3) O evangelho abrange a *cristãos e não-cristãos*. Deve-se orar por *todos*. Os imperadores, governadores e legisladores pelos quais esta Carta nos pede que oremos não eram cristãos; em realidade eram hostis para com a Igreja; e entretanto, deviam ser levados a trono da graça pelas orações da Igreja. Para o verdadeiro cristão não existem inimigos em todo este mundo. Ninguém fica fora de seu coração, porque ninguém está fora do amor de Cristo, e ninguém fora do propósito de Deus, que quer que *todos* sejam salvos.

A MANEIRA DE ORAR

1 Timóteo 2:1-7 (continuação)

Nesta passagem se agrupam quatro palavras diferentes que significam oração. É certo que não se as pode distinguir de maneira nítida; entretanto, quando as examinamos, cada uma delas tem algo que nos dizer a respeito da maneira de orar.

(1) Em primeiro lugar vem a palavra *deesis*, que se traduz *súplica*. *Deesis* não é exclusivamente uma palavra religiosa; pode ser utilizada para referir-se a uma súplica feita tanto a um semelhante como a Deus. Mas a idéia fundamental de *deesis* é o sentimento de necessidade. Ninguém suplicará a não ser que o sentimento da necessidade tenha despertado o desejo de fazer essa súplica. A oração começa com um sentimento de necessidade. Começa com a convicção de que não podemos nos entender solos com a vida. Começa com o sentimento de nossa própria insuficiência, da fraqueza humana. O sentimento de fraqueza humana é a base de toda a aproximação humana a Deus. A oração começa com a tira de consciência do desamparo da humanidade.

(2) A segunda palavra é *proseuche*, que se traduz por *oração*. A diferença básica entre *deesis* e *proseuche* é que a primeira pode estar dirigida tanto ao homem como a Deus, enquanto que a segunda nunca se usa para outra coisa senão para uma aproximação a Deus. Há certas necessidades que só Deus pode satisfazer, que só podem ser levadas perante Ele. Existe uma força que só Ele pode outorgar; um perdão que só Ele pode conferir; uma segurança que só Ele pode conceder. Bem pode ser que nossas fraquezas nos persigam porque muitas vezes levamos nossas necessidades ao lugar equivocado.

(3) A terceira palavra é *enteuxis*, que se traduz por *petição*. Das três palavras mencionadas, esta é a mais interessante. Tem uma história muito atrativa. É o substantivo do verbo *entugchanein*. Originalmente este verbo significava simplesmente *encontrar-se*, ou *estar de acordo com* uma pessoa; depois adquiriu um significado especial e técnico: significou *entrar na presença de um rei e lhe apresentar uma petição*. *Enteuxis* adquiriu o significado técnico de uma petição apresentada perante um governador ou um rei. Isto diz muito a respeito da oração. Assinala-nos que o caminho a Deus está aberto para nós; que se nos outorgou este dom inapreciável de falar com Deus na intimidade; que temos o direito de levar nossas petições perante um Rei. O cristão é o homem que tem o direito de levar suas necessidades perante a presença real de Deus. É impossível pedir uma graça muito grande do Rei.

(4) A quarta palavra é *eucaristia*, que se traduz *ações de graças*. Seu significado é uma parte integral da oração. Orar não só significa pedir coisas a Deus; também significa agradecer-lhe por tudo. Para muitos de nós a oração é um exercício de queixas, quando teria que ser *um* exercício em ação de graças. Epicteto, que não era cristão, mas sim um filósofo estóico, costumava dizer: "O que posso fazer eu, que sou um pobre velho coxo, senão agradecer a Deus?" Temos o direito de trazer nossas necessidades, nossos desejos e nossos pedidos perante Deus; mas também temos o dever de trazer continuamente perante Ele nossas ações de graças.

ORAÇÃO POR AQUELES QUE ESTÃO EM AUTORIDADE**1 Timóteo 2:1-7 (continuação)**

Esta passagem de maneira definida e distintiva ordena a oração pelos reis e os imperadores e todos aqueles que estão em autoridade. Este era um princípio básico na oração da comunidade cristã. Os imperadores podiam ser perseguidores. Aqueles que tinham autoridade podiam estar decididos a apagar para sempre à Igreja cristã. Mas nunca os cristãos, até nas épocas de perseguições mais cruentas, cessaram de orar por eles.

É extraordinário rastrear como através de todos os dias da Igreja primitiva, aqueles dias de perseguição terrível, a Igreja ainda considerava como um dever absoluto orar pelo imperador e seus reis e governadores subordinados. Pedro disse: "Temei a Deus, honrai o rei" (1 Pedro 2:17), e devemos lembrar que o imperador nesse momento não era outro que Nero, um monstro de crueldade.

Tértulo insiste em que os cristãos oravam pedindo para seu imperador "uma longa vida, um domínio seguro, um lar a salvo, um senado fiel, um povo justo, e um mundo em paz" (*Apologia* 30). Escreveu: "Oramos por nossos governantes, pela paz de todas as coisas e para que se posponha o fim" (*Apologia* 39). Escreve: "O cristão não é inimigo de ninguém, e menos ainda do imperador, porque sabemos que, devido ao fato de que foi nomeado por Deus, é necessário que o amemos e reverenciemos, lhe rendamos honras, e lhe desejemos segurança, junto com todo o Império Romano. Portanto nos sacrificamos pela segurança do imperador" (*Ad Scapulam* 2). Cipriano, ao escrever ao Demétriano, fala da Igreja cristã como: "Sacrificando e apaziguando a Deus noite e dia por sua paz e segurança" (*Ad Demetrianum* 20).

No ano 311 d.C. o imperador Galério pediu as orações dos cristãos, e lhes prometeu misericórdia e indulgência se oravam pelo Estado. Taciano escreve: "Ordena-nos o imperador que paguemos tributo? Voluntariamente o oferecemos. Pede-nos a autoridade que lhe prestemos serviço ou servidão? Admitimos nossa servidão. Mas se um

homem deve ser respeitado como corresponde a um homem, só Deus deve ser reverenciado" (*Apologia* 4). Teófilo de Antioquia escreve: "A honra que outorgo ao Imperador é ainda maior, porque não o adorarei, mas orarei por ele. Não adorarei a ninguém mas sim ao Deus verdadeiro e real, porque sei que o imperador foi nomeado por Ele... Aqueles que honram verdadeiramente ao imperador são aqueles que estão bem dispostos para com ele, que lhe obedecem e que oram por ele" (*Apologia* 1:11).

Justino Mártir escreve: "Adoramos somente a Deus, mas em todas as outras coisas servimos prazerosos, reconhecendo os reis e autoridades dos homens, e orando por que se encontre com uma razão pura com poder real" (*Apologia* 1:14,17).

A oração mais grandiosa por um imperador encontra-se na Primeira Epístola de Clemente de Roma à Igreja de Corinto que foi escrita pelo ano 90 d.C. quando a selvageria de Domiciano estava ainda fresca na mente dos homens:

"Tu, Senhor e Mestre, outorgaste a nossas autoridades e governadores o poder da soberania através de sua força excelente e inefável, para que nós, conhecendo a glória e a honra que lhes deste, submetamos a eles, não resistindo sua vontade em nada. Portanto, outorga-lhes, oh Deus, saúde, paz, concórdia, estabilidade, que possam administrar o governo que lhes deste sem falhar. Porque Tu, oh Mestre celestial, Rei dos Séculos, outorga aos filhos dos homens glória, honra, e poder sobre todas as coisas que estão sobre a Terra. Dirige, Senhor, seu conselho de acordo, administrando o poder que lhes deste, em paz e mansidão com piedade, obtenham seu favor. Oh Tu, que és capaz de fazer estas coisas por nós, e coisas que excedem muito mais o bem que estas, louvamos-te através do Sumo sacerdote e Guardião de nossas almas, Jesus Cristo, por quem é a ti a glória e a majestade agora como através de todas as gerações, e para sempre jamais. Amém" (1 Clemente 61).

A Igreja sempre considerou como um dever moral orar por aqueles que tinham autoridade sobre os reinos da Terra. A Igreja apresentava até a seus perseguidores perante o trono da graça.

OS DONS DE DEUS**1 Timóteo 2:1-7 (continuação)**

A Igreja orava pedindo certas coisas para aqueles que estavam em autoridade.

(1) Sua oração era “vivamos vida tranqüila e mansa”. Era a oração por um período de paz, livre e de guerras, de rebeliões, de tudo o que pudesse perturbar a paz do reino. Esta é a oração de um bom cidadão por seu país.

(2) Mas a Igreja orava por muito mais que isso. Orava por que pudesse viver em "piedade e honestidade". Aqui nos vemos confrontados com duas grandes palavras que são a chave das Epístolas Pastorais. São palavras que descrevem as qualidades que não só a autoridade, mas também o cristão devem desejar.

Primeiro, *piedade*, que é *eusebei*. Esta é uma das palavras gregas grandiosas e quase intraduzíveis. Descreve a reverência para com Deus e rumo ao homem. Descreve aquela atitude mental do que respeita ao homem, honra a Deus e se respeita a si mesmo. Eusébio a define como "reverência ao único e só Deus, e o tipo de vida que Ele desejaria que levássemos". Para os gregos, Sócrates era o grande exemplo de *eusebeia*, e Xenofonte descreve a Sócrates nos seguintes termos: "Tão piedoso e devotamente religioso que não se fez sequer uma injúria sem importância a nenhum ser vivente; tão controlado, tão moderado, que nunca em nenhum momento escolheu o doce em lugar do amargo; tão sensível, sábio e prudente que jamais errou em distinguir o melhor do pior" (Xenofonte, *Memorabilia*, 4, 8, 11).

Esta palavra *eusebeia* se aproxima muito da grande palavra latina *pietas*. Warde Fowler descreve assim a *pietas* romana: "A qualidade conhecida pelos romanos como *pietas* se levanta, apesar da prova e a dor, por cima das seduções das paixões e a comodidade egoísta. A *pietas* de Enéias se converteu num sentido do dever à vontade dos deuses, como assim também a seu pai, seu filho e seu povo; e este dever nunca o

abandona." Evidentemente esta *eusebeia* é algo tremendo. Nunca esquece a reverência que se deve a Deus; nem tampouco os direitos que se devem aos homens; nem o respeito que devemos a nós mesmos. Vive sempre consciente do dever humano e divino. Descreve o caráter do homem que jamais lhe falha a Deus, nem ao homem, nem a si mesmo.

Em segundo lugar, está a honestidade, que é *semnotes*. Mais uma vez nos encontramos no reino do intraduzível. O adjetivo correspondente *semnos* aplica-se constantemente aos deuses.

R. C. Trench diz que o homem que é *semnos* "tem sobre si uma graça e uma dignidade que não são outorgadas pela Terra". Diz que é alguém que "sem pedir desafia e inspira reverência". Aristóteles foi o grande mestre ético dos gregos. Tinha a peculiaridade de descrever todas as virtudes como o meio entre dois extremos. Por um lado encontrava-se o extremo do excesso, e do outro o extremo do defeito, e entre eles, o meio, a feliz metade, na qual descansava a virtude. Assim descreve Aristóteles a *semnotes*. Diz que é o termo médio entre *areskeia*, que significa *subordinação*, e *authadeia*, que é *arrogância*. Podemos dizer que para o homem que é *semnos* toda a vida é um longo ato de adoração; vive toda sua vida na presença de Deus; move-se no mundo, como se estabeleceu, como se este fosse o templo do Deus vivente. Nunca se esquece da divindade de Deus nem da dignidade do homem. É o homem que possui uma atitude correta para com Deus e os homens.

Estas são duas grandes qualidades reais, mas que todos devem cobiçar e pelas quais todos devem orar.

UM DEUS E UM SALVADOR

1 Timóteo 2:1-7 (continuação)

Paulo conclui esta passagem com uma afirmação das maiores verdades da fé cristã.

(1) Há um só Deus. Não vivemos num mundo como o produzido pelos gnósticos quando inventavam suas teorias a respeito dos dois

deuses, hostis entre si. Não vivemos num mundo como aquele que produziam os pagãos quando inventavam uma horda de deuses, muitas vezes em competição e guerra entre si. Os missionários nos relatam que um dos alívios maiores que o cristianismo brinda aos pagãos é a convicção de que há um só Deus. Antes disso, vivem num mundo apossado por centenas de deuses; nunca podem saber quando omitiram as honras que determinado deus merece, e dessa maneira o ofenderam. Vivem permanentemente aterrorizados pelos deuses. Quando descobrem que existe um só Deus cujo nome é Pai e cuja natureza é o amor, eles se sentem libertados e emancipados.

(2) Há um só Mediador. Até os judeus teriam dito que há muitos mediadores entre Deus e os homens. Um mediador é uma pessoa que age entre duas partes para reuni-las. Os judeus teriam dito que os anjos são mediadores. *O Testamento de Dan* (6:2) diz: "Lembra-te a Deus, e ao anjo que intercede por ti, porque ele é o mediador entre Deus e o homem." Os gregos diriam que há toda classe de mediadores. Plutarco disse que era um insulto para um Deus conceber que de algum modo estava envolto diretamente com o mundo; estava-o só através dos anjos e os demônios, dos semideuses aqueles que eram, por assim dizer, seus oficiais de comunicação entre Ele e o mundo. Nem no pensamento judeu nem no grego o homem tinha acesso *direto* a Deus. Mas, através de Jesus Cristo, o cristão tem acesso direto a Deus, sem que nada intercepte o caminho entre ambos. Além disso, há *um só* Mediador.

E. F. Brown nos relata que isso é o que se torna tão difícil de entender aos hindus. Custa-lhes crer que Deus só tenha um método de salvação para toda a humanidade. Dizem: "Sua religião é boa para vocês e a nossa para nós." Mas a não ser que houvesse um Deus e um Mediador não poderia existir a irmandade entre os homens. Se houver muitos deuses e muitos mediadores significa que todos eles competem pela fidelidade, a obediência e o amor dos homens. A religião se converte em algo que divide os homens em lugar de uni-los. Devido ao

fato de que existe um Deus e um Mediador os homens são irmãos uns dos outros.

Assim, pois, Paulo continua chamando Jesus aquele que deu-se a si mesmo em resgate por todos. Isto significa simplesmente que custou a Deus a vida e a morte de seu próprio Filho para que os homens voltassem para Ele.

Havia uma vez um homem que perdeu a seu filho na guerra. Tinha sido um homem que vivera uma vida descuidada e até sem Deus; mas a morte de seu filho o levou a repensar, e o enfrentou com Deus de uma maneira que jamais tinha experimentado em toda sua vida. Converteu-se num homem mudado. Um dia estava de pé diante do monumento aos caídos na guerra de sua cidade, olhando o nome de seu filho inscrito nele. E disse muito brandamente: "Creio que tinha que cair para que eu me levantasse." Isso é o que fez Jesus; custou a vida, a morte, a dor e o sacrifício de Jesus Cristo falar com os homens do amor de Deus e trazê-los de novo a Ele.

Logo Paulo diz certas coisas a respeito de si mesmo. Reclama para si quatro funções.

(1) É um *pregador* da história de Jesus Cristo. Um pregador é um homem que proclama a verdade. É um homem que afirma algo e diz: "Isto é verdade." É alguém que brinda uma proclamação que não é própria, mas sim provém do Rei.

(2) É uma *testemunha* da história de Jesus. Uma testemunha é uma pessoa que diz: "Isto é certo, e eu sei." Uma testemunha é um homem que diz não apenas: "É certo", mas também: "Isto dá resultado." É um homem que conta, não apenas a história de Cristo, mas também a história do que Cristo fez por ele.

(3) É um *apóstolo*. Um apóstolo é alguém cuja tarefa é encomendar e representar a seu país numa nação estrangeira. Um apóstolo no sentido cristão é portanto alguém que encomenda a história de Cristo a outros. Deseja comunicar essa história a outros, de maneira que signifique tanto para outros como para ele.

(4) É um *mestre*. O *pregador* é a pessoa que proclama os fatos; a *testemunha* é a que proclama o poder dos fatos; o *apóstolo* é aquele que encomenda os fatos; o *mestre* é aquele que guia aos homens a obter o significado dos fatos. Não é suficiente saber que Cristo viveu e morreu; devemos pensar o que significaram essa vida e essa morte. O homem tem tanto cabeça como coração; tem tanto cérebro como emoções; tem tanto intelecto como sentimentos. Não só deve sentir a maravilha da história de Cristo; deve pensar um significado para si mesmo e para o mundo.

BARREIRAS PARA A ORAÇÃO

1 Timóteo 2:8-15

A Igreja primitiva adotou a atitude judia para orar. Os judeus oravam de pé, com as mãos abertas com as palmas para cima. Mais tarde Tertuliano diria que essa atitude para orar representava a postura de Jesus na cruz.

Os judeus tinham conhecido sempre as barreiras que impediam que as orações dos homens negassem a Deus. Isaías escutou a Deus lhe dizer ao povo: “Quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue” (Isaías 1:15). Aqui também se exigem certas coisas.

(1) Aquele que ora deve estender e levantar mãos limpas. Deve elevar a Deus mãos que não tocam ou manipularam coisas proibidas. Isto não significa absolutamente que o pecador está privado do acesso a Deus; significa que não há verdade nas orações do homem que ora e logo sai a sujá-las mãos com coisas proibidas, como se nunca tivesse orado. Não se refere ao homem que está desamparadamente nas garras de algum pecado, de alguma paixão, de algum hábito e que está lutando contra eles desesperadamente, e que está consciente com amargura de seu fracasso, mas sim que se refere ao homem cujas orações são um

mero formalismo, que ora e logo sai a viver como se nunca tivesse orado.

(2) Aquele que ora não deve ter ira em seu coração. Tem-se dito que "o perdão é indivisível". O perdão humano e divino andam de mãos dadas. Várias vezes Jesus sublinha o fato de que não podemos esperar receber o perdão de Deus enquanto guardemos rancor e estejamos inimizados com nossos semelhantes. "Se, pois, ao trazes ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta" (Mateus 5:23-24). "Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas" (Mateus 6:15). Jesus relata a história do que sucedeu ao servo que não perdoou, como ele mesmo não encontrou perdão, e logo termina dizendo: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mateus 18:35). Para ser perdoados, devemos perdoar.

A *Didachê*, que é o manual de culto público cristão mais antigo, e que data de cerca do ano 100 d.C, diz: "Que ninguém que tenha contenda com seu semelhante se achegue a nós, até que não se tenham reconciliado." O rancor no coração do homem é uma erva maligna.

(3) Aquele que ora não deve ter *contenda*. Esta palavra pode significar duas coisas. A palavra utilizada é *dialogismos*, que pode significar tanto *contenda* como *dúvida*. Se tomarmos no sentido de *contenda*, repetiria simplesmente o que se disse anteriormente. Reafirmaria nada mais o fato de que o rancor, as brigas, as discussões irritantes, e os debates venenosos são um obstáculo para a oração. É melhor interpretá-lo no sentido de *dúvida*. Antes de a oração ser respondida deve existir a crença de que Deus responderá. Se o homem ora sem esperanças e com pessimismo, se ora sem crer realmente que a oração tem um propósito, então sua oração cairá sem asas ao solo. Antes que um homem possa ser curado, deve crer que poderá sê-lo; antes de que o homem possa agarrar-se da graça de Deus, deve crer nela.

Devemos levar nossas orações perante Deus com a confiança plena em que Deus é o Deus que escuta e responde as orações.

AS MULHERES NA IGREJA

1 Timóteo 2:8-15 (continuação)

A segunda parte desta passagem trata a respeito do lugar das mulheres na Igreja. Esta passagem não se pode ler fora de seu contexto histórico. Surge inteiramente da situação na qual foi escrito. Está escrito sobre o pano de fundo de duas circunstâncias que a antecedem.

(1) Está escrito sobre um pano de fundo judeu. Para os olhos judeus, as mulheres *oficialmente* tinham uma posição muito baixa. É certo que nenhuma nação dava à mulher um lugar tão grande como o judeu no lar e nos assuntos familiares. Mas oficialmente a posição da mulher era muito baixa. Na lei judia a mulher não era uma pessoa; era uma coisa. Estava inteiramente à disposição de seu marido ou de seu pai. Era-lhe proibido aprender a Lei; instruir a uma mulher na Lei era como jogar pérolas aos porcos. As mulheres não tinham parte no serviço da sinagoga; estavam separadas, não podiam ser vistas, e não se lhes permitia participar do serviço. O homem ia à sinagoga para *aprender*; mas a mulher, no máximo, ia escutar. Na sinagoga a leitura das Escrituras era realizada por membros da congregação; mas não por mulheres, porque isso teria sido diminuir "a honra da congregação". À mulher estava absolutamente proibido ensinar numa escola; não podia nem sequer ensinar os meninos menores. A mulher estava excetuada das demandas estabelecidas da Lei. Não lhe era obrigatório assistir às festividades e festivais sagrados. Eram classificados juntos às mulheres, os escravos e os meninos. Na oração matinal judaica o homem agradecia a Deus por não tê-lo feito "um gentio, um escravo ou uma mulher".

Nos *Afirmações dos Pais* se citam estas palavras do rabino José Ben Johanan: "Sua casa esteja totalmente aberto, e deixem que os pobres sejam sua família, e falem pouco com uma mulher." Disse-o referindo-se

à sua própria mulher, e mais ainda no caso da mulher de um companheiro. Porque os sábios disseram: "Todo aquele que fala muito com uma mulher se causa mal a si mesmo, e desiste das tarefas da Lei, e seu fim é que herda o Geena."

Um rabino estrito nunca saudava uma mulher na rua, nem sequer a sua própria mulher nem a sua filha, nem a sua mãe, nem a sua irmã. Dizia-se a respeito das mulheres: "Sua tarefa é a de enviar aos meninos à sinagoga; atender os assuntos domésticos; deixar a seu marido livre para que estude nas escolas; manter sua casa até que ele volte." Devemos lembrar que a Igreja surgiu num meio judeu como este.

(2) Está escrito sobre um pano de fundo grego. Estes antecedentes faziam que as coisas fossem duplamente dificultosas. O lugar das mulheres dentro da religião grega era baixo. O templo de Afrodite em Corinto tinha mil sacerdotisas que eram prostitutas sagradas e que todas as noites ofereciam sua mercadoria nas ruas da cidade. O templo de Diana em Éfeso tinha cem sacerdotisas chamadas *Melissae*, que significa as *abelhas*, e cuja função era a mesma.

A mulher grega respeitável levava uma vida de fechamento. Vivia em suas próprias habitações nas que ninguém podia entrar salvo seu marido. Nem sequer estava presente nas refeições. Nunca aparecia sozinha na rua; nunca ia a uma assembléia pública, e menos ainda falava ou tomava parte ativa em tais assembléias. O fato é que se numa cidade grega as mulheres cristãs tivessem tomado parte ativa, falado e ensinado na tarefa da Igreja cristã, a Igreja inevitavelmente houvesse ganho a reputação de ser o ponto de reunião de mulheres perdidas e imorais. O certo é que em nenhuma sociedade grega se poderiam ter estabelecido outras normas como estas.

O que é pior, na sociedade grega havia mulheres cuja vida consistia em elaborar adornos e galões para o cabelo. Em Roma, Plínio nos conta a respeito de uma noiva, Lolia Paulina, cujo vestido de bodas custou o equivalente a cem mil dólares. Até os gregos e os próprios romanos estavam surpreendidos pelo amor ao vestido, ao desdobramento e aos

adornos que caracterizava a algumas de suas mulheres. As grandes religiões gregas eram chamadas religiões de Mistérios, e tinham precisamente as mesmas normas a respeito do vestido. Há uma inscrição que diz o seguinte: "Uma mulher consagrada não levará ornamentos de ouro, nem cabelo trancado, nem *rouge*, nem branqueará o rosto, nem usará vinchas, nem sapatos, exceto aqueles feitos de feltro ou dos couros dos animais sacrificados."

A Igreja cristã não estabeleceu estas normas para que fossem permanentes, mas sim como coisas que eram necessárias na situação na que se encontrava a Igreja primitiva.

Em todo caso, a situação tem outro aspecto. Bem pode ser que na velha história seja a mulher a que foi criada em segundo lugar, e foi ela a que caiu perante a sedução da serpente que era o tentador; mas foi Maria de Nazaré a que deu a luz e educou o menino Jesus; foi Maria de Magdala a primeira em ver o Senhor Ressuscitado; foram quatro mulheres as que, de todos os discípulos, estiveram ao lado da cruz. Priscila com seu marido Áqüila era uma mestra apreciada na Igreja primitiva, uma mestra que guiou a Apolo no conhecimento da verdade (Atos 18:26). Evódia e Síntique, apesar de sua desavença, eram mulheres que trabalhavam no evangelho (Filipenses 4:2-3). Filipe, o evangelista, tinha quatro filhas que eram profetisas (Atos 21: 9). As mulheres anciãs podiam ensinar (Tito 2:3). Paulo considerava com alta honra a Lóide e Eunice (2 Timóteo 1:5), e muitos nomes de mulheres são mencionados com alta estima em Romanos 16.

Todas as coisas das que se fala neste capítulo são simples normas transitivas estabelecidas para enfrentar uma situação dada. Se queremos conhecer a perspectiva real e permanente de Paulo sobre este assunto, temo-la em Gálatas 3:28: "Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus". Em Cristo se apagam as diferenças de lugar, honra, prestígio e função dentro da Igreja.

E entretanto, esta passagem finaliza com uma grande verdade. As mulheres, diz, se salvarão gerando filhos. Há dois significados possíveis nisto. Seria levemente possível que esta fosse uma referência ao fato de que Maria, uma mulher, foi a mãe de Jesus. Pode ser que signifique que as mulheres serão salvas — como todos o serão — pelo ato supremo de gerar filhos pelo qual o Filho de Deus nasceu no mundo. Mas é muito mais provável que o significado desta passagem seja mais simples; e que signifique que as mulheres encontrarão a vida e a salvação, não indo a reuniões, nem falando perante elas, mas na maternidade, que é sua coroa. Seja como for, a mulher é rainha dentro de seu lar.

Não devemos ler esta passagem como uma barreira à tarefa e serviço da mulher dentro da Igreja; devemos fazê-lo à luz de seu pano de fundo judeu e da situação numa cidade grega. E devemos buscar o pensamento permanente de Paulo na passagem que nos diz que se apagaram as diferenças, e que os homens e as mulheres, os escravos e os homens livres, os judeus e os gentios, todos são aptos para servir a Cristo.

1 Timóteo 3

Os líderes da igreja - 3:1-7

A nomeação e os deveres dos líderes
da igreja - 3:1-7 (cont.)

O caráter do líder cristão - 3:1-7 (cont.)

O caráter do líder cristão - 3:1-7 (cont.)

O caráter do líder cristão - 3:1-7 (cont.)

Os homens do serviço cristão - 3:8-10, 12-13

Mulheres que servem na igreja - 3:11

O privilégio e a responsabilidade da vida
dentro da igreja - 3:14-15

Um hino da igreja - 3:16

OS LÍDERES DA IGREJA**1 Timóteo 3:1-7**

Esta é uma passagem muito importante do ponto de vista do governo da Igreja. Refere-se ao homem que algumas versões chamam *bispo*, e outras *supervisor*.

No Novo Testamento há duas palavras que descrevem os principais funcionários da Igreja, aqueles que se encontram em todas as congregações, e de cuja conduta e administração depende o bem-estar destas congregações.

(1) Havia um homem que era chamado *ancião* (*presbyteros*). O de ancião é um dos postos mais antigos dentro da Igreja. Os judeus tinham seus anciãos, e fixam em suas origens na ocasião em que Moisés, no deserto, nomeou a setenta homens para lhe ajudar na tarefa de controlar e cuidar de seu povo (Números 11:16). Cada sinagoga tinha seus anciãos, e estes eram os verdadeiros líderes da comunidade judia. Presidiam o culto na sinagoga; repreendiam e disciplinavam quando era necessário; conciliavam as disputas, as contendas e os casos que em outras nações tivessem sido levados aos tribunais. Entre os judeus os anciãos eram os homens respeitados que exercitavam sua supervisão paternal sobre os assuntos espirituais e materiais de cada comunidade judia. Mas havia mais nações além de judia que contavam com anciãos. O corpo que presidia os espartanos era chamado a *gerousia*, que significa *a junta dos anciãos*. O Parlamento romano era chamado o *senado*, que provém de *senex*, que significa *homem ancião*. Na Inglaterra os homens que tinham a seu cargo os assuntos da comunidade se chamavam *alderman*, que significa *anciãos*. No Egito na época do Novo Testamento todas as vilas egípcias tinham seus anciãos que estavam a cargo dos assuntos da comunidade. A instituição dos anciãos tinha uma longa história, e também um lugar na vida de quase todas as comunidades.

(2) Mas algumas vezes o Novo Testamento utiliza outra palavra: a palavra *episkopos*, bispo, que literalmente significa *supervisor*, ou

superintendente. Esta palavra também tem uma história longa e honorável. A Setenta, a versão grega das escrituras judias, utiliza-a para descrever aqueles que eram *mestres de obra*, que fiscalizavam as obras públicas e os planos de edificação públicos (1 Crônicas 34:17). Os gregos a utilizavam para descrever aos homens que estavam atribuídos para sair da cidade mãe para regular os assuntos de uma colônia recentemente fundada em algum lugar distante. Utilizavam-na para descrever o que chamaríamos *comissionados*, que eram nomeados para regular os assuntos de uma cidade. Os romanos a utilizavam para descrever aos magistrados que estavam nomeados para fiscalizar a venda de mantimentos na cidade de Roma. Utiliza-se para referir-se aos delegados especiais nomeados pelo rei para ver que as regras, leis e normas que ele tinha estabelecido se cumprissem. Esta palavra *episkopos* sempre implica duas coisas. Em primeiro lugar, implica fiscalizar alguma área ou esfera de trabalho; em segundo lugar, implica *responsabilidade* para com algum poder ou autoridade mais altos. É uma palavra com uma história honorável e responsável.

A grande pergunta que surge aqui é: Qual era na Igreja primitiva a relação entre o ancião, o *presbyteros*, e o supervisor, o *episkopos*, o *bispo*?

A erudição moderna é virtualmente unânime em sustentar que na Igreja primitiva o *presbyteros* e o *episkopos*, o ancião e o bispo, eram a mesma pessoa. Os fundamentos desta identificação são os seguintes:

(a) Em todas as partes se nomeavam anciãos. Depois da primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé nomearam anciãos em todas as Igrejas que tinham baseado (Atos 14:23). Instrui-se a Tito para que nomeie e ordene anciãos em todas as cidades de Creta (Tito 1:5).

(b) As condições dos *presbyteros* e dos *episkopos* são idênticas (1 Timóteo 3:2-7; Tito 1:6-9).

(c) No começo de Filipenses, as saudações de Paulo vão dirigidas aos bispos e aos diáconos (Filipenses 1:11). Como já vimos, estavam em

todas as Igrejas; portanto os *bispos* e os *anciãos* devem ser o mesmo grupo de pessoas.

(d) Quando Paulo estava realizando sua última viagem a Jerusalém mandou buscar os *anciãos* de Éfeso para encontrar-se com ele em Mileto (Atos 20:17), e no curso de sua conversação lhes diz que Deus lhes constituiu *supervisores*, *episkopoi*, bispos, para alimentar à Igreja de Deus (Atos 20:28). O que quer dizer que Paulo fala precisamente com mesmo corpo de homens, primeiro como *anciãos*, e em segundo lugar, como bispos ou supervisores.

(e) Quando Pedro escreve a seu povo dirige-se a eles como um *ancião* a *anciãos* (1 Pedro 5:1), e logo continua dizendo que sua função é a de *apascentar* a grei de Deus (1 Pedro 5:2), e a palavra que utiliza é o verbo *episkopein* do que deriva a palavra *episkopos*, bispo. Toda a evidência que temos da época do Novo Testamento prova que o *presbyteros* e o *episkopos*, o ancião e o bispo ou supervisor, são a mesma pessoa.

Surgem duas perguntas. Primeiro, se eram o mesmo, por que lhes é dado dois nomes diferentes? A resposta é que *presbyteros*, ancião, descreve os líderes da Igreja tal como eram pessoalmente. Eram homens anciãos, os mais velhos, e os membros respeitados da comunidade. Por outro lado, a palavra *episkopos*, bispo, supervisor, descreve *sua função e sua tarefa*, que era a de fiscalizar e agir como superintendente da vida e a tarefa da Igreja. A primeira palavra descreve o homem; a segunda sua função.

A segunda pergunta é: se o ancião e o bispo eram originalmente um só, por que o bispo chegou a ser o que é? A resposta é simples. Inevitavelmente o corpo de anciãos requeria um líder. Era inevitável e essencial que surgisse alguém que dirigisse e presidisse. Quanto mais organizada esteve a Igreja, mais necessária se fez essa figura, e teve que surgir. E o ancião que me sobressaía como dirigente chegou a ser chamado o *episkopos*, o *supervisor*, da Igreja. Mas devemos notar que era simplesmente um líder entre seus iguais. Em realidade, era o ancião

a quem as circunstâncias e as qualidades pessoais combinadas o levaram a ser líder.

Podemos ver porque traduzir no Novo Testamento *episkopos* pela palavra *bispo*, agora dá ao vocábulo um significado equivocado e que leva a mal-entendidos. É melhor traduzi-lo por *supervisor* ou *superintendente*.

A NOMEAÇÃO E OS DEVERES DOS LÍDERES DA IGREJA

1 Timóteo 3:1-7 (continuação)

Esta passagem é interessante, além disso, porque nos relata algo a respeito do nomeação, os deveres e das condições de serviço dos líderes da Igreja.

(1) Eram apartados oficial e formalmente para sua função. Tito devia ordenar anciãos em todas as Igrejas (Tito 1:5). Aquele que ocupava uma acusação na Igreja não é nomeado em segredo; é ordenado e afastado para suas funções em público. Todos conhecem sua posição, e para os homens ele representa a Igreja; a honra da Igreja se deposita publicamente em suas mãos.

(2) Deviam passar por um período de prova. Em primeiro lugar deviam ser provados (1 Timóteo 8:10). Ninguém constrói uma ponte nem fabrica uma peça de maquinaria com metal que não foi exposto a provas. A Igreja faria bem em ser mais estrita do que é ao provar àqueles que são escolhidos para exercer sua direção.

(3) Era-lhes pago pela tarefa que tinham que fazer. O operário é digno de seu salário (1 Timóteo 5:18). O dirigente cristão não trabalha pelo pagamento, mas tem que viver, e o dever da Igreja que o escolhia para a tarefa era proporcionar-lhe os meios de vida.

(4) Os podia censurar (1 Timóteo 5:19-22). Na Igreja primitiva o encarregado tinha uma dobro função. Na verdade, era o líder e o diretor da Igreja; mas era também o servo e o funcionário da Igreja. Devia manter a atitude do que não deve prestar contas perante ninguém. Deve

lhe render contas a Deus e às pessoas sobre a qual Deus lhe deu a tarefa de presidir.

(5) Tinham a tarefa de *presidir* a assembléia cristã e de *ensinar* à congregação (1 Timóteo 5:17). O funcionário cristão tem a dupla tarefa de *administrar* e *instruir*. Bem pode ser que uma das tragédias da Igreja moderna seja que a função administrativa de seus funcionários usurpou quase por completo a função de ensinar. Por exemplo, é triste ver quão poucos anciãos da Igreja estão comprometidos ativamente na tarefa de ensino nas escolas dominicais.

(6) Um conselho muito interessante é que os funcionários das Igrejas *não sejam neófitos, pessoas recentemente convertidas*. dão-se duas razões para isto. A primeira delas é bastante clara. É "não seja que envaidecendo-se..." A segunda razão não é tão clara. Como diz nossa versão: "... caia na condenação do diabo". Há três explicações possíveis para essa frase estranha.

(a) O orgulho causou a queda do diabo. O orgulho fez com que Lúcifer se rebelasse contra Deus, e fora expulso do céu. E pode ser que esta seja simplesmente uma segunda advertência contra o perigo do orgulho.

(b) Pode significar que, se o converso adiantado muito rapidamente faz-se culpado de orgulho, dá-lhe ao diabo uma oportunidade para elevar suas acusações contra ele. Um funcionário eclesiástico presunçoso dá ao diabo oportunidade de dizer, aos que criticam à Igreja: "Olhem! Ali está seu cristão! Ali está o membro de sua Igreja! Assim é um funcionário!" O funcionário que é culpado de orgulho dá ao diabo a oportunidade de sussurrar sua acusação contra a Igreja no ouvido daqueles para os que toda oportunidade é boa para criticar à Igreja.

(c) A palavra *diabolos* tem dois significados. Significa *diabo*. Mas também significa *caluniador*. É em realidade a palavra que se utiliza para dizer *caluniador* no versículo 11, na frase em que se proíbe às mulheres ser caluniadoras. Assim, pois, esta frase pode significar que a pessoa recém convertida, que foi escolhida para ocupar um cargo, e que

a conduta indigna é munição para aqueles que estão mal dispostos para com a Igreja e a criticam. Não importa como o entendamos, o grande fato é que o funcionário da Igreja orgulhoso e presunçoso é um mau testemunho.

Mas como o considerava a Igreja primitiva, a responsabilidade de seus funcionários não começava e terminava nela. Tinha outras duas esferas de responsabilidade, e se falhava nelas, era provável que falhasse também na Igreja.

(1) Sua primeira esfera de serviço era seu próprio lar. Se um homem não sabia como dirigir seu próprio lar, como podia comprometer-se com a tarefa de dirigir a uma congregação? (1 Timóteo 3:5). Não se podia esperar que um homem que não tinha tido êxito em formar um lar cristão, tivesse ao reunir uma Igreja cristã. Seria improvável que um homem que não tivesse instruído a sua própria família fora a pessoa correta para instruir a família da Igreja. A tarefa da Igreja não atribui nenhuma virtude nem autoridade a ninguém, se ao levá-la a cabo, descuida seu lar e sua família. Como a caridade, a tarefa cristã começa no lar.

(2) Tem uma segunda esfera de responsabilidade no mundo. Deve ter "bom testemunho dos de fora" (1 Timóteo 3:7). Deve ser uma pessoa que haja ganho o respeito de seus semelhantes nas tarefas e questões cotidianas da vida. Nada danificou tanto a Igreja quanto a imagem de pessoas que dentro delas são ativas e respeitáveis e cujos negócios e vida social desmentem a fé que professam e os preceitos que ensinam. O funcionário cristão antes que nada deve ser uma boa pessoa.

O CARÁTER DO LÍDER CRISTÃO

1 Timóteo 3:1-7 (continuação)

Acabamos de ver que o líder cristão deve ser um homem que tenha ganho o respeito de todos. Nesta passagem há uma grande série de palavras e frases que descrevem este caráter cristão; e será valioso

considerar cada uma delas separadamente. Antes de fazê-lo seria interessante pôr junto a elas duas famosas descrições do caráter necessário escritas por grandes pensadores pagãos.

Diógenes Laertes (7:16-126) faz-nos chegar a descrição estoíca de um homem bom. Deve estar casado; não deve ser orgulhoso; deve ser moderado; deve combinar uma mente prudente com a excelência de seu comportamento externo.

Um escritor chamado Onossander tem uma descrição do caráter do comandante ideal. Deve ser prudente, controlado, sóbrio, frugal, constante no trabalho, inteligente, sem amor ao dinheiro, nem jovem nem velho, se for possível pai de uma família, capaz de falar com competência, e de boa reputação. É interessante ver como, quando se chega à descrição da verdadeira hombridade, as descrições pagãs e cristãs coincidem.

O líder cristão deve ser irrepreensível (anepileptos). A palavra *anepileptos* utiliza-se para referir-se a uma posição que não está exposta ao ataque, a uma vida que não está exposta à censura, a uma arte ou técnica que é tão perfeita que não se pode encontrar falhas, a um acordo que é inexpugnável e inviolável. O dirigente cristão deve ser um homem que não só esteja livre destas faltas que podem ser atacadas com acusações definidas, deve ser um homem de qualidades tão excelentes que esteja fora de toda crítica. Os gregos definiam o significado da palavra como "não proporcionando o que um adversário possa aferrar-se". Este é o ideal da perfeição. Não seremos capazes de alcançá-lo plenamente; mas o fato é que o líder cristão deve tentar oferecer ao mundo uma vida de tal pureza e nobreza que não deixe lugar nem sequer para a crítica de si mesmo.

O líder cristão deve ser marido de uma só mulher. Alguns poderiam crer que o líder cristão deve ser casado, e é possível que esta frase queira dizer isso; e é certo que um homem casado pode receber confidências e brindar ajuda de uma maneira que o homem solteiro não pode fazê-lo, e que pode outorgar uma compreensão e uma simpatia

especiais em muitas situações da vida. Alguns diriam que isto significa que o líder cristão não se pode casar pela segunda vez, nem sequer depois da morte de sua esposa. Para apoiar isto citariam os ensinamentos de Paulo em 1 Coríntios 7. Mas em seu contexto aqui podemos estar bastante seguros de que isto significa que o líder cristão deve ser um marido fiel, que preserve o matrimônio em toda sua pureza.

Mais tarde, os *Cânones Apostólicos* estabeleceram: "Aquele que esteja envolto em dois matrimônios, depois de um batismo, ou que viva com uma concubina, não pode ser um *episkopos*, um bispo".

Podemos nos perguntar: Por que é necessário estabelecer regras que parecem muito óbvias? Devemos compreender o estado em que estava o mundo no qual se escreveu isto. Tem-se dito, e é certo, que a única virtude totalmente nova que o cristianismo trouxe para o mundo é a virtude da castidade. É em muitos aspectos que o mundo antigo estava num estado de caos moral. Isto é certo até com relação ao mundo judeu. Ainda que pareça surpreendente, havia judeus que ainda criam na poligamia e a praticavam.

No *Diálogo com Tritón*, no qual Justino Mártir conversa a respeito do cristianismo com um judeu, diz-se que "até agora é possível que um judeu tenha quatro ou cinco esposas" (*Diálogo com o Tritón* 134). Josefo pôde escrever: "Devido a costumes ancestrais um homem pode viver com mais de uma esposa" (*Antiguidades* 17:1,2).

Além destes casos incomuns, o divórcio era tragicamente fácil no mundo judeu. Os judeus tinham os ideais mais altos com relação ao matrimônio. Diziam que um homem devia entregar sua vida antes de cometer um assassinato, cair na idolatria ou no adultério. Criam que os casamentos se faziam no céu. Na história do casamento de Isaque e Rebeca diz-se: "De Jeová saiu isto" (Gênesis 24:50). Interpretou-se isto como se o casamento tivesse sido arrumado por Deus. Também diz-se em Provérbios: "Mas do Senhor é a mulher prudente" (Provérbios 19:14). Na história de Tobias o anjo diz a Tobias: "Não temas porque ela foi preparada para isto desde o começo" (Tobias 6:17). Assim, pois, os

rabinos diziam: "Deus está sentado no céu resolvendo bodas". "Quarenta dias antes de que se forme o menino, uma voz celestial proclama seu casal".

Mas apesar de tudo isto a lei judia permitia o divórcio. O casamento era sem dúvida alguma o ideal, mas se permitia o divórcio. O casamento era "inviolável, mas não indissolúvel". Os judeus sustentavam que uma vez que o ideal do casamento se viu quebrado pela crueldade, a infidelidade ou a incompatibilidade, era muito melhor permitir um divórcio e deixar que os membros do casal começassem tudo novamente. Isto bem poderia ser, mas a grande tragédia da lei judia sobre divórcio era que a esposa não tinha nenhum direito.

Josefo diz: "Para nós é legal que um marido dissolva seu casamento, mas uma esposa, abandonar a seu marido, não pode casar-se com outro, a não ser que o primeiro marido a despeça" (*Antiguidades*, 15:8,7). Em caso de divórcio por consentimento, na época do Novo Testamento, requeriam-se nada mais que duas testemunhas, e nenhum juízo. Um marido podia se despedir de sua mulher por qualquer causa; como máximo uma esposa podia pedir ao tribunal que obrigasse a seu marido a escrever um certificado de divórcio, mas o tribunal nem sequer podia obrigá-lo a fazer isso.

Em face desta situação existente entre os judeus as coisas chegaram a tal extremo que "as mulheres se negavam a contrair casamento, e os homens envelheciam celibatários". Pôs-se um freio a este processo por meio da legislação que introduziu Simão Ben Shetah. Uma esposa judia sempre levava a seu marido um dote que se chamava *Kethubah*. Simão estabeleceu que o homem tinha o uso irrestrito do *kethubah*, sempre que permanecesse casado com sua esposa, mas se ele se divorciava estava obrigado a devolver-lhe ainda que tivesse que "vender seu cabelo" para fazê-lo. Isto conteve o divórcio, mas o sistema judeu sempre esteve viciado pelo fato de que a esposa não tinha nenhum direito.

No mundo pagão, o estado das coisas era imensamente pior. Ali também, de acordo com a lei romana, uma esposa não tinha direitos.

Catão disse: "Se achar a sua mulher em adultério, pode matá-la com impunidade, sem juízo alguém; mas se você está envolto em adultério, ela não deve atrever-se a levantar um dedo contra você, porque é ilegal".

As coisas ficaram tão más, e o casamento converteu-se em algo tão fastidioso, que no ano 131 A. C. um romano muito conhecido chamado Metello Macedônio fez uma declaração que mais tarde seria citada por Augusto: "Se pudéssemos estar sem esposa, ver-nos-íamos livres desse incômodo. Mas devido ao fato de que a natureza decretou que não possamos viver confortavelmente com elas, nem viver sem elas, devemos considerar nossos interesses permanentes antes que os prazeres passageiros".

Até os poetas romanos viam o terrível da situação. "Idades ricas em pecado", escreveu Horácio, "foram as primeiras em manchar o casamento e a vida familiar. Desta fonte transbordou o mal". "Antes se poderão secar os mares" disse Propércio, "e recolher as estrelas do céu que reformar nossas mulheres".

Ovídio escreveu seu famoso, ou infame livro, *A arte de amar* e jamais menciona nele o amor conjugal. Escreveu cinicamente: "Só as mulheres que não são solicitadas são puras, e o homem que se zanga por uma aventura amorosa de sua esposa não é mais que um caipira inculto".

Sêneca declara: "Qualquer pessoa cujas aventuras não se tenham feito famosas, e não pague a uma mulher casada uma cota anual, será desprezado pelas mulheres como um mero amante de moças; na verdade, conseguem-se maridos só como meros chamarizes para atrair amantes". "Só os feios são fiéis", dizia. "Uma mulher que se contenta tendo só dois seguidores é um modelo de virtude".

Tácito elogia as tribos germanas supostamente bárbaras por "não rir perante o pecado, e por não fazer da sedução o espírito da época". Quando se realizava um casamento, o lar do novo casal se decorava com folhas verdes de louro. Juvenal conta que alguns se divorciavam antes de que os louros de boas-vindas se murchassem.

No ano 19 A. C. um homem chamado Quinto Lucrécio Vespillo erigiu uma lápide para sua esposa que dizia: "Raramente os casamentos chegam sem divórcio até a morte; mas o nosso teve uma continuidade feliz de quarenta e um anos".

O casamento feliz era uma exceção surpreendente.

Ovídio e Plínio tiveram três mulheres; César e Antônio, quatro; Sulla e Pompeu, cinco; Herodes teve nove; a filha de Cícero, Tula, teve três maridos. O imperador Nero foi o terceiro marido da Popea e o quinto de Statila Mesalina.

Não por nada as Pastorais estabeleceram que o dirigente cristão devia ser marido de uma só mulher. Num mundo em que até os lugares mais altos estavam sumidos na imoralidade, a Igreja cristã devia demonstrar a castidade cristã, a inviolabilidade do vínculo matrimonial e a castidade.

O CARÁTER DO LÍDER CRISTÃO

1 Timóteo 3:1-7 (continuação)

O líder cristão deve ser *sóbrio* (*nefalios*), e um pouco mais adiante lemos que não deve ser *dado ao vinho*, não deve ser *paroinos*.

No mundo antigo se usava o vinho continuamente. Em condições em que a provisão de água era inadequada e algumas vezes perigosa, o vinho era a bebida mais natural de todas. É o vinho aquele que alegra o coração de Deus e do homem (Juízes 9:13). Na restauração, Israel plantará seus vinhedos e beberá seu vinho (Amós 9:14). Aos que estão desfalecendo devem receber cidra, e vinho aos amargurados de ânimo (Provérbios 31:6).

Isto não quer dizer que o mundo antigo não tivesse consciência dos perigos que provêm da bebida. Provérbios fala do desastre que sobrevém ao homem que olha ao vinho quando avermelha (Provérbios 23:29-35). O vinho é escarnecedor e a cidra é alvoroçadora (Provérbios 20:1). Existem histórias terríveis a respeito do que aconteceu a várias pessoas

por ser muito indulgentes com o vinho. Há o caso do Noé (Gênesis 9:18-27); o de Ló (Gênesis 19:30-38); o de Amom (2 Samuel 13:28, 29). Mas apesar de que o mundo antigo utilizava o vinho como a mais comum de todas as bebidas, o fazia sobriamente. Quando se bebia vinho, era feito na proporção de duas partes de vinho por três de água. Um ébrio era uma ofensa na sociedade pagã comum, quanto mais na Igreja. O interessante é o duplo significado que têm ambas as palavras nesta seção. *Nefalios* significa *sóbrio*, mas também quer dizer *atento, vigilante*. *Paroinos* significa *viciado no vinho*, mas também significa *briguento e violento*. O ensino das Pastorais assinala aqui que o cristão não deve permitir-se nem prazeres nem indulgências que diminuam sua vigilância cristã ou manchem sua conduta cristã.

Logo seguem duas grandes palavras gregas que descrevem duas importantes qualidades que devem caracterizar o líder cristão. O líder cristão deve ser *prudente (sofron)* e *decoroso (kosmios)*.

A palavra *sofron* se traduziu por prudente, mas em realidade não é esta a única tradução. A traduz com variações como *cabal, discreto, prudente, controlado, casto, que tem domínio completo sobre os desejos sensuais*. Os gregos a derivaram de duas palavras que significam *manter um juízo cabal e seguro*. O substantivo que lhe corresponde é *sofrosune*, e os gregos escreveram e pensaram muito a respeito dela. É o oposto da intemperança e falta de domínio próprio. Platão a definiu como "o domínio do prazer e do desejo". Aristóteles como "esse poder por meio do qual os prazeres do corpo se utilizam como mandatos da lei". Filo como "uma certa limitação e ordenação dos desejos, que elimina aqueles que são externos e excessivos, e que adorna aqueles que são necessários com a oportunidade e a moderação". Pitágoras disse que era "o fundamento sobre o qual descansa a alma", Lamblico assinala que "é o que salvaguarda os hábitos mais excelentes da vida". Eurípides disse que era "o melhor dom de Deus". Jeremy Taylor a chamou "o cinturão da razão e a corrente da paixão". Trench descreve a *sofrosune* como "a condição de domínio total sobre as paixões e os desejos, de modo que

estes não recebam mais concessões que as permitidas e aprovadas pela lei e a razão correta".

Gilbert Murray, o grande erudito clássico, escreveu a respeito desta palavra *sofron*: "Existe uma maneira de pensar que destrói e outra que salva. O homem ou a mulher que é *sofron* anda entre as belezas e os perigos do mundo, sentindo amor, alegria, ira e o resto; e no meio de tudo tem em sua mente algo que salva. A quem salva? Não só a ele, mas também, por dizê-lo assim, a toda a situação. Impede que o mal iminente se concretize". E. F. Brown cita como ilustração de *sofrosune* uma oração de São Tomás de Aquino que pede que "se acalmem todos os nossos impulsos, carnis e espirituais".

O homem que é *sofron* é aquele que tem cada parte de sua natureza sob um perfeito domínio, o que quer dizer que o homem que é *sofron* é aquele em cujo coração Cristo reina de maneira suprema.

A palavra que a acompanha é *kosmios*, que se traduz como *decoroso*. Se um homem for *kosmios* em sua conduta exterior deve-se a que é *sofron* em sua vida interior. Esta palavra *kosmios* significa *ordenado, honesto, decoroso*. Em grego tem dois usos muito especiais. É muito comum para descrever ao homem que num bom cidadão. Platão define o homem que é *kosmios* como "o cidadão que age com tranqüilidade, que ocupa seu lugar devidamente, e ordena os deveres que lhe incumbem como tal". Esta palavra implica mais que simplesmente um bom comportamento. Descreve o homem cuja vida é formosa e em cujo caráter se combinam e integram todas as coisas harmoniosamente. É o homem em que se unem a força e a beleza.

O líder da Igreja deve ser um homem *sofron*, um homem que controle todos seus instintos, paixões e desejos; também deve ser *kosmios*, um homem cujo controle interno se transforme em beleza externa; o líder deve ser um homem em cujo coração reine o poder de Cristo, e em cuja vida resplandeça a beleza de Cristo.

O CARÁTER DO LÍDER CRISTÃO**1 Timóteo 3:1-7 (continuação)**

O líder cristão deve ser *hospedador* (*filoxenos*). Esta é uma qualidade a qual o Novo Testamento dá muita ênfase. Paulo encarrega à Igreja de Roma que pratique a hospitalidade (Rom. 12:13). Diz Pedro: "Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração" (1 Pedro 4:9). No *Pastor do Hermas* um dos escritos do cristianismo primitivo, estabeleceu-se: "O *episkopos* deve ser hospedador, um homem que dê as boas-vindas em sua casa aos servos de Deus, prazeroso e em todo momento". O dirigente cristão deve ser um homem de coração aberto e casa aberta.

O mundo antigo era muito cuidadoso dos direitos dos hóspedes e dos estranhos. O estranho estava sob a proteção do Zeus Xênios, o Protetor dos Estranhos. No mundo antigo, as hospedarias eram notoriamente más. Numa das obras de Aristófanes, Heracles pergunta a seu acompanhante onde se hospedarão para passar a noite, e a resposta é: "Onde haja menos pulgas". Platão diz que o estalajadeiro é como um pirata que retém seus hóspedes para que paguem um resgate. As hospedarias tendiam a ser sujas e caras, e acima de tudo, imorais. O mundo antigo mesmo tinha um sistema do que se chamava *hóspedes por amizade*. Através das gerações as famílias faziam entendimentos entre si para dar-se hospedagem e hospitalidade mutuamente. Muitas vezes com o passar do tempo os membros das famílias não se conheciam entre si. Identificavam-se por meio de uma contra-senha. O estranho que buscava hospedagem extraía a metade de um objeto; a outra pessoa devia possuir a outra metade da contra-senha; e se as duas metades coincidiam, o amigo sabia que tinha encontrado o seu anfitrião, e o anfitrião sabia que o estranho era sem dúvida o velho amigo da casa.

Na Igreja cristã havia mestres e pregadores ambulantes que necessitavam que os hospedasse. Havia muitos escravos que não tinham casa própria; para eles era um grande privilégio ter o direito de entrar num lar cristão. Toda a Igreja era uma pequena ilha de cristianismo num

mundo pagão; e era uma grande bênção que os cristãos tivessem portas cristãs abertas, e lares cristãos nos quais pudessem encontrar-se com gente que pensasse igual a eles. Ainda vivemos num mundo onde há muitos que vivem longe do lar, muitos que são estrangeiros num lugar estranho, que vivem em condições em que é difícil ser cristãos. A porta do lar cristão, e as boas-vindas dada por um coração cristão deveriam estar abertas para todos eles.

O líder cristão deve ser *apto para ensinar (didaktikos)*. Tem-se dito que o dever do líder cristão é "pregar aos inconversos e ensinar aos conversos". Há duas coisas que podemos dizer a respeito disto. Um dos desastres dos tempos modernos é que não se exercitou que a maneira devida o ministério didático da Igreja. Há muita pregação; muita exortação; mas é de pouca utilidade exortar a alguém a ser cristão quando não sabe o que significa ser cristão. A instrução é um dos primeiros deveres do líder e pregador cristão. Em segundo lugar, o ensino melhor e o mais efetiva não se faz *falando* mas sim *sendo*. Nosso dever último não é falar com os homens a respeito de Cristo, mas sim mostrar-lhes a Cristo. Até aquele que não tem o dom da palavra pode ensinar vivendo de tal maneira que nele os homens vejam o reflexo de seu Mestre. Tem-se definido a um santo como alguém em que "Cristo vive novamente".

O líder cristão não deve ser *briguento*. A palavra grega é *plektes*, um *violento*. Numa das primeiras normas dos Cânones Apostólicos se comprova que esta instrução não era desnecessária: "Um bispo, sacerdote ou diácono que castiga os fiéis quando erram, ou os não crentes quando cometerem uma ofensa, e que quer aterrorizá-los utilizando estes meios, deve ser deposto; porque em nenhuma parte o Senhor nos ensinou isto. Quando foi denegrado, não denegriu; quando foi castigado, não castigou; quando sofreu, não ameaçou". Em nossos dias é improvável que qualquer cristão ou um líder cristão castigue a outro cristão, mas o fato é que a palavra ou a ação iracundas, intimidativas, irritadas ou de mau gênio estão proibidas para o cristão.

O líder cristão deve ser *amável*. A palavra é *epiekes*, e aqui nos encontramos novamente com uma dessas palavras que não têm tradução. O substantivo é *epiekeia*, e Aristóteles o descreve como "aquilo que corrige a justiça". Diz que é aquilo que é "justo e melhor que a justiça"; disse que é a qualidade que corrige a lei quando a lei erra por sua generalidade.

O que quer dizer é o seguinte. Algumas vezes pode ser injusto aplicar estritamente o que diz a lei. Podem surgir casos na vida nos quais aplicar a lei estritamente pode ser uma verdadeira injustiça. Trench disse que *epiekeia* significa "apartar-se do determinado pelo direito para preservar melhor o espírito do direito". Disse que é "o espírito que reconhece a impossibilidade de ajustar-se a todas as leis formais... que reconhece o perigo que sempre espreita a afirmação dos direitos legais de ver-se convertida em erro moral... o espírito que retifica e repara a injustiça da justiça".

Aristóteles descreve cabalmente a ação da *epiekeia*: "Perdoar os erros humanos; contemplar ao legislador, não à lei; a intenção, e não a ação; a totalidade, e não uma parte; as qualidades do ator através de uma trajetória e não no momento presente; lembrar o bem em lugar do mal, e o bem que se recebeu e não aquele que se há com palavras em lugar de atos".

Se houver um assunto em disputa, poderá ser solucionado consultando um livro de prática e procedimento, ou consultando a Jesus Cristo. Se houver um assunto em discussão, se poderá solucionar legalmente ou com amor. Poderá submeter à prova das disposições legais ou o poderá levar a trono da graça de Deus. Toda a atmosfera de muitas Igrejas mudaria radicalmente se houvesse mais *epiekeia* dentro delas.

O líder cristão deve ser *aprazível* (*amachos*). A palavra grega significa *desinclinado para a luta*. Há gente que, como poderíamos dizer, é feliz agredindo a seus semelhantes em sua relação com eles. Mas, o verdadeiro líder cristão não deseja nada tanto como a paz com seu próximo.

O líder cristão não deve ser *ambicioso de lucros desonestos*. Nunca deverá fazer nada pelo mero fato de ganhar dinheiro. Saberá que existem valores que não se compram com dinheiro.

OS HOMENS DO SERVIÇO CRISTÃO

1 Timóteo 3:8-10,12-13

Na Igreja primitiva a função dos diáconos dirigia-se muito mais à esfera do serviço prático. A Igreja cristã herdou dos judeus uma organização magnífica de ajuda caridosa. Nenhuma nação jamais teve tal sentido de responsabilidade para com os irmãos e irmãs mais pobres como a judia. A sinagoga tinha uma organização habitual para tratar e ajudar a essa gente. Os judeus em realidade desalentavam a ajuda individual aos indivíduos. Preferiam que a ajuda fosse dada através da comunidade e especialmente através da sinagoga. Todas as sextas-feiras as comunidades eram percorridas por coletores oficiais que se dirigiam aos mercados e chamavam em cada casa, obtendo doações para os pobres e os necessitados em dinheiro e em alimentos. Este material arrecadado se distribuía aos necessitados por meio de um comitê de dois membros como mínimo, ou de mais de dois se fosse necessário mais gente para realizar a tarefa. Entregava aos pobres os mantimentos suficientes para quatorze comidas, o que significa duas comidas por dia para toda a semana. Mas ninguém podia receber doações deste fundo se já tinha em sua casa mantimentos para uma semana. Este fundo para os pobres se chamava o *kuppah*, ou a *cesta*. Além disto diariamente se arrecadavam mantimentos de casa em casa para aqueles que por uma emergência nesse momento necessitavam comida para o dia. Este fundo se chamava o *tamhui*, ou a *bandeja*. A Igreja cristã herdou esta organização caridosa, e sem dúvida o dever e a tarefa dos diáconos era levá-la à prática.

Muitas das qualidades do diácono são as mesmas que para o *episkopos*, supervisor ou ancião. Devem ser homens de caráter digno;

devem ser abstêmios; não devem sujar as mãos com lucros desonestos; devem ser submetidos à prova por um tempo; devem pôr em prática o que pregam, de modo que possam ter a revelação da fé cristã com limpa consciência.

Adiciona-se uma nova qualidade: deviam ser *não добres em palavras*. Em grego é que não deviam ser *dilogos*; *dilogos* significa *falar com duas vozes*, dizer uma coisa a uma pessoa e outra a outra.

No *Peregrino* João Bunyan põe na boca de Interesse Privado uma descrição das pessoas que vivem na cidade de Boas Palavras. Há o Senhor Volúvel, o Senhor Contemporizador, o Senhor Boas Palavras, cujos antepassados deram nome à cidade, o senhor Adulo, o senhor Duas Caras, o senhor Qualquer coisa; e o ministro da paróquia, o senhor Duas Línguas.

Um diácono, em suas visitas de casa em casa, e em seu trato com aqueles que necessitavam e requeriam caridade, tinha que ser um homem sem duas palavras. Várias vezes se veria tentado a evitar os problemas com um pouco de oportuna hipocrisia ou adulação. Mas o homem que devia realizar a tarefa da igreja cristã deveria ser sem dobra.

É evidente que o homem que desempenha bem o cargo de diácono pode esperar ser promovido ao alto cargo de ancião. E se o desempenha bem, obterá tanta confiança na fé que poderá enfrentar a qualquer um com coragem.

MULHERES QUE SERVEM NA IGREJA

1 Timóteo 3: 11

Segundo a expressão grega isto poderia referir-se às esposas dos diáconos ou às mulheres dedicadas a uma tarefa similar. O mais provável é que se refira às mulheres dedicadas também a esta tarefa caridosa. Certamente devia haver atos de bondade, de ajuda e de caridade que só uma mulher podia realizar apropriadamente para outra mulher. Certamente na Igreja primitiva havia diaconisas que tinham a tarefa de

instruir às conversas femininas e em particular de presidir e levar a cabo seu batismo, já que o batismo era por imersão total.

Era muito necessário advertir a estas operárias contra a lúbia difamatória e que deviam ser absolutamente dignas de confiança. Até hoje, quando um médico jovem se gradua, e antes de começar sua prática, presta o juramento do Hipócrates, do qual forma parte o voto e a promessa de que nunca repetiria nada que tenha ouvido na casa de um paciente, nem nada que tenha ouvido a respeito do paciente, ainda que o tenha ouvido na rua. Na tarefa de ajudar os pobres, era fácil ouvir coisas, e era fácil repeti-las e causar um dano infinito. Não é um insulto para as mulheres que as Pastorais as proibam especialmente fofocar. Na natureza da vida a mulher corre mais que o homem o risco de fazê-lo. A tarefa do homem o leva fora ao mundo; tem seu trabalho, suas atividades, e todos seus amplos interesses; uma mulher necessariamente vive numa esfera mais estreita, e por essa mesma razão tem menos coisas sobre as que falar; e está sempre em perigo de falar a respeito destas relações pessoais das quais surge a intriga difamante. Já seja homem ou mulher, um cristão falador, que repete confidências é algo monstruoso e perigoso.

Na civilização grega era essencial que as trabalhadoras femininas da Igreja preservassem sua dignidade. A mulher grega respeitável vivia numa grande reclusão; nunca saía sozinha; nem sequer compartilhava jamais as refeições com seus parentes masculinos; vivia completamente encerrada. Péricles havia dito que o dever de uma mãe ateniense era viver uma vida tão retirada que seu nome nunca fosse mencionado entre os homens, nem para elogiá-la nem para criticá-la.

Xenofonte relata como um cavaleiro da campina que era seu amigo falava a respeito da jovem esposa com a que recém se casou e a que amava profundamente. "O que podia saber quando me casei com ela? Não tinha nem sequer quinze anos quando a levei a minha casa, e tinha sido criada na vigilância mais estrita; dentro do possível não lhe tinham permitido ver nada, nem ouvir nada, nem perguntar nada". Essa era a forma em que se criava às juvenzinhas gregas respeitáveis. Xenofonte

nos dá uma imagem vívida de uma destas jovens esposas que gradualmente "acostumava-se a seu marido e se ia convertendo numa pessoa o suficientemente amigável para manter uma conversação com ele".

O cristianismo emancipou às mulheres. Libertou-as do que era realmente uma espécie de escravidão. Mas havia perigos. A mulher libertada podia usar equivocadamente sua nova liberdade; o mundo respeitável poderia alarmar-se perante esta emancipação; de modo que a Igreja prudentemente estabeleceu suas normas. Utilizando a liberdade sabiamente, e não de maneira equivocada, as mulheres chegaram a obter a honrosa posição que têm hoje dentro da Igreja.

O PRIVILÉGIO E A RESPONSABILIDADE DA VIDA DENTRO DA IGREJA

1 Timóteo 3:14-15

Nesta passagem numa frase está toda a razão pela qual se escreveram as Epístolas Pastorais; foram escritas para assinalar aos homens como deviam comportar-se dentro da Igreja. A palavra para *se deve proceder é anastrefesthai*; descreve o que chamaríamos *o andar e a conversação* de um homem. Descreve toda sua vida e personalidade; mas o descreve especialmente em suas relações com outras pessoas. Como se tem dito, a palavra em si mesmo estabelece que o caráter pessoal de um membro da Igreja cristã deve ser excelente e que sua relação pessoal com outros devesse ser uma verdadeira fraternidade. Dentro da Igreja o homem deveria estar em comunhão com Deus, e com seus semelhantes. Uma Igreja é um corpo de pessoas amigas de Deus e entre si. Logo Paulo continua utilizando quatro grandes palavras que descrevem quatro grandes funções da Igreja.

(1) A Igreja é a casa (*oikos*) de Deus. Em primeiro lugar e acima de tudo a Igreja deve ser uma família. Se a Igreja não for um grupo de

irmãos, não é uma verdadeira Igreja. O amor de Deus só pode existir onde existe o amor fraternal.

(2) A Igreja é a *assembléia* (*ekklesia*) do Deus vivente. A palavra *ekklesia* significa literalmente uma comunidade de pessoas que foram chamadas. Não significa que tenham sido selecionadas ou escolhidas. Em Atenas a *ekklesia* era o organismo que governava à cidade; e este organismo estava formado por *todos* os cidadãos que se reuniam em assembléia. Mas, naturalmente, nunca assistiam todos os cidadãos. convocava-se a assistir à Assembléia da Cidade, mas só alguns cidadãos respondiam e concorriam. **A convocatória de Deus, seu convite, seu chamado foi dirigido a cada homem; mas só alguns o aceitaram; e aqueles que o têm feito assim são a *ekklesia*, a assembléia, a Igreja do Deus vivo. Não é que Deus tenha selecionado a alguns e rechaçado a outros; é que nem todos os homens o aceitaram. O convite e o chamado chega a todos; mas deve haver uma resposta a esse convite, e uma resposta a esse chamado.**

(3) A Igreja é a *coluna* da verdade. Em Éfeso, lugar ao qual se escrevem estas cartas, a palavra *coluna* tinha um significado especial. A maior glória de Éfeso era o Templo de Diana ou de Ártemis. "Grande é Diana dos efésios!" (Atos 19:28). Esse templo era uma das sete maravilhas do mundo. Uma de suas características eram suas colunas. Havia nele cento e vinte e sete colunas, e cada uma delas era presente de um rei. Todas elas eram de mármore, e algumas tinham pedras preciosas incrustadas ou estavam cobertas de ouro. O povo de Éfeso sabia muito bem quão bela podia ser uma coluna. Bem pode ser que a palavra *coluna* nesta passagem não signifique tanto *sustento* — que está contido na palavra *baluarte* — mas sim *exibição*. Muitas vezes se localiza a estátua de um homem sobre uma coluna para que esteja acima das coisas comuns e possa ser vista claramente, até à distância. A idéia nesta passagem é que o dever da Igreja é levantar a verdade em tal forma que todos a vejam. O dever da Igreja é exhibir e demonstrar a verdade.

(4) A Igreja é o *baluarte* (*hedraioma*) da verdade. O baluarte é o sustento de um edifício. Mantém o edifício em equilíbrio e intacto. Num mundo que não deseja enfrentar a verdade, a Igreja sustenta a verdade para que todos a vejam. Num mundo que muitas vezes eliminaria com agrado a verdade desagradável e indesejável, a Igreja sustenta a verdade contra todos aqueles que buscam destruí-la.

UM HINO DA IGREJA

1 Timóteo 3:16

O grande interesse que desperta esta passagem é que aqui temos um fragmento de um dos hinos da Igreja primitiva.

É uma maneira de expressar em poesia e em música a fé dos homens de Cristo. É um hino em que os homens cantavam seu credo. Não podemos buscar numa poesia ou num hino a precisão que buscamos num credo; mas devemos tentar ver o que cada linha deste hino nos está dizendo.

(1) *Deus foi manifestado em corpo* [NVI]. Justamente no começo o hino sublinha a verdadeira humanidade e natureza de Jesus. Diz: "Olhem a Jesus, e verão a vida como Deus a teria vivido se tivesse sido um homem". Diz: "Olhem a Jesus, e verão a mente, o coração e a ação de Deus, de uma maneira que os homens podem compreender".

(2) *Justificado em Espírito*. Este é um verso difícil. Pode significar três coisas.

(a) Poderia significar que através de todos os seus dias terrestres o Espírito manteve a Jesus sem pecado. É o Espírito aquele que outorga ao homem uma guia, aquele que lhe diz em cada momento de sua vida o que deve dizer e fazer. Nosso erro é que muitas vezes rechaçamos a guia do Espírito. A submissão perfeita de Jesus a guia do Espírito de Deus o manteve sem pecado.

(b) Poderia significar que o poder e a ação do Espírito que vivia em Jesus vindicaram suas declarações. Quando os escribas e fariseus acusaram a Jesus de efetuar curas pelo poder do diabo, sua resposta foi:

“Se, porém, eu expulso demônios pelo *Espírito de Deus*, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mateus 12:28). O poder que residia em Jesus era o poder do Espírito, e os atos grandiosos que levava a cabo nesse poder eram a vindicação das tremendas afirmações que fazia.

(c) Poderia ser uma referência à ressurreição. Os homens tomaram a Jesus e o crucificaram como a um criminoso; mas pelo poder do Espírito, ressuscitou; demonstrou-se que o veredicto dos homens era falso, e foi reivindicado porque ressuscitou e venceu a morte pelo poder do Espírito. Não importa como interpretemos este verso, pois seu significado é que o Espírito é o poder que provou que Jesus era o que declarava ser.

(3) *Contemplado por anjos*. Mais uma vez este verso tem três significados possíveis.

(a) Poderia ser uma referência à vida de Jesus antes de vir a esta terra. Nos lugares celestiais antes de vir à terra o Filho de Deus estava rodeado por anjos que lhe adoravam.

(b) Poderia referir-se a sua vida na Terra. Até na terra as hostes celestiais vigiavam este tremendo enfrentamento com o mal. Em meio da invisível nuvem de testemunhas, os anjos estavam olhando.

(c) A crença geral na época de Jesus e da Igreja primitiva era que o ar estava cheio de poderes demoníacos e angélicos. Muitos desses poderes eram hostis a Deus e aos homens, e se inclinavam pela destruição de Jesus. Paulo ao menos uma vez sustentou que se inclinavam pela destruição de Jesus por ignorância, e que Jesus trouxe e aos homens a sabedoria que estava oculta desde o começo dos tempos (1 Coríntios 2:7-8). Se relacionarmos esta frase com essa crença, significa que Jesus levou a verdade até aos poderes angélicos e demoníacos que nunca a tinham conhecido. De qualquer maneira que o interpretemos, esta frase significa que a tarefa de Jesus é tão tremenda que inclui tanto o céu como a Terra.

(4) *pregado entre os gentios*. Aqui nos encontramos com a grande verdade de que Jesus não era possessão exclusiva de uma raça ou de uma

nação. Não era o Messias que tinha chegado para outorgar aos judeus grandezas terrestres; era o Salvador de todas as nações, de todo o amplo mundo.

(5) *Crido no mundo*. Esta é uma verdade quase milagrosa afirmada com total simplicidade. Depois que Jesus morreu ressuscitou e subiu a sua glória, o número de seus seguidores era de cento e vinte (Atos 1:15). Tudo o que seus seguidores tinham para oferecer era a história de um carpinteiro galileu, crucificado numa colina na Palestina como um criminoso. E entretanto, antes de que passassem setenta anos, essa história tinha chegado aos limites da Terra, e homens de todas as nações aceitavam a esse Jesus crucificado como seu Salvador e Senhor. Nesta frase simples encontramos toda a maravilha da expansão divina da Igreja, uma expansão que sobre bases humanas era incrível.

(6) *Recebido na glória*. Esta é uma referência à Ascensão. A história de Jesus começa no céu e termina no céu. Viveu como um servo; foi assinalado como um criminoso; foi crucificado; ressuscitou com as marcas dos pregos ainda visíveis; mas o final é a glória.

1 Timóteo 4

O serviço de Deus e o serviço de Satanás - 4:1-5

Escravidores de homens e difamadores de Deus - 4:1-5 (cont.)

Conselho a um enviado de Cristo - 4:6-9

A única forma de fazer calar a crítica - 4:10-16

Os deveres do líder cristão dentro da igreja - 4:10-16 (cont.)

O dever pessoal do líder cristão - 4:10-16 (cont.)

O SERVIÇO DE DEUS E O SERVIÇO DE SATANÁS

1 Timóteo 4:1-5

A Igreja cristã tinha herdado dos judeus a firme crença de que neste mundo as coisas piorariam antes de melhorar. Os judeus pensaram sempre no tempo em termos de duas eras. Havia a era *presente*, que era

má e estava totalmente em mãos dos poderes malignos; e a era *por vir*, que ia ser a era perfeita de Deus e da bondade. Mas não passaria da primeira era à segunda sem uma última luta convulsiva. Entre ambas as eras chegaria *o Dia do Senhor*. Nesse dia se sacudiriam os fundamentos do mundo; haveria uma última batalha suprema com o diabo, um último juízo universal, e logo amanheceria um novo dia. Os escritores do Novo Testamento tomaram esta imagem. Sendo judeus tinham sido criados nela. Uma das coisas que se esperavam na última era eram heresias e falsos mestres. “Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos” (Mateus 24:11). “Pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Marcos 13:22). Nestes últimos dias Paulo considera o surgimento do “homem de pecado, o filho de perdição”, que se levantaria contra Deus (2 Tessalonicenses 2:4).

Estes falsos mestres tinham chegado à igreja de Éfeso. A forma em que se consideram os ensinamentos falsos nesta passagem é algo que deve nos fazer pensar, e muito a sério. Nessa época, como o vimos várias vezes, os homens criam nos espíritos e demônios malignos, que andavam pelo ar e estavam preparados para arruinar os homens. Estes falsos ensinamentos provinham desses espíritos e demônios malignos. Mas ainda que provinham dos demônios, faziam-no *através* dos homens. Através de homens cuja característica era uma lisonjeira hipocrisia; cujas consciências estavam marcadas por Satanás. A idéia existente atrás da marca era a seguinte: às vezes se marcava os escravos com um sinal que os identificava como pertencentes a certo amo, como se marca atualmente ao ganho. Estes falsos mestres levam sobre seus conscientiza as marcas de Satanás; estão marcados como escravos deles, como parte de sua propriedade, como pertencentes a ele.

Agora, aqui está o ameaçador e terrível disto. Sabemos que Deus e o Espírito de Deus encontram-se em todas partes buscando homens que possam ser úteis. Deus sempre busca homens que possam ser seus instrumentos, suas armas, suas ferramentas no mundo. Mas aqui nos

enfrentamos com a terrível verdade de que as forças do mal também buscam homens que possam ser utilizados. Assim como Deus busca homens para seus propósitos, as forças do mal também o fazem. Aqui está a responsabilidade tremenda da humanidade. O homem pode aceitar o serviço de Deus, ou o serviço do diabo. O homem pode converter-se num instrumento do Bem Supremo ou do Mal Supremo. Os homens se vêem enfrentados com a eterna decisão: A quem entregaremos nossas vidas, a Deus ou ao inimigo de Deus? Decidiremos ser utilizados por Deus ou pelo diabo?

ES CRAVIZADORES DE HOMENS E DIFAMADORES DE DEUS

1 Timóteo 4:1-5 (continuação)

Os hereges de Éfeso estavam propagando uma heresia com conseqüências muito definidas para a vida. Como já vimos, estes hereges eram gnósticos; e a essência do gnosticismo é que o espírito é totalmente bom e a matéria totalmente má. Uma das conseqüências desta heresia era que havia aqueles que pregavam que o corpo era maligno, que tudo o que tinha que ver com o corpo, todo instinto e função físicas são maus, que até as coisas mais belas do mundo deviam ser abandonadas e desprezadas. Nisto Éfeso produziu dois erros bem definidos. Estes hereges insistiam em que os homens, dentro do possível, deviam abster-se de comer, porque a comida é algo material e maligno; a comida alimenta ao corpo e o corpo é maligno; o que é pior, insistiam em que o homem devia abster do casamento, porque o corpo é maligno e os instintos do corpo também o são e devem ser suprimidos por completo.

Esta heresia se repetiu sempre dentro da Igreja; em cada geração surgiram homens que tentaram ser mais estritos que Deus. Quando se escreveram os *Cânones Apostólicos*, foi necessário expressá-lo por escrito: "Se algum bispo, sacerdote ou diácono, ou qualquer que pertença a filas sacerdotais, abstém-se do casamento, da carne e do vinho, não por motivos ascéticos (isto é, por disciplina), mas sim porque se aborrece

deles porque os considera maus em si mesmos, esquecendo-se de que todas as coisas são muito boas, e que Deus fez ao homem varão e mulher e blasfemando e difamando a obra de Deus, seja corrigido ou expulso da Igreja". (*Cânones Apostólicos*, 51).

Irineu, que escreveu pelo fim do século II, relata como certos seguidores de Taciturno "declaravam que o casamento e os filhos eram de Satanás. Muitos igualmente se abstinham de mantimentos provenientes de animais, e arrastavam multidões com esta classe de fingidas temperanças" (Irineu, *Contra os hereges*, I, 24, 2).

Este tipo de coisas chegaram a um ponto culminante com os monges e ermitões do século IV. Retiravam-se e viviam no deserto egípcio, totalmente afastados de seus semelhantes. Passavam os dias mortificando sua carne. Um deles nunca comeu comida cozida e era famoso "por sua dieta totalmente sem carne". Outro ficava de pé toda a noite na beira de um penhasco sobressalente de modo que lhe era impossível dormir. Outro era famoso porque permitia que seu corpo estivesse tão sujo e abandonado, que ao andar caíam do mesmo os vermes. Outro comia sal deliberadamente em pleno verão, e logo se abstinha de beber água. Diziam: "Um corpo limpo significa necessariamente uma alma suja".

A resposta a estes homens é que fazendo coisas como estas estavam ofendendo a Deus, porque Deus é o criador do mundo; e destaca-se em repetidas ocasiões que a criação de Deus é boa. "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (Gênesis 1:31). "Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento" (Gênesis 9:3). "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem ... homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra" (Gênesis 1:27-28). Longe de ser mau, tudo o que Deus criou é bom.

Mas todos os dons de Deus têm que ser usados de certa maneira.

(1) Devem ser utilizados *lembrando que são dons de Deus*. Há coisas que chegam a nós de maneira tão regular e sem nos faltar nunca que começamos a nos esquecer que são dons, e começamos a considerá-

los direitos. Devemos lembrar que tudo o que temos é um dom de Deus, que não podemos respirar sem Deus, que nada que vive e cresce poderá ter vida fora de Deus.

(2) Devem ser *compartilhados*. Está proibido todo uso egoísta. Ninguém pode monopolizar os dons de Deus; todos devem compartilhá-los.

(3) Devem ser utilizados *com gratidão*. Deve-se dar graças sempre antes da comida. O judeu sempre dava graças, e tinha uma oração para cada coisa. Quando comia frutas dizia: "Bendito sejas Tu, Rei do universo, que criou a fruta da árvore." Quando bebia vinho dizia: "Bendito sejas Tu, Rei do Universo, que criou o fruto da videira." Quando comia verduras dizia: "Bendito sejas Tu, Rei do universo, que criou o fruto da terra." Quando comia pão dizia: "Bendito sejas Tu, Rei do universo, que faz crescer o pão da terra." O próprio fato de agradecermos a Deus por uma coisa a torna sagrada. Nada é impuro se foi oferecido em primeiro lugar a Deus. Nem sequer os demônios podem tocá-lo quando foi tocado pelo Espírito de Deus.

O ensino cristão estabelece que o verdadeiro cristão não serve a Deus escravizando-se a normas e regulamentos nem difamando a criação de Deus; serve a Deus aceitando com gratidão os dons de Deus e lembrando que vive num mundo em que Deus criou bem todas as coisas, e não esquecendo nunca que deve compartilhar os dons de Deus com outros e agradecer a Deus com todo seu coração por elas.

CONSELHO A UM ENVIADO DE CRISTO

1 Timóteo 4:6-9

Esta é uma passagem cheia de conselhos práticos, não só para Timóteo, senão para qualquer mestre ou servo da Igreja que tenha a seu cargo uma tarefa e funções diretivas na mesma.

(1) Diz-nos *como devemos instruir a outros*. A palavra que se traduziu *Expondo estas coisas* aos irmãos é muito sugestiva

(*hupotithesthai*). Não significa *dar ordens*; significa aconselhar, assessorar, assinalar, sugerir. É uma palavra amável, humilde e modesta. Significa que o mestre e o líder não devem jamais estabelecer uma lei de maneira dogmática, pugnaz ou belicosa. Significa que não deve dar suas instruções com o dogmatismo de um ditador ou a arrogância de um tirano. Significa que deve agir como se estivesse lembrando aos homens algo que já conhecem, ou sugerindo, não que devem aprender dele, mas sim devem descobrir o bem em seus corações. A direção amável será sempre mais efetiva que as instruções dadas forçada e arbitrariamente. É uma grande verdade que os homens podem ser guiados quando se negam a ser conduzidos.

(2) Diz-nos *como devemos enfrentar a tarefa de ensinar*. Diz a Timóteo que deve nutrir sua vida com a palavra de fé. Ninguém pode dar, sem receber. Aquele que deseja ensinar deve estar continuamente aprendendo. Não é certo que quando alguém chega a ser mestre deixa de aprender. O homem deve nutrir sempre sua própria mente antes de poder nutrir a mente de outros; deve conhecer Jesus Cristo diariamente antes de poder levar a outros a Cristo. Para fazer com que outros aceitem a fé, a pessoa deve nutrir-se também dessa fé.

(3) Diz-nos *o que devemos evitar*. Timóteo deve evitar contos que não levam a nada como os que às vezes as velhas relatam aos meninos. É necessário sempre manter-se no centro da fé. É fácil perder-se em questões secundárias e em divisões. É fácil ver-se enredado em coisas vãs. Deve-se sempre alimentar a mente e nutrir a fé nas grandes verdades e realidades centrais.

(4) Diz-nos *o que devemos buscar*. Diz a Timóteo que assim como um atleta treina seu corpo, o cristão deve treinar sua alma no divino. Não é que se despreze a aptidão física ou corporal. A fé cristã tem a convicção de que o corpo é o templo do Espírito Santo. Mas nesta passagem há várias coisas na mente de Paulo. Em primeiro lugar, no mundo antigo, em especial na Grécia, os ginásios eram lugares perigosos. Cada cidade tinha seu ginásio; para os jovens gregos entre

dezesseis e dezoito anos, a ginástica constituía a parte principal de sua educação. Mas o mundo antigo estava dominado pela homossexualidade e os ginásios eram famosos como viveiros deste pecado em particular. Em segundo lugar, o que Paulo faz aqui é pedir que haja um sentido de proporção. O treinamento corporal e físico é bom, quase essencial; mas seu uso é limitado. Só desenvolve parte do homem; e só produz resultados que duram muito pouco tempo, devido ao fato de que o corpo perece. Treinar-se na piedade, no bem, desenvolve todo o homem, corpo e espírito, e seu resultado afeta não só ao tempo, mas também à eternidade. O cristão não é o atleta do ginásio, mas sim o atleta de Deus. Os maiores gregos reconheceram isto. Isócrates escreveu: "Nenhum asceta deveria treinar seu corpo como um rei deve treinar sua alma." "Treina submetendo-te voluntariamente a trabalhos, de modo que quando caírem sobre ti involuntariamente sejas capaz de suportá-los."

(5) Finalmente, esta passagem nos mostra *a base de todo o assunto*. Ninguém disse jamais que a vida cristã é um caminho fácil; *mas sua meta é Deus*. O cristão está disposto a suportar tudo porque confia em Deus, porque vê a Deus no final de seu caminho, porque vive a vida na presença de Deus e termina em sua presença ainda mais próxima. A grandiosidade da meta torna válida a fadiga da luta.

A ÚNICA FORMA DE FAZER CALAR A CRÍTICA

1 Timóteo 4:10-16

Uma das dificuldades que Timóteo teria que superar seria o fato de que era jovem. Não devemos pensar nele como um simples garotão. Depois de tudo, fazia quinze anos que se tinha convertido no assistente de Paulo. A palavra que se utiliza para dizer jovem (*neotes*) no idioma grego descreve a qualquer um que esteja em idade de prestar serviço militar, ou seja até os quarenta anos. Mas a Igreja sempre gostou que seus altos funcionários fossem homens amadurecidos. Os *Cânones Apostólicos* estabeleceram mais tarde que ninguém podia ser bispo antes

dos cinquenta, porque para então "teria superado as incoerências juvenis". Mas Timóteo era jovem em comparação com Paulo, e haveria muitos que o vigiariam com olho crítico, sempre preparados para encontrar falhas nele e criticá-lo. A Igreja sempre considerou a juventude com certa suspicácia e Timóteo cairia inevitavelmente sob ela.

O conselho que se deu a Timóteo era o mais difícil de cumprir, e entretanto, era o único possível. O conselho era que Timóteo devia silenciar as críticas com sua conduta. Platão, o grande filósofo grego, uma vez foi acusado falsamente de conduta desonesta. "Bem", disse, "devemos viver de tal maneira que todos vejam que a acusação é falsa." Os argumentos e as defesas verbais não podem silenciar a crítica; a conduta sim. Quais deviam ser então as características da conduta de Timóteo?

(1) Em primeiro lugar, devia haver *amor*. *Ágape*, a palavra grega que expressa a maior das virtudes cristãs, é um termo que quase não tem tradução. O verdadeiro significado é de benevolência invencível. Se um homem tiver *ágape*, não importa o que se lhe faça ou lhe diga, buscará sempre o bem. Nunca será mordaz, nem ressentido, nem vingativo; nunca se permitirá odiar; nunca se negará a perdoar. Só buscará o bem de seus semelhantes; não importa o que sejam nem como ajam com relação a ele. Agora. É evidente que este é um amor para obter o qual faz falta toda a personalidade do homem. Usualmente o amor é algo que não podemos dominar. Amar aos que nos rodeiam e a nossos seres queridos é algo instintivo que é parte do ser do homem. O amor de um homem por uma mulher é uma experiência involuntária e inacabável. Sobrevém espontaneamente. Usualmente o amor é algo que pertence ao *coração*; mas é evidente que este amor cristão é algo mais; pertence à *vontade*. Não é algo inevitável; é um logro e uma conquista. O amor cristão é essa conquista do ser que nos faz capazes de desenvolver uma invencível preocupação por outros. De modo, pois, que o primeiro sinal que outorga autenticidade ao líder cristão é que se preocupa com outros, sem lhe importar o que outros lhe façam. Isto é algo sobre o qual deveria

pensar constantemente todo líder cristão que se ofenda com rapidez e seja propenso a agir com má vontade.

(2) Em segundo lugar, vem a *fé*. A fé é a indestrutível fidelidade a Cristo, não importa o que custe. Não é difícil ser um bom soldado quando as coisas andam bem. Mas o soldado realmente valioso é aquele que pode lutar bem quando seu corpo está cansado e seu estômago vazio, quando a situação parece irremediável e quando está em meio de uma campanha cujos movimentos não pode compreender. O segundo sinal que autentica ao líder cristão é uma fidelidade a Cristo que desafia as circunstâncias, que é verdadeira não importa o que aconteça.

(3) Em terceiro lugar, vem a *pureza*. A pureza é o acatamento invencível às normas de Jesus Cristo.

Quando Plínio informava a Trajano a respeito dos cristãos em Bitínia, escreve-lhe: "Costumam jurar não cometer furtos, nem roubos, nem adultério; não faltar a sua palavra; não negar uma promessa que se têm feito quando são chamados a responder por ela."

A promessa cristã era viver uma vida pura. O cristão devia ter um nível de honra e honestidade, de domínio próprio e castidade, de disciplina e consideração que estivesse por cima das normas do mundo. O fato é que o mundo não quer saber nada com o cristianismo até que a Igreja cristã possa provar que produz os melhores homens e mulheres do mundo. O terceiro sinal que autentica ao líder cristão é uma vida que se vive seguindo as normas de Jesus Cristo, e não as do mundo.

OS DEVERES DO LÍDER CRISTÃO DENTRO DA IGREJA

1 Timóteo 4:10-16 (continuação)

Timóteo, o jovem líder designado pela Igreja, deve levar a cabo certas tarefas. Deve dedicar-se à leitura pública das Escrituras, à exortação e ao ensino. Nestas instruções temos o modelo do culto da Igreja cristã.

A primeira descrição de um culto cristão que possuímos está na obra do Justino Mártir. Cerca do ano 170 d.C, Justino escreveu uma defesa do cristianismo dirigida ao governo romano, e nela (Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 1:67) descreve um culto da Igreja primitiva: "No dia chamado dia do Sol, há uma reunião num lugar de todos os que vivem nas cidades ou no campo. lêem-se as Memórias dos Apóstolos ou os escritos dos profetas durante todo o tempo que seja possível. Logo o leitor detém-se, e aquele que dirige insiste e exorta por meio de sua palavra a que se imitem estas coisas boas. Logo nos pomos de pé e oramos." De modo que no modelo de qualquer culto cristão devia haver três coisas.

(1) Deviam-se *ler e expor as Escrituras*. Em última instância os homens não se reúnem para ouvir as opiniões de um pregador; se reúnem para ouvir a palavra de Deus. O culto cristão está centralizado na Bíblia.

(2) Deve haver *ensino*. A Bíblia é um livro difícil, e portanto deve ser explicado. A doutrina cristã não é fácil de compreender, mas o homem deve ser capaz de explicar a esperança que há nele. Não tem muito sentido exortar a um homem a ser cristão, se não compreender o que é ser cristão. O pregador cristão é um homem que dedicou muitos anos de sua vida a obter a preparação para explicar a fé a outros, libertado-se dos deveres e tarefas comuns da vida para pensar, estudar e orar para poder expor a respeito da palavra de Deus. Em nenhuma Igreja pode existir uma fé duradoura sem um pregador que ensine.

(3) Deve haver *exortação*. A mensagem cristã deve terminar sempre em ação cristã. Logo depois da pregação da Palavra deve-se fazer algo. Alguém disse que todos os sermões deveriam finalizar com o desafio: "O que faremos com relação a isto, amigos?" Não é suficiente apresentar a mensagem cristã como algo que deve ser estudado, conhecido e compreendido; tem que ser apresentado como algo que deve levar-se a cabo. O cristianismo é a verdade, mas é a verdade em ação.

(4) Deve haver *oração*. Todos se reúnem na presença de Deus; pensa-se no Espírito de Deus; separam-se fortalecidos por Deus. Nem a

pregação, nem escutar durante o culto, nem a ação conseqüente no mundo é possível sem a ajuda do Espírito de Deus.

Seria bom que algumas vezes provássemos nossos cultos modernos confrontando-os com o modelo dos primeiros cultos da igreja cristã.

O DEVER PESSOAL DO LÍDER CRISTÃO

1 Timóteo 4:10-16 (continuação)

Nesta passagem se descreve da maneira mais vívida o dever pessoal do líder cristão.

(1) Deve lembrar que é *uma pessoa escolhida pela Igreja para realizar uma tarefa especial*. O líder cristão não tem sentido fora da Igreja. A Igreja lhe deu um mandato; sua tarefa está dentro da comunidade da Igreja; seu dever é o de formar a outros na Igreja. Esta é precisamente a razão pela que o trabalho verdadeiramente importante da Igreja cristã nunca se realiza por meio de evangelizadores itinerantes, mas sim sempre está em mãos dos pastores estabelecidos numa congregação. Sem a Igreja, o líder cristão é um personagem sem significado.

(2) Deve lembrar *o dever de pensar nestas coisas*. O grande perigo do líder cristão é a preguiça intelectual e a mente fechada. O perigo de que se esqueça de estudar e permita que seu pensamento corra por caminhos gastos. O perigo de que nunca saia da órbita de um número limitado de idéias favoritas. O perigo de que as novas verdades, os novos métodos, o intento de reafirmar a fé em termos contemporâneos simplesmente o irrite e chateiem. O líder cristão deve ser um pensador cristão, ou fracassará em sua tarefa; e ser um pensador cristão é ser um aventureiro do pensamento durante toda a vida.

(3) Deve lembrar *o dever de concentrar-se*. Deve encontrar toda sua vida nas coisas que ensina. O perigo do líder cristão é que deixe que suas energias se dissipem entre muitas coisas que não são vitais para a fé cristã. Encontra-se diante do convite de realizar muitas tarefas;

confronta-se com as reclamações de muitas esferas do serviço; mas seu único dever é concentrar-se nas tarefas para as quais foi escolhido. Houve um profeta que confrontou a Acabe com uma espécie de parábola. Disse que numa batalha um homem lhe havia trazido um prisioneiro para que o cuidasse, dizendo que se o prisioneiro escapasse responderia com sua própria vida. Mas permitiu que sua atenção se distraísse "e enquanto seu servo estava ocupado numa e em outra coisa, o homem desapareceu" (1 Reis 20:35-43). É fácil para o líder cristão estar ocupado aqui e acolá, e deixar as coisas importantes. A concentração é um dos principais deveres do líder cristão.

(4) Deve lembrar *o dever de progredir*. Seu progresso deve ser evidente a todos. É muito certo que muitas vezes nos deixamos conquistar várias vezes pelo mesmo; que somos vítimas das mesmas falhas no temperamento e no caráter; que fracassamos pelas mesmas razões; que à medida que os anos passam não avançamos nada. O líder cristão promete junto com outros chegar a ser mais parecido com Cristo. Como pode fazê-lo com honestidade a não ser que dia a dia se assemelhe mais ao Mestre ao qual pertence e ao qual deseja servir?

Quando Kagawa decidiu converter-se ao cristianismo, sua primeira oração foi a seguinte: "Deus, faça-me qual Cristo." A oração do líder cristão deve pedir em primeiro lugar ser mais como Cristo, porque só dessa maneira poderá levar a outros a Ele.

1 Timóteo 5

O dever de repreender - 5:1-2

As relações da vida - 5:1-2 (cont.)

A igreja e o dever para com a família - 5:3-8

Uma ancianidade honorável e útil - 5:9-10

O privilégio e os perigos do serviço - 5:9-10 (cont.)

Os perigos da ociosidade - 5:11-16

Normas para a administração prática - 5:17-22

Normas para a administração prática - 5:17-22 (cont.)

Conselho a Timóteo - 5:23

A impossibilidade do segredo total - 5:24-25

O DEVER DE REPREENDER

1 Timóteo 5:1-2

Sempre é muito difícil repreender a outro com afabilidade; e a Timóteo algumas vezes corresponderia uma tarefa duplamente difícil — a de repreender uma pessoa mais velha que ele.

Crisóstomo escreve: "A reprimenda ofende por natureza, em particular quando a dirige a uma pessoa mais velha; e quando provém de um homem jovem também, há uma tripla amostra de atrevimento. Deverá suavizá-la, portanto, com o modo e benignidade da mesma. Porque é possível repreender sem ofender, se tão somente se cuida nisso; requer uma grande discricção, mas pode-se fazer."

Sempre é problemático censurar e repreender. Podemos detestar tanto a tarefa de advertir a alguém que a evitemos por completo. Muitas pessoas se teriam salvado de cair na aflição ou na desgraça, se alguém lhes tivesse advertido ou repreendido a tempo. Não pode haver nada mais terrível na vida que escutar a alguém que nos diga o seguinte: "Nunca teria chegado a isto, se você me tivesse falado a tempo." É um equívoco evitar a palavra que se devia pronunciar.

Podemos censurar e repreender a uma pessoa de tal forma que não haja nada mais que irritação em nossa voz e amargura em nossas mentes e corações. Uma reprimenda dada com ira, em tal forma que pareça provir do rechaço, do chateio, do desprezo, do desgosto pode produzir medo; pode ferir e faz doer; mas quase inevitavelmente produzirá ressentimento; e seu efeito final poderá ser simplesmente o de confirmar a pessoa equivocada no erro de seu caminho. A repreensão irada e a reprimenda que rechaça e despreza são raramente efetivos, e o mais provável é que causem mais mal que bem.

Diz-se que Florence Allshorn, a grande mestra missionária, quando era diretora de um colégio de senhoritas, sempre repreendia a suas alunas, quando era necessário, como se as estivesse abraçando. Só a repreensão que provém do amor é efetiva. Se alguma vez tivermos razão para repreender a alguém, devemos fazê-lo de tal maneira que esclareçamos que o fazemos, não porque o desejamos, mas sim porque somos obrigados pelo amor, e porque queremos ajudar e não ferir.

AS RELAÇÕES DA VIDA

1 Timóteo 5:1-2 (continuação)

Estes dois versículos estabelecem o espírito que deveriam exibir as diferentes relações das distintas idades da vida.

(1) Devemos tratar as pessoas mais velhas com *afeto e respeito*. Deve-se tratar o homem mais velho como a um pai, e a mulher mais velha como uma mãe. O mundo antigo conhecia bem a deferência e o respeito que se deviam à idade.

Cícero escreve:

"Portanto, é o dever do homem jovem demonstrar deferência para com seus superiores, vincular-se ao melhor e ao mais digno deles, para receber o benefício de seus conselhos e influências. Porque a inexperiência da juventude requer da sabedoria prática da idade para ser fortalecida e dirigida. E esta época da vida deve ser protegida sobre todas as coisas da sensualidade e deve ser treinada no trabalho e na resistência da mente e do corpo, para poder estar forte para a tarefa ativa no serviço militar e civil. E mesmo quando queiram relaxar suas mentes e entregar-se à alegria, deveriam estar atentos aos excessos e ter em mente as regras da modéstia. E isto será mais fácil, se os jovens estiverem de acordo com que seus superiores estejam com eles, até em seus prazeres" (Cícero, *De Officiis*, 1:34).

Aristóteles escreve: "Também deve-se render honras a todas as pessoas maiores de acordo com sua idade, levantando-se para recebê-los e lhes buscando assento e demais." (Aristóteles, *Ética nicomaquea*, 9:2).

Uma das coisas mais terríveis da vida é que a juventude muitas vezes tende a considerar os anciãos como uma moléstia. Deve-se dar sempre à velhice o respeito e o afeto devido, àqueles que viveram por longo tempo e andaram muito pelo caminho da vida e da experiência. Uma famosa frase francesa diz como num suspiro: "Se só a juventude tivesse o conhecimento, se só a velhice tivesse a força." Mas quando existe um respeito e um afeto mútuos, então a sabedoria e a experiência da idade podem cooperar com a força, o espírito aventureiro e o entusiasmo da juventude, para grande benefício de ambos.

(2) Devemos mostrar *fraternidade* a nossos contemporâneos. Os homens jovens devem ser tratados como irmãos. Aristóteles diz: "Dever-se-ia-se permitir que os camaradas e os companheiros tivessem liberdade de expressão e utilização em comum de todas as coisas" (Aristóteles, *Ética nicomaquea*, 9:2). Deve haver tolerância e se devem compartilhar as cotas com nossos contemporâneos. Os cristãos nunca poderão ser estranhos uns dos outros; devem ser irmãos no Senhor.

(3) As relações para com aqueles do sexo oposto devem distinguir-se pela sua *pureza*. Os árabes têm uma frase para descrever um cavaleiro. Chamam-no: "Irmão das jovens". Há uma frase famosa que fala da "amizade platônica". Deve-se reservar o amor para uma pessoa; é algo temível que o físico domine a relação entre os sexos, e que um homem não possa olhar a uma mulher sem pensar em seu corpo. Deve existir uma fraternidade de mente e coração entre o povo de Cristo, limpa de todo desejo e assegurada pela classe mais alta de mútuo amor cristão.

A IGREJA E O DEVER PARA COM A FAMÍLIA

1 Timóteo 5:3-8

A Igreja cristã herdou a formosa tradição de caridade para com os necessitados. Nenhum povo se preocupou mais que o judeu pelos necessitados e pelos anciãos. Nesta passagem se aconselha a respeito do

cuidado das viúvas. Pode ser que aqui se considerem duas classes de mulheres. Certamente havia viúvas que tinham chegado a sê-lo da maneira normal devido à morte de seus maridos. Mas sugeriu-se que também se encontrem envoltas outro tipo de mulheres. Não era incomum no mundo pagão, em alguns lugares, que o homem tivesse mais de uma esposa, já que a poligamia ainda não tinha desaparecido. Quando um homem se convertia ao cristianismo não podia continuar sendo polígamo, e portanto tinha que escolher com qual esposa ia continuar convivendo. Isto significava inevitavelmente que algumas de suas esposas tinham que ser despedidas. Estas mulheres sem dúvida alguma se encontravam numa posição muito infeliz e desafortunada. O mesmo pode acontecer hoje no campo missionário. E bem pode ser que estas mulheres, como aquelas, também sejam consideradas como esposas, e recebam o apoio da Igreja.

A lei judia estabelecia que no momento do casamento o homem devia prover para o caso de que morresse e sua mulher ficasse viúva. Os primeiros funcionários escolhidos pela igreja cristã, tinham este dever de cuidar correta e justamente das viúvas (Atos 6:1). Inácio estabeleceu: "Não descuidem as viúvas. Sede suas guardiães no nome do Senhor." A *Constituição Apostólica* ordena ao bispo: "Oh bispo, tenha presente o necessitado, já seja estendendo sua mão disposta a ajudar como provendo para eles como servo de Deus, distribuindo as oferendas regularmente a cada um deles, às viúvas, os órfãos, os que não têm amigos, e aqueles que estão em aflição." O mesmo livro tem instruções interessantes e amáveis: "Se qualquer receber um encargo para uma viúva ou uma mulher pobre... cumpra-o no dia." Como diz o provérbio: "Aquele que dá rápido, dá duas vezes." E à Igreja era responsável que os necessitados não tivessem que esperar e desejar enquanto um servo da Igreja se atrasava.

Mas devemos notar que a Igreja não se propunha assumir a responsabilidade por aquelas pessoas anciãs cujos filhos vivessem e estivessem em condições das manter. O mundo antigo estabelecia

claramente que era o dever dos filhos sustentar os pais anciãos, e como bem disse E. K. Simpson: "Uma profissão religiosa que está abaixo das normas reconhecidas pelo mundo não é mais que uma fraude miserável." A Igreja nunca teria aceito que sua caridade se convertesse em desculpa para que os filhos evadissem suas responsabilidades. A lei grega da época de Sólon estabelecia que os filhos e as filhas não só estavam moralmente, mas também legalmente, obrigados a sustentar a seus pais. Qualquer que se negasse a cumprir com esse dever perdia seus direitos civis.

Esquino, o orador ateniense, disse em um de seus discursos: "Aos quais condenou aquele que nos deu a lei (Sólon) ao silêncio na Assembléia do povo? E onde esclarece isto? Diz: "Façam um escrutínio dos oradores públicos, não seja que haja na Assembléia do povo algum orador que golpeie a seus pais ou que se negue a mantê-los ou lhes dar um lar."

Demóstenes diz: "Considero que o homem que nega a seus pais não é crente e é odiado pelos deuses, assim como pelos homens." Filo escrevendo a respeito do mandamento de honrar aos pais diz: "Quando as cegonhas velhas deixam de voar, permanecem em seus ninhos e são alimentadas por seus filhos, que realizam esforços sem fim para lhes prover de comida, devido a sua piedade." Para Filo estava bem claro que até a criação animal reconhecia suas obrigações para com seus pais anciãos; quanto mais deveriam fazê-lo os homens?

Aristóteles na *Ética nicomaquea* estabelece: "Penso que no que respeita à comida deveríamos ajudar a nossos pais antes que a qualquer outro, devido que lhes devemos nossa nutrição, e se mais honorável ajudar desta maneira aos autores de nosso ser, até antes que a nós mesmos." Para o Aristóteles, era preferível sofrer fome a própria pessoa antes de que isto acontecesse aos pais.

Platão nas *Leis* tem a mesma convicção com relação a esta dívida para com os pais: "Logo vem a honra dos pais amantes, aos quais, como é sabido, devemos lhes pagar a primeira, maior e mais antiga de todas as

dívidas, considerando que tudo o que tem um homem pertence àqueles que lhe permitiram nascer e o criaram, e que deve fazer tudo o que esteja a seu alcance para servi-los; em primeiro lugar, no que respeita a sua propriedade; em segundo lugar, em sua pessoa; e em terceiro lugar, em espírito; pagando as dívidas que se lhes devem pelos cuidados e trabalhos que eles lhe dedicaram nos dias de sua infância, e que agora pode lhes devolver, quando são anciãos e sua necessidade é extrema."

O mesmo acontece com os poetas gregos. Ifigênia, heroína da obra do Eurípides *Ifigenia en Aulis*, fala-lhe com seu pai Agamenon em termos similares. Sua alegria era esperar o dia no qual pudesse pagar a seu pai tudo o que ele tinha feito por ela.

Orestes também se expressa de maneira semelhante quando Eurípides o leva a descobrir que matou sem saber a seu próprio pai. Para o dramaturgo trágico o pecado que mais perseguia as pessoas na Terra era o ter falhado no dever para com os pais.

Os escritores éticos do Novo Testamento estavam seguros de que o sustento dos pais era parte essencial do dever cristão. É algo que se deve lembrar. Vivemos numa época em que até os deveres mais sagrados são deixados em mãos do Estado, e em que esperamos, em muitos casos, que a caridade pública faça o que a piedade privada deveria fazer. De acordo com as Pastorais, ajudar os pais significa duas coisas. Primeiro, é honrar ao que recebe. É a única forma em que um filho pode demonstrar a honra e a estima que estão dentro de seu coração. Segundo, é admitir as reclamações do amor. É o amor que honra sua dívida de amar. O amor com que se reintegra no momento de necessidade e só com amor pode-se pagar o amor.

Fica uma coisa por dizer, e não fazê-lo seria injusto e desleal. Esta mesma passagem continua estabelecendo algumas das qualidades das pessoas às quais a Igreja está chamada a sustentar. Se se deve sustentar a uma pessoa, essa pessoa deve ser digna de sê-lo. Se se levar um pai a um lar e logo devido a uma conduta descuidada, desconsiderada, pouco amável e imprudente não causa mais que problemas, então surge outra

situação. Aqui se apresenta uma dupla tarefa; o dever de um filho é sustentar a seu pai, mas o dever de um pai é o de comportar-se de tal maneira que esse sustento se faça possível dentro da estrutura do lar.

UMA ANCIANIDADE HONORÁVEL E ÚTIL

1 Timóteo 5:9-10

Por esta passagem se sabe claramente que a Igreja tinha um registro oficial de viúvas. E parece que a palavra viúva utiliza-se com um duplo significado. As mulheres anciãs cujos maridos tinham morrido e cujas vidas eram belas e úteis eram responsabilidade da Igreja; mas também é certo que, talvez já nessa época, e com segurança mais tarde, na Igreja primitiva havia uma ordem oficial de viúvas, uma ordem de mulheres anciãs que eram apartadas para realizar tarefas especiais na vida e tarefa da Igreja.

Nas normas posteriores das *Constituições Apostólicas* que nos relatam como era a vida e a organização da Igreja no século III, estabelece-se: "Se nomeará a três viúvas, duas para perseverar na oração por aqueles que estão em tentação, e para receber revelações, quando estas são necessárias, e uma para assistir as mulheres visitadas pela enfermidade; deve estar preparada para o serviço, ser discreta; que comunique aos anciãos o que seja necessário; não deve ser avara, nem amante do vinho, de modo que possa estar sóbria e capacitada para levar a cabo tarefas noturnas, e outros deveres de amor." Às viúvas se atribuía a tarefa da oração constante e da constante ajuda afetuosa dos que estavam necessidade.

As viúvas não eram ordenadas da mesma maneira que os anciãos e os bispos; eram apartadas por meio da oração para a tarefa que deviam realizar. Não se devia escolhê-las para essa tarefa até que não tivessem passado dos sessenta anos de idade. Essa era uma idade que o mundo antigo também considerava especialmente apta para a concentração na vida espiritual. Platão, em sua descrição e planejamento do Estado ideal,

sustentava que a idade de sessenta anos era a correta para que homens e mulheres se convertessem em sacerdotes e sacerdotisas. A gente religiosa do Oriente considera que a idade de sessenta anos é a adaptada para retirar-se das atividades comuns do mundo para dedicar-se à vida de contemplação.

As Epístolas Pastorais são sempre livros intensamente práticos; e aqui nesta passagem encontramos sete qualidades que as viúvas da Igreja devem satisfazer.

Deviam ter tido um só marido. Numa época em que o vínculo matrimonial era considerado com leviandade e quase universalmente desonrado, deviam ser exemplos de pureza e fidelidade.

Deviam ter ganho uma reputação confirmada de boas obras. O funcionário da Igreja, homem ou mulher, tem a seu cargo, não só sua reputação pessoal e bom nome, mas também o bom nome da Igreja. Nada desacredita mais a Igreja que os funcionários indignos; e nada é melhor propaganda para ela que um funcionário que levou seu cristianismo à vida e atividade cotidiana.

Deviam ter criado filhos. Isto pode significar mais de uma coisa. Pode significar que as viúvas deviam ter dado provas de sua piedade cristã criando a suas próprias famílias dentro do cristianismo. Mas pode ser que signifique mais que isto. Numa época em que o vínculo matrimonial era um laço, e em que homens e mulheres mudavam de casal com uma rapidez surpreendente, considerava-se os filhos como uma desgraça. A última coisa que se queria era um filho. Quando nascia um filho, era levado e posto diante dos pés de seu pai. Se o pai se inclinava e levantava o menino significava que o reconhecia e que estava preparado para aceitar a responsabilidade de sua criação. Se o pai dava volta e se retirava, então o menino era literalmente arrojado como se se tratasse de resíduo. Muitas vezes acontecia que esses não desejados eram recolhidos por gente inconsciente e inescrupulosa e, se eram meninas, eles as criavam para abastecer os prostíbulos públicos, e se eram varões eles os treinavam para ser escravos ou gladiadores nos jogos públicos.

Em tais circunstâncias seria um dever cristão resgatar esses meninos da morte e de coisas piores, e criá-los num lar cristão. De modo que isto pode significar que as viúvas deviam ser mulheres que tivessem estado preparadas para brindar um lar aos meninos órfãos e abandonados.

Deviam ter sido hospitaleiras com os estranhos. No mundo antigo as posadas eram notoriamente sujas, notoriamente caras, e notoriamente imorais. De modo que aqueles que abriam seu lar ao viajante cristão, ou ao estranho cristão num lugar longínquo, ou às pessoas jovens cujo trabalho e estudo os levava longe de seu lar, estavam fazendo um serviço muito valioso para a comunidade cristã. A porta aberta do lar cristão é sempre algo prezado.

Deviam ter lavado os pés dos santos. Não é necessário tomar isto literalmente, ainda que se inclui o significado literal. Lavar os pés de uma pessoa era tarefa de escravos; era a mais baixa de todas as tarefas. Isto significa que as viúvas cristãs deviam ter estado dispostas a aceitar as tarefas mais humildes no serviço de Cristo e dos seus. A Igreja necessita de dirigentes que vivam em eminência; mas necessita deste modo aos que estão preparados para realizar tarefas que não recebem distinções nem agradecimento.

Deviam ter ajudado aqueles que tivessem problemas e estivessem presos. Nos dias de perseguição era uma tarefa importante a de visitar e ajudar os cristãos que estavam sofrendo por sua fé. Fazê-lo era identificar-se com eles e aceitar o risco de ser levado a igual castigo e encarceramento. O cristão deve ajudar aos que têm problemas por sua fé, ainda que, ao fazê-lo, tenha problemas ele mesmo.

Deviam ter praticado toda obra boa. Todo homem concentra sua vida em algo; o cristão o faz em obedecer a Cristo e ajudar a outros.

Quando estudamos estas qualidades das que queriam ser arroladas como viúvas, vemos que são na verdade as qualidades para a vida de todo cristão que ama a Cristo e a seus semelhantes.

O PRIVILÉGIO E OS PERIGOS DO SERVIÇO**1 Timóteo 5:9-10 (continuação)**

Como já o assinalamos, se não tão cedo como em época das Epístolas Pastorais, certamente anos mais e, as viúvas se converteram numa ordem aceita dentro a Igreja cristã. Seu lugar e sua tarefa na Igreja se nos primeiros oito capítulos do terceiro livro de *As Constituições Apostólicas*, e vale a pena considerar esses capítulos para ver a utilidade desta ordem e os perigos e riscos que quase inevitavelmente corria.

(1) Estabelece-se que as mulheres que servissem a Igreja deviam ser mulheres discretas. Em especial deviam ser discretas durante a conversação: "Que as viúvas sejam humildes, amáveis, sinceras, não iracundas; não devem ser faladoras, nem estrepitosas, nem rápidas para falar, nem dadas às intrigas, nem capciosas, nem mal-intencionadas, nem entremetidas. Se vêem ou escutam algo que não é correto, que ajam como se nada tivessem visto ou ouvido."

Tais funcionárias da Igreja devem ser muito cuidadosas quando falam de sua fé, e quando discutem com gente que está fora da Igreja: "Porque os não crentes, quando ouvem a doutrina que concerne a Cristo não explicada como deveria sê-lo, mas sim defeituosamente, em especial o que concerne à sua Encarnação ou à sua Paixão, eles a rechaçarão com brincadeira, e rirão como se fosse falsa em lugar de louvar a Deus por ela."

Não há nada mais perigoso que um funcionário da Igreja que fala de assuntos privados que deveriam guardar-se em segredo. Um funcionário ou um ministro da Igreja não deve repetir uma confidência, assim como um sacerdote não repete um segredo de confissão. Um funcionário da Igreja deve estar equipado para comunicar o evangelho de tal maneira que permita que os homens tenham em mais e não em menos consideração a verdade cristã.

(2) Estabelece-se que as mulheres que servem na Igreja não devem ser guias de ruas: "Que a viúva portanto se considere como o altar de Deus, e que se sente em sua própria casa, e não entre nas casas dos infiéis, sob nenhum pretexto para receber nada; porque o altar de Deus nunca anda de lugar em lugar, mas sim está fixo. Portanto que a virgem e a viúva não andem de lugar em lugar ou vão à casa daqueles que são alheios à fé. Porque pessoas como estas são guias de ruas e impudicas." O fofoqueiro curioso e revoltoso está mal equipado para servir à Igreja.

(3) Estabelece-se que as viúvas que aceitam a caridade da Igreja não devem ser ambiciosas. "Existem algumas viúvas que pedem que se lhes pague por sua tarefa; e como pedem sem vergonha, e recebem sem ser satisfeitas, deixam a outras pessoas para o último ao dar... Esta mulher pensa em sua mente onde pode ir obter coisas, ou que certa mulher que é sua amiga se esqueceu dela e tem algo que lhe dizer.... murmura à diaconisa que distribui a caridade, dizendo: Não vê que estou em mais miséria e necessidade de sua caridade? Por que então preferiste a outra antes que a mim?" É algo muito feio querer viver da Igreja em lugar de fazê-lo por ela.

(4) Estabelece-se que estas mulheres devem fazer todo o possível por bastar-se a si mesmas: "Que tome lã e ajude a outros em lugar de ela necessitar de outros." A caridade da Igreja não existe para fazer com que a gente seja folgazona e dependente.

(5) Estas mulheres não devem ser invejosas nem ciumentas: "Ouvimos que algumas viúvas são ciumentas, caluniadoras, invejosas, e invejosas da tranqüilidade de outras... Convém-lhes quando uma de suas viúvas irmãs recebe de alguém vestidos, ou dinheiro, ou carne, ou bebida, ou sapatos, dar graças Deus pelo alívio de sua irmã."

Aqui nos encontramos ao mesmo tempo com a descrição das faltas que enchem à Igreja, e das virtudes teriam que ser a distinção de uma verdadeira vida cristã.

OS PERIGOS DA OCIOSIDADE**1 Timóteo 5:11-16**

Uma passagem como este reflete a situação da sociedade na que se encontrava a Igreja primitiva.

Não é que se condene as viúvas mais jovens por casar-se novamente. O que se condena é o seguinte. A tristeza e a morte podem entrar no lar de um casal jovem. O marido morre; e então a viúva na primeira amargura da tristeza, e com um impulso religioso do momento, pode decidir permanecer viúva por toda sua vida, e dedicar-se a Cristo e à Igreja. Considerava-se que a mulher que fazia isto tomava a Cristo como marido, e ela mesma era esposa da Igreja. De modo que, se rompia sua promessa, e desejava casar-se de novo, era considerada como se quebrasse seu vínculo matrimonial com Cristo. Teria sido melhor que não tivesse feito o voto. Ninguém dentro ou fora da igreja a teria tido em menos se não o tivesse feito. Mas tendo-o feito, seu dever era o de ser fiel a seu voto e manter sua vida consagrada ao Senhor.

O que complicava muito este assunto era o cenário social da época. No mundo antigo era quase impossível que uma mulher solteira ou viúva ganhasse a vida honestamente. Havia poucas coisas que podia fazer; virtualmente não tinha acesso a nenhum ofício ou profissão. O resultado era inevitável; estava quase obrigada a exercer a prostituição para sobreviver. Deve-se ler esta passagem tendo em conta o contexto em que a uma mulher solteira era quase completamente impossível ser independente através de um trabalho honesto. Ou tinha que casar-se, ou dedicar sua vida completamente ao serviço da Igreja; não havia um passo intermediário entre ambas as eleições.

Em todo caso os perigos da ociosidade são os mesmos em qualquer época e em qualquer geração. Havia o perigo de converter-se em pessoas *inquietas*; ao não ter suficientes coisas para fazer, a mulher podia converter-se numa dessas pessoas que andam de casa em casa numa ronda vazia. Era quase inevitável que essa mulher se convertesse numa

fofoqueira; como não tinha nada importante que dizer, tenderia a falar de escândalos, repetindo histórias de casa em casa, cada vez um pouco mais adornadas, com um pouco mais de malícia e de acuidade ao contá-las várias vezes. A melhor forma de evitar a fofoca inútil é encher a vida com atividades e acumular conhecimentos na mente de modo que sempre haja algo sobre o qual valha a pena conversar. Essa mulher corria o risco de converter-se numa *entremetida*. Ao não ter nada próprio no que ocupar-se, estaria em condições de interessar-se muito e entremeter-se nos problemas de outros. Era certo então, como o é agora, que "o diabo sempre encontra algo que fazer para as mãos ociosas". A vida plena é sempre a vida segura, e a vida vazia é sempre a vida que corre perigo.

Assim, pois, o conselho é que estas mulheres jovens se casem, e se dediquem a maior tarefa de todas, a tarefa de criar uma família e formar um lar. Mais uma vez nos encontramos aqui com uma das idéias principais das Epístolas Pastorais. Estas Cartas se preocuparam sempre por como vê o cristão é visto no mundo exterior. O cristão como pessoa dá ao mundo exterior a oportunidade de criticar a Igreja, ou lhe outorga uma razão para admirá-la? O mundo é rápido para utilizar qualquer escândalo para desacreditar a Igreja. Sempre é certo que "o maior impedimento que tem a Igreja é a vida pouco satisfatória dos cristãos militantes", e também é sempre certo que o maior argumento em favor do cristianismo é uma vida genuinamente cristã. E não existe nenhum outro testemunho que seja melhor para o cristianismo que a beleza, a alegria, e a fraternidade de um lar verdadeiramente cristão.

NORMAS PARA A ADMINISTRAÇÃO PRÁTICA

1 Timóteo 5:17-22

Esta passagem consiste numa série de normas muito práticas para a vida e a administração da Igreja.

(1) Deve-se honrar adequadamente os anciãos, e também pagar-lhes como corresponde. No Oriente quando se debulhava, as hastes de trigo se deixavam na era; logo se fazia com que várias juntas de bois caminhassem sobre eles; ou se atava os bois num poste no meio, como um eixo. e eram partidos ao redor do grão; outras vezes se acoplava a eles um pau de debulhar, aquele que se fazia passar e repassar sobre o trigo; mas em todos os casos se deixava os bois sem focinheira; estavam livres para comer todo o grão que quisessem como prêmio pelo trabalho que estavam fazendo. A lei existente de que não se devia atar a boca aos bois encontra--se em Deuteronômio 25:4. A afirmação de que todo obreiro é digno de seu trabalho pertence a Jesus (Lucas 10:7). O mais provável é que Ele tenha citado um provérbio. Todo homem que trabalha merece seu sustento, e quanto mais trabalha, mais terá ganho e merecido. O cristianismo nunca teve nada que ver com a ética suave e sentimental que exige salários iguais para todos. O que recebe o homem deve ser sempre proporcional a seu trabalho. Mas devemos notar quais são os anciãos que devem ser especialmente honrados e retribuídos. Trata-se daqueles que trabalham na *pregação* e no *ensino*. Não se trata aqui do ancião que se limitava a dar conselhos e recomendações, cujo serviço consistia em palavras, discussões e argumentos e que considerava terminados seus deveres de ancião quando se sentou a uma mesa e falou. O homem que verdadeiramente honrava a Igreja era aquele que trabalhava para edificá-la com sua pregação da verdade às pessoas, e com sua tarefa de educar os mais jovens e os novos convertidos no caminho cristão.

(2) A Lei judia estabelecia que não se podia condenar a ninguém com o testemunho de uma só pessoa: “Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Deuteronômio 19:15).

A *Mishnah*, a lei rabínica codificada, ao descrever o processo de um júízo diz: " A segunda testemunha era igualmente trazida e examinada.

Se fosse encontrado que o testemunho dos dois coincidia, seu o caso era aberto para a defesa." Quer dizer, se sustentava-se uma acusação com a evidência de uma só testemunha, considerava-se que não havia motivo para iniciar uma causa.

Em épocas posteriores as normas da Igreja estabeleceram que as duas testemunhas deviam ser cristãs, porque teria sido fácil para um pagão malicioso inventar uma falsa acusação contra um ancião cristão para desacreditá-lo, e através dele à Igreja. Nos primeiros dias da Igreja, as autoridades eclesiásticas não duvidavam em aplicar a disciplina, e Teodoro de Mopsueste, um dos pais primitivos, assinala quão necessária era esta norma, porque os anciãos estavam expostos sempre ao desagrado e especialmente a ataques maliciosos "como aquela desforra que tinham sido repreendidos por seus pecados". Uma pessoa a que se tinha chamado à ordem podia querer obter sua revanche acusando maliciosamente a um ancião de alguma irregularidade ou algum pecado. O certo é que este seria um mundo mais feliz, e a Igreja seria mais feliz, se a pessoa compreendesse que difundir ou repetir histórias a respeito das pessoas, que não são, nem podem ser seguras, é nada menos que um pecado. Os falatórios irresponsáveis, caluniosos e maliciosos fazem danos infinitos e causam muitas feridas, e Deus não deixará de castigar.

NORMAS PARA A ADMINISTRAÇÃO PRÁTICA

1 Timóteo 5:17-22 (continuação)

(3) Aqueles que persistem no pecado devem ser repreendidos publicamente. Essa reprimenda pública tinha um duplo valor. Fazia com que o pecador considerasse seriamente sua forma de ser, e despertava o sentimento de vergonha; e fazia com que outros se cuidassem de não ver-se envoltos eles mesmos numa humilhação similar. A ameaça da publicidade não é má, se faz com que a pessoa se mantenha no caminho correto, ainda que seja por medo. Um dirigente sábio, saberá quando é o momento de calar as coisas, e quando deve fazer uma reprimenda

pública. Mas seja o que for que aconteça, a Igreja não deve dar ao mundo nunca a impressão de que está tolerando o pecado.

(4) Timóteo vê-se urgido a administrar sua tarefa sem favoritismos nem preconceitos. D. S. Easton escreve. "O bem-estar de toda comunidade depende da disciplina imparcial." Nada faz mais mal que tratar a algumas pessoas como se não pudessem fazer o mal, ou a outros como se não pudessem fazer o bem. A justiça é uma virtude universal, e nela a Igreja nunca deve estar por baixo das normas de imparcialidade que até o mundo exige com razão.

(5) Previne a Timóteo que "a ninguém imponhas precipitadamente as mãos". Isso pode significar uma de duas coisas.

(a) Pode ser que signifique que não deve ser muito ligeiro em impor as mãos a qualquer pessoa para ordená-la numa função da Igreja. Antes de promover-se a uma pessoa num negocio, ou no ensino, ou nas forças armadas, deve dar prova de que ganhou. A ninguém imponhas precipitadamente as mãos essa promoção e que a merece. Ninguém deveria começar no posto mais alto. A pessoa deve dar provas de que merece uma posição de responsabilidade e liderança. Isto é duplamente importante na Igreja; porque uma pessoa que é elevada a uma alta função e logo fracassa nela ou a desacredita, não só traz desonra sobre si mesmo, mas também sobre a Igreja. Num mundo crítico a Igreja não pode deixar de ser muito cuidadosa no que concerne à classe de pessoas que escolhe como dirigentes.

(b) Na Igreja primitiva era costume impor as mãos sobre um pecador penitente que tinha dado prova de seu arrependimento e tinha retornado ao redil. Estava estabelecido: "Quando cada pecador se arrepende e mostra frutos de seu arrependimento, ponha-se as mãos sobre ele, enquanto todos oram por ele."

Eusébio, o historiador da Igreja, relata-nos que era um costume antigo que os pecadores arrependidos fossem recebidos novamente com a imposição de mãos e com oração. Se esta passagem refere-se a isso, pode tratar-se de uma advertência a Timóteo que não seja muito ligeiro

em receber novamente à pessoa que havia trazido desonra à Igreja; que esperasse até que tivesse demonstrado que sua penitência era genuína e que estava verdadeiramente decidido a modificar sua vida para concordar com suas manifestações de penitência.

Isto não quer dizer em nenhum momento que se deva manter à distancia a esta pessoa e que se deve tratá-la com suspicácia e desconfiança. Tal pessoa deve ser tratada com toda simpatia em seu período de prova ajudando-a o e guiando-a. A comunidade cristã nesse momento deve fazer tudo o que esteja a seu alcance para ajudar à pessoa a que se redima e comece outra vez. Significa que não se deve tomar com ligeireza a condição de membro da Igreja, e que as pessoas devem mostrar seu penitência pelo passado e sua determinação para o futuro, não antes de ser recebido na *comunidade* da Igreja, mas sim antes de ser recebido como membro dela. A comunidade da Igreja existe para ajudar a estas pessoas a redimir-se a si mesmos, mas o ser membros da Igreja é para aqueles que dedicaram suas vidas a Cristo verdadeira e sinceramente.

CONSELHO A TIMÓTEO

1 Timóteo 5:23

Este versículo mostra o caráter verdadeiramente íntimo destas Cartas. Entre os assuntos da Igreja, e os problemas da administração, Paulo encontra um momento para dar um conselho carinhoso a Timóteo a respeito de sua saúde.

Sempre tinha havido um indício de ascetismo na religião judia. Quando um homem realizava o voto de nazireado (Números 6:1-21) prometia não tocar nem provar nunca nenhum produto da videira: “Abster-se-á de vinho e de bebida forte; não beberá vinagre de vinho, nem vinagre de bebida forte, nem tomará beberagens de uvas, nem comerá uvas frescas nem secas. Todos os dias do seu nazireado não comerá de coisa alguma que se faz da vinha, desde as sementes até às

casas” (Números 6:3-4). Os recabitas também prometiam abster do vinho. O livro de Jeremias nos relata como seu autor foi e pôs diante dos recabitas veio e taças: “Mas eles disseram: Não beberemos vinho, porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos ordenou: Nunca jamais bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos; não edificareis casa, não fareis sementeiras, não plantareis, nem possuireis vinha alguma” (Jeremias 35:6-7). Timóteo era judeu por um lado — sua mãe era judia (Atos 16:1) — e bem pode ser que tivesse herdado de sua mãe esta forma de vida estrita e ascética. Pelo lado de seu pai, era grego. Já vimos que no pano de fundo das Pastorais está a heresia do gnosticismo que considerava que toda a matéria, todas as coisas carnis e mundanas eram más. Vimos que tal crença podia dar lugar a um ascetismo que arruinava e maltratava o corpo. E bem pode ser que Timóteo estivesse também pelo ascetismo grego, até inconscientemente.

Aqui nos encontramos com uma grande verdade que o cristão e aquele que trabalha para Cristo esquece com risco próprio, a verdade de que não devemos ser negligentes com nosso corpo. Ninguém deveria estar tão ocupado para não poder cuidar de sua saúde. E muitas vezes a pessoa verá que seu falta de brilhantismo espiritual, sua insipidez e sua aridez provêm do simples fato de que seu corpo está cansado e descuidado. Nenhuma máquina pode andar a não ser que seja cuidada devidamente; o mesmo acontece com o corpo. Desejamos fazer a tarefa de Cristo tão bem quanto podemos; não a faremos nem poderemos fazê-la se não estamos fisicamente aptos. Não há virtude, mas pelo contrário, no abandono e desprezo do corpo. *Mens sana in corpore sano*, mente sã em corpo são, esse era o velho ideal romano, e é também o ideal cristão.

Este é um texto que muito preocupou os defensores da abstinência total. Deve-se lembrar que este texto não dá a ninguém licença para entregar-se em excesso à bebida; simplesmente aprova o uso do vinho quando este pode ser de ajuda medicinal. Estabelece-se algum princípio. E. F. Brown o assinalou bem: "Mostra que se se pode recomendar a abstinência total como um conselho sábio, não se deve praticá-la como

obrigação religiosa." Paulo simplesmente está dizendo que não há nenhuma virtude num ascetismo que faz ao corpo mais mal que bem.

A IMPOSSIBILIDADE DO SEGREDO TOTAL

1 Timóteo 5:24-25

Esta é uma afirmação que nos leva a deixar as coisas a Deus e nos contentar. Há pecadores óbvios, cujos pecados claramente os estão levando ao desastre e ao castigo; e há pecadores em segredo que atrás de um aspecto de retidão irrepreensível levam uma vida que em essência é maligna e feia. Deus pode ver o que o homem não vê. "O homem vê os atos, mas Deus vê a intenção." Alguém disse: "Deus não paga todas as semanas." Não há escapatória à confrontação final com um Deus que tudo vê e tudo sabe.

Há alguns cujas obras de bem estão à vista de todos, e que já ganharam o louvor, a honra, o agradecimento e as felicitações dos homens. Há alguns cujas obras de bem jamais foram reconhecidas. Nunca receberam apreço, nem agradecimento, nem elogio, nem valorização como mereciam. Sempre tidos como normal. Estes não devem sentir-se desiludidos nem amargurados. Deus também conhece a boa obra, e Ele a premiará, porque Deus nunca fica devendo nada a ninguém.

Aqui nos diz que não devemos nos zangar em face do aparente escapamento de outros, nem nos amargurar pela aparente ingratidão dos homens, mas sim devemos nos contentar deixando todas as coisas para o juízo final de Deus.

1 Timóteo 6

[Como ser escravo e cristão - 6:1-2](#)

[Falsos mestres e falsos ensinamentos - 6:3-5](#)

[As características do falso mestre - 6:3-5 \(cont.\)](#)

[A coroa do contentamento - 6:6-8](#)

O perigo do amor ao dinheiro - 6:9-10

Desafio a Timóteo - 6:11-16

Lembranças que inspiram - 6:11-16 (cont.)

Conselho aos ricos - 6:17-19

Uma fé para ser guardada - 6:20-21

COMO SER ESCRAVO E CRISTÃO

1 Timóteo 6:1-2

Sob a superfície desta passagem há certos princípios cristãos supremos e importantes para a vida e a tarefa cotidiana.

O escravo cristão encontrava-se numa posição peculiarmente difícil. Se era escravo de um amo pagão, podia demonstrar muito facilmente que considerava seu amo como destinado à perdição e ele mesmo como herdeiro da salvação. Seu cristianismo podia lhe dar um sentido de superioridade intolerante que poderia criar uma situação impossível. Por outro lado, se seu amo era cristão, o escravo poderia ver-se tentado a obter vantagens da nova relação e comercializar com ela. Poderia utilizá-la como desculpa para realizar um trabalho ineficiente e logo esperar escapar sem castigo. Poderia pensar que o fato de que tanto seu amo como ele fossem cristãos lhe dava oportunidade de todo tipo de considerações e atribuições especiais. Poderia usar este fato para ser folgazão e ineficaz, isento da disciplina e castigo. Este era um problema óbvio. Devemos ter em conta dois aspectos gerais.

(1) Nesses primeiros dias a Igreja não se apresentava como oponente e possível destruidora da escravidão por meios violentos e rápidos. E a Igreja foi sábia. Havia em torno de 60 milhões de escravos no Império Romano. Simplesmente devido a seu número os escravos foram sempre considerados como inimigos potenciais. Se se produzia uma rebelião de escravos, era esmagada com uma força sem misericórdia, porque o Império Romano não podia dar-se o luxo de permitir que os escravos se levantassem. Se um escravo escapava, ao ser

capturado era executado ou marcado na frente com a letra F, que significava *fugitivo*. Existia uma lei romana que estabelecia que se um amo fosse assassinado todos seus escravos podiam ser interrogados com torturas, e mortos em conjunto.

E. K. Simpson escreve sabiamente: "A campanha espiritual do cristianismo teria estado fatalmente comprometida se tivesse avivado as brasas latentes do ódio de classe e as convertendo numa chama devoradora, ou se tivesse aberto em seu seio um asilo para escravos fugitivos." Teria sido fatal para a Igreja alentar os escravos para que se agitassem, rebelassem e levantassem contra seus amos. Simplesmente teria causado uma guerra civil, uma matança em massa e a Igreja seria desacreditada por completo.

O que sucedeu então? O que sucedeu é que à medida que passaram os séculos o cristianismo penetrou de tal maneira na civilização que finalmente os escravos foram libertados voluntariamente e não pela força. Esta é uma lição tremenda. É a prova de que nem os homens, nem o mundo, nem a sociedade podem reformar-se pela força ou a lei. A reforma deve vir através da lenta penetração do Espírito de Cristo na situação humana. No final o caminho lento é o caminho seguro, e o caminho da violência sempre se derrota a si mesmo.

(2) Aqui também está a verdade, como se tem dito, de que a igualdade espiritual não apaga as distinções civis". Um dos perigos contínuos do cristianismo é que as pessoas podem considerar inconscientemente seu cristianismo como uma desculpa e uma defesa e de sua falta de vontade e ineficiência. Devido ao fato de que é cristão e seu amo também, pode esperar ser tratado com indulgência e consideração especiais. Mas o fato de que ambos sejam cristãos não livra de maneira nenhuma o empregado de realizar uma boa tarefa diária nem de ganhar seu salário. Não lhe dá nenhuma familiaridade especial. O cristão encontra-se sob a mesma obrigação que qualquer outro homem de submeter-se à disciplina, de ganhar seu pagamento e de realizar a tarefa diária.

(3) Qual é então o dever de um escravo cristão segundo a perspectiva das Pastorais? O dever do escravo cristão é o de ser um bom escravo. Se não o for, se for frouxo e descuidado, desobediente e insolente, simplesmente estará abastecendo o mundo com munções para criticar a Igreja. O trabalhador cristão deve recomendar seu cristianismo sendo um trabalhador melhor que outros. Em particular, sua tarefa será realizada com um novo espírito. Não pensará em si mesmo, como se estivesse obrigado involuntariamente a trabalhar; considerará que está prestando um serviço a seu amo, a Deus e a seus semelhantes. Sua meta será, não ver quão pouco pode-se extrair dele, mas sim quanto pode fazer voluntariamente. Nada pode recomendar mais o cristianismo que os bons trabalhadores cristãos.

FALSOS MESTRES E FALSOS ENSINOS

1 Timóteo 6:3-5

As circunstâncias da vida no mundo antigo apresentavam ao mestre falso uma oportunidade que ele não demorava para aproveitar. Do lado do cristianismo, a Igreja estava cheia de profetas vagabundos, cujo próprio estilo de vida lhes dava certo prestígio. O serviço cristão era muito mais informal do que é agora. Qualquer que sentisse que tinha uma mensagem estava livre para entregá-la; e a porta se abria amplamente aos homens que saíam a propagar uma mensagem falsa, equivocada e que levava a mal-entendidos.

Do lado dos pagãos, o mundo antigo sabia muito a respeito dos assim chamados filósofos vagabundos que buscavam lucros. Havia homens chamados *sofistas*, que significa *homens sábios*. Estes homens faziam negócio vendendo sua filosofia. Tinham duas formas de fazê-lo. Pediam uma cota para poder ensinar a falar bem e discutir com sagacidade. Eram os homens que com suas línguas suaves e suas mentes torcidas eram hábeis "em fazer com que a pior razão parecesse boa". Tinham convertido a filosofia numa forma de fazer-se ricos e

acomodados. A outra forma era a de fazer demonstrações por meio do discurso público. Os gregos sempre foram fascinados pela palavra falada; amavam os oradores; e estes sofistas vagabundos iam de cidade em cidade dando demonstrações de oratória. Realizavam publicidade em escala intensiva; chegavam a deixar convites pessoais para suas demonstrações. Os mais famosos levavam literalmente milhares de pessoas a suas conferências; eram em sua época o equivalente da estrela de cinema moderna. Filostrato nos relata que Adrián, um dos mais famosos deles, tinha um poder popular tão grande que quando seu mensageiro aparecia com a notícia de que ia falar, esvaziavam-se até o Senado e o circo, e toda a população se reunia no Ateneu para ouvi-lo. Obviamente estas demonstrações proporcionavam grandes quantidades de dinheiro. Estes homens tinham três grandes falhas.

Seus discursos eram completamente irreais. Ofereciam-se para falar sobre qualquer tema que qualquer membro da audiência propusesse por mais remoto, recôndito e estranho que fosse. Tomavam qualquer pergunta para discutir. Este é o tipo de pergunta que discutiam; trata-se de um exemplo real: Um homem dirige-se à cidadela de uma cidade a matar a um tirano que esteve oprimindo o povo; ao não encontrar o tirano, mata a seu filho; o tirano chega e vai a seu filho morto com a espada em seu corpo, e em sua tristeza se suicida; o homem logo pede uma recompensa por ter matado o tirano e por ter liberado a seu povo. Deve recebê-la? Na verdade estavam doentes com um vício às especulações abstrusas e fúteis, e realmente eram peritos na guerra de palavras.

Tinham sede de aplausos. A competição entre eles era áspera e questão de vida ou morte. Plutarco conta de um sofista ambulante chamado Níger que chegou a uma cidade da Galácia onde residia um orador proeminente. Imediatamente se organizou uma competição. Níger tinha que competir ou perder sua reputação. Tinha um espinho de peixe na garganta e isto o dificultava ao falar; mas por seu prestígio devia fazê-lo. Pouco depois a garganta se inflamou e finalmente morreu.

Crisóstomo descreve um lugar público em Corinto com todos os tipos de competidores em plena ação: "Pode-se ouvir a muitos pobres sofistas gritando e insultando-se uns aos outros, e a seus discípulos, como muitos os chamam, brigando, e a muitos escritores lendo seus estúpidos escritos, e a muitos poetas cantando seus poemas, e a muitos histriões exibindo suas maravilhas, e a muitos adivinhos dando o significado dos prodígios, e a milhares de retóricos torcendo pleitos, e a um número não menor de comerciantes desenvolvendo seus diversos negócios".

Encontramo-nos aqui com o intercâmbio de insultos, a inveja, a disputa e a aspereza, a constante briga entre homens de mente decadente, que deplora o escritor das Pastorais. "Um sofista", escreveu Filostrato, "vê-se deslocado num discurso improvisado por uma audiência séria, o louvor tardio e a falta de aplausos". Crisóstomo disse: "Todos estão famintos do murmúrio da multidão... Como homens que caminham na escuridão se movem sempre na direção dos aplausos e da gritaria".

Luciano escreve: "Se seus amigos te vêem desgastado, deixa que paguem o preço das comidas que lhes dá estendendo seus braços e te dando a oportunidade de pensar em algo que dizer durante o intervalo entre os aplausos". O mundo antigo conhecia o tipo de mestre falso que estava invadindo a Igreja.

Desejavam o louvor e seu critério eram os números. Epicteto tem algumas descrições vívidas do sofista que fala a seus discípulos logo depois de sua atuação: "—O que pensaram de mim hoje? — Senhor, por minha vida, penso que esteve admirável. —O que pensam de minha melhor passagem? — Qual foi? —Onde descrevi a Pão e as Ninfas. — Oh, esteve excessivamente bem." "—Penso que hoje houve uma audiência muito maior", diz o sofista. "—Sim, muito maior", responde o discípulo. —"Creio que foram uns quinhentos". "—Não! não podem ter sido menos de mil". — "Mas isso é mais que o que jamais tenha tido Crisóstomo. Pergunto-me por que?" "Também apreciaram o que disse". —"A Beleza, senhor, pode mover uma pedra".

Estes sofistas atuantes eram os "mimados" da sociedade. Chegavam a ser senadores, governadores, embaixadores. Ao morrer erigiam monumentos em sua honra com inscrições tais como: "A rainha das Cidades ao Rei da Eloquência".

Os gregos estavam intoxicados com a palavra falada. Entre os gregos, se um homem sabia falar, sua fortuna estava feita. A Igreja crescia neste cenário; e não nos surpreende que este tipo de mestres a invadissem. A Igreja lhes dava uma nova área em que exercitar seus dons fictícios e ganhar um prestígio de ouro e seguidores bastante proveitosos. Na sociedade grega era inevitável que estes homens invadissem a Igreja.

AS CARACTERÍSTICAS DO FALSO MESTRE

1 Timóteo 6:3-5 (continuação)

Nesta passagem se estabelecem as características do falso mestre; e são características que não eram peculiares dos sofistas da época da Igreja primitiva; são gestos permanentes de um determinado tipo de mestre.

(1) Sua primeira característica é a vaidade. Sua primeira meta é luzir-se. Seu desejo não é apresentar a Cristo, mas sim a si mesmo. Ainda existem pregadores e mestres que estão mais preocupados em ganhar seguidores para si mesmos em lugar de fazê-lo para Jesus Cristo. Interessa-lhes mais gravar seus próprios pontos de vista nas pessoas que levar-lhes a palavra de Deus. Quando as pessoas se reúnem para adorar não lhes interessa ouvir o que qualquer pessoa pensa; estão desejosos de ouvir o que Deus diz. O grande pregador e mestre não é um fornecedor de suas próprias idéias; é um eco de Deus.

Numa conferência sobre seu velho mestre A. B. Bruce, W. N. Macgregor disse: "Um de nossos próprios pastores dos Highland nos relata como se surpreendeu ao ver a Bruce que várias vezes durante suas conferências tomava um pequeno pedaço de papel, olhava-o e

continuava. Um dia teve a oportunidade de ver o que continha este papel, e descobriu nele uma indicação das palavras: "Oh, envia Tua luz e Tua verdade", e assim deu-se conta com admiração de que o professor levava à sala-de-aula a majestade e a esperança da adoração".

O grande mestre não oferece aos homens a pobre chama de sua iluminação; oferece a luz e a verdade de Deus.

(2) O que lhe interessa são as especulações abstrusas e recônditas. Há um tipo de cristianismo que se interessa mais pelos argumentos que pela vida. Ser membro de um círculo de discussão, ou de um grupo de estudo bíblico e passar horas muito agradáveis discutindo doutrinas não o cristão faz necessariamente.

J. S. Whale em seu livro *Doutrina Cristã* tem certas críticas mordazes a respeito desse intelectualismo prazenteiro: "Temos o que Valentim disse de Turio: um tesouro de palavras e nada mais". Em lugar de tirar nossos os sapatos dos pés porque o lugar em que estamos é solo sagrado, tiramos belas fotografias da sarça ardente desde ângulos apropriados; falamos a respeito de teorias sobre a expiação com os pés sobre a chaminé em lugar de nos ajoelhar perante as feridas de Cristo".

Como disse Lutero: "Aquele que meramente estuda os mandamentos de Deus (*mandata Dei*) não é comovido grandemente. Mas aquele que escuta o que Deus manda (*Deum mandantem*), como pode deixar de sentir-se atemorizado perante tão grande majestade?"

Como assinalou Melâncton: "Conhecer Cristo não é especular a respeito do modo de sua encarnação, mas sim conhecer seus benefícios salvadores". Gregório de Nisa realizou uma descrição reveladora de Constantinopla de seus dias: "Constantinopla está cheia de mecânicos e escravos, que são todos teólogos profundos, que pregam nas tendas e nas ruas. Se pedir a alguém que te mude uma moeda de prata, informa-te a respeito de como o Filho difere do Pai; se perguntas o preço de um pão, respondem-te como réplica que o Filho é inferior ao Pai; e se inquirir a respeito de se está preparado o banho, a resposta é que o Filho surgiu do nada". A argumentação sutil, e a volubilidade das afirmações teológicas

não fazem o cristão. Esse tipo de estudos, de argumentação e de especulação bem podem ser uma forma de evitar o desafio da vida cristã.

(3) O falso mestre perturba a paz. É competitivo por instinto; suspeita de todos os que diferem dele; quando não pode ganhar uma discussão vê-se reduzido a lançar insultos contra a posição teológica de seu oponente, e até a seu caráter, durante qualquer discussão o acento de sua voz é amargo e não amoroso; e uma discussão sempre deriva para uma briga. O mestre falso nunca aprendeu o dever e o segredo de falar a verdade em amor. A fonte de sua amargura é a exaltação de si mesmo. Sua tendência é a de considerar as diferenças ou as críticas a suas idéias como insultos pessoais. Quando qualquer mestre dá lugar a uma atitude de amargura, era-lhe demonstrada sua falsidade além de suas idéias.

(4) O falso mestre comercializa a religião. Quer o lucro. Considera seu ensino e pregação não como uma vocação, mas sim como uma profissão. Está no negócio, não para servir a outros, senão para progredir ele mesmo. Uma coisa é certa: não há lugar para os profissionais no ministério de nenhuma Igreja. As Pastorais assinalam clara e francamente que o trabalhador merece seu pagamento; mas o motivo de toda sua tarefa deve ser o serviço público e não o lucro pessoal. Sua paixão não é a de obter, mas sim consumir-se e ser consumido no serviço de Cristo e de seus semelhantes.

A COROA DO CONTENTAMENTO

1 Timóteo 6:6-8

A palavra que se utiliza aqui para *contentamento* é *autarkeia*. *Autarkeia* era uma das senhas dos filósofos estóicos. Com ela queriam referir-se a uma auto-suficiência completa e total. Referiam-se a uma disposição mental completamente independente de todas as coisas exteriores e alheias, e tinham em si o segredo da felicidade. O contentamento nunca provém da possessão de objetos externos. Provém de uma atitude interna com relação à vida.

Na terceira parte do *Henrique VI*, Shakespeare descreve o rei errando por lugares campestres desconhecidos. Encontra-se com dois guarda-florestal e lhes diz que é um rei. Um deles lhe pergunta então onde está sua coroa. E o rei responde que sua coroa está em seu coração e não sobre sua cabeça, e que não está adornada de jóias, mas sim é invisível e se chama contentamento, uma coroa que raramente desfrutam os reis.

Faz muito tempo os velhos filósofos gregos tinham obtido o correto final do assunto. Epicuro disse de si mesmo: "Aquele para quem não é suficiente o pouco, nada é suficiente. Dêem-me uma torta de cevada e um copo de água e estou preparado para rivalizar com Zeus em sua felicidade". E quando alguém lhe perguntou pelo segredo da felicidade e do contentamento, sua resposta foi: "Não adicionem às posses do homem, mas sim diminuam seus desejos".

Os grandes homens sempre se contentaram com muito pouco. Um dos provérbios dos rabinos judeus era: "Quem é rico? Aquele que se contenta com sua sorte". Walter Lock cita a classe de preparação que recebia um rabino judeu e o tipo de vida que levava: "Este é o atalho da Lei. Comerás um bocado com sal, também beberás água com medida, e dormirás no chão e viverás uma vida de moléstia enquanto trabalhas na Lei. Se fizeres isto, serás feliz, e tudo irá bem contigo; serás feliz neste mundo e tudo irá bem contigo no mundo vindouro". O rabino tinha que aprender a contentar-se com o suficiente.

E. F. Brown cita uma passagem do grande pregador Lacordaire: "A rocha de nosso dia presente é que ninguém sabe viver com pouco. Os grandes homens da antigüidade eram em geral pobres... Sempre me pareceu que o cerceamento dos gastos inúteis, o deixar de lado o que se pode considerar relativamente necessário, é o caminho para a libertação cristã do coração, como foi para a do antigo vigor. A mente que aprendeu a apreciar a beleza moral da vida, tanto no que respeita a Deus como aos homens, não pode ser muito comovida por qualquer reverso externo da fortuna; e o que mais deseja nossa era é ver um homem, que

pode possuir tudo, mas que voluntariamente se conforma com pouco. De minha parte, humanamente falando, não desejo nada. Uma alma grande numa pequena casa é a idéia que me chegou mais que qualquer outra".

Não é que o cristianismo exija a pobreza. Não há nenhuma virtude especial em ser pobre, e nenhuma felicidade em ter uma luta constante para que o pressuposto seja suficiente. Mas exige duas coisas.

Exige que se tenha em conta que as coisas não têm o poder de brindar felicidade. E. K. Simpson diz: "Muitos milionários depois de afogar sua alma com pó dourado, morreram de melancolia". A felicidade sempre provém das relações pessoais. Todas as coisas do mundo não podem fazer feliz o homem se este não conhecer a amizade nem o amor. Todas as coisas do mundo jamais apagarão a solidão. O cristão sabe que o segredo da felicidade radica, não nas coisas, mas nas pessoas.

Exige a concentração nas coisas permanentes, as coisas que o homem pode levar consigo no final quando morrer. Não trouxemos nada ao mundo, e é evidente que tampouco podemos levar nada dele. Os homens sábios de todas as épocas e crenças souberam disso. Sêneca disse: "Não podes levar do mundo mais do que trouxeste a ele". O poeta da antologia grega assinalou: "Nu pus meu pé sobre a terra; nu irei sob ela". Como diz o provérbio espanhol: "A mortalha não tem bolsos".

E. K. Simpson comenta: "Qualquer coisa que o homem acumule em seu caminho é parte de sua bagagem, não de sua verdadeira personalidade, mas sim algo que deve deixar atrás ao passar o posto de pedágio da morte". O homem só pode levar duas coisas a Deus. Pode levar-se a si mesmo, e deve fazê-lo; e portanto a grande tarefa da vida é edificar um ser, um caráter, um coração e uma alma que possam apresentar-se a Deus sem timidez. Pode levar, e deve fazê-lo, a relação com Deus a qual já entrou nos dias de sua vida. Já vimos que o segredo da felicidade descansa nas relações pessoais, e que a maior de todas elas é a relação com Deus. E o maior que um homem pode levar consigo é a convicção totalmente segura de que se dirige a Alguém que é o amigo e amante de sua alma.

O contentamento chega quando escapamos da servidão das coisas, quando achamos nossa riqueza no amor, na amizade e na fraternidade com os homens, e quando nos damos conta de que nossa possessão mais preciosa é nossa amizade com Deus, que só é possível através de Jesus Cristo.

O PERIGO DO AMOR AO DINHEIRO

1 Timóteo 6:9-10

Este é um das passagens mais citadas e mais erroneamente interpretados que há na Bíblia. A Escritura não diz que o *dinheiro* é a raiz do mal; diz que o *amor do dinheiro* [BJ e NVI: *amor ao dinheiro*] é a raiz do mal. Esta é uma verdade da qual os grandes pensadores clássicos estavam tão conscientes como os mestres cristãos. Demócrito disse: "O amor ao dinheiro é a metrópole de todos os males". Sêneca fala de: "O desejo daquilo que não nos pertence, do qual surge todo o mal da mente". "O amor ao dinheiro", disse Focilides, "é a mãe de todos os males". Filo falou de "O amor ao dinheiro que é o ponto de partida da maior transgressão da lei". Ateneu cita um provérbio: "O prazer do ventre é o começo e a raiz de todo mal".

O dinheiro em si mesmo não é nem bom nem mau; simplesmente é perigoso porque o amor ao mesmo pode ser mau. Com o dinheiro pode-se fazer muito bem; com ele também pode-se fazer muito mal. Com dinheiro podem-se satisfazer egoisticamente os próprios desejos; e com ele pode-se responder generosamente ao clamor do próximo necessitado. Com dinheiro pode-se comprar o caminho para as coisas proibidas e facilitar o atalho ao mal; com ele pode ser mais fácil para alguém viver como Deus quer que se viva. O dinheiro não é mau, mas é uma grande responsabilidade. O dinheiro outorga poder, e o poder tem um duplo sentido, porque se pode ser poderoso para bem e para mal. Quais são então os perigos especiais envoltos no amor ao dinheiro?

(1) O desejo de dinheiro tende a ser uma sede insaciável. Um provérbio romano dizia que a riqueza era como a água de mar: à medida que mais se toma, em lugar de acalmar a sede, deseja-se beber mais. O estranho da riqueza é que pareceria não chegar nunca o momento em que se pode dizer: Basta! Sempre somos arrastados pelo desejo de um pouco mais.

(2) O desejo de riquezas está baseado numa ilusão. Basicamente o desejo de riquezas está fundamentado em duas coisas. Em primeiro lugar está no desejo de segurança; e, em segundo lugar, quando se crê ter chegado a um mínimo de segurança, o desejo de obter mais riquezas está fundamentado no desejo de comodidades e luxos. Mas a riqueza não pode comprar a segurança. Não pode comprar as coisas mais importantes. Não pode comprar a saúde; não pode comprar o verdadeiro amor. Não preserva da tristeza e da morte. A segurança fundamentada em coisas materiais está condenada ao fracasso e a ruína. Tal segurança está fundada sobre a areia.

(3) O desejo de obter dinheiro tende a tornar o homem egoísta. Estimula o espírito competitivo. Se alguém é miserável pelo desejo de riqueza não será nada para ele que alguém tenha que permanecer pobre para que ele possa acumular mais. O desejo de riqueza fixa os pensamentos do homem em si mesmo, e outros se convertem em meros meios ou obstáculos no caminho para o seu enriquecimento. É muito certo que isto *não teria* que acontecer; mas também é muito certo que em realidade *acontece*.

(4) O estranho é que o desejo de riqueza está baseado no desejo de segurança, mas termina por causar só preocupações e ansiedades. Quanto mais se tenha que guardar, mais se terá para perder. E, se se tiverem grandes posses, a tendência será a de sentir-se acossado pelo risco das perder. Há uma velha fábula a respeito de um camponês que rendeu um grande serviço a um rei. O rei o premiou dando-lhe uma grande soma de dinheiro. Por um tempo o homem se sentiu maravilhado, mas chegou o dia em que voltou a ver o rei e lhe pediu que recebesse sua retribuição

de volta, porque em sua vida tinha entrado a preocupação, até então desconhecida, de perder o que tinha. O homem que menos tem, perderá menos; o homem que mais tem se sentirá açoitado pelo temor de perder o que tem.

(5) O amor ao dinheiro facilmente pode levar a homem a formas equivocadas de obtê-lo, e portanto levá-lo finalmente à dor, ao pesar e ao remorso. Isto é certo até fisicamente. Em sua paixão por obter pode levar seu corpo à ruína de sua saúde e fazer de sua velhice um cansaço em lugar de um descanso. Poderá descobrir muito tarde o dano que seu desejo tem feito a outros, e sentir-se carregado pelo remorso das coisas que não realizou e das conseqüências que não podem reverter-se.

É um dever cristão tentar ser independente, poder pagar as dívidas, prover uma casa, um lar e oportunidades para a família, provendo prudentemente para o futuro; mas avaliar tudo em termos de dinheiro, fazer com que o amor ao dinheiro seja a força principal de nossas vidas, nunca pode ser mais que o mais perigoso dos pecados.

DESAFIO A TIMÓTEO

1 Timóteo 6:11-16

De modo que, a Carta chega a seu fim com um tremendo desafio a Timóteo, um desafio tão maior e tão mais solene devido à deliberada nobreza sonora das palavras com as que está revestido.

No próprio começo Timóteo é desafiado e estimulado. É chamado de *homem de Deus*. Este é um dos grandes títulos do Antigo Testamento. Foi dado a Moisés. Deuteronômio 33:1 fala de Moisés, o varão de Deus. O título do Salmo 90 é: "Oração de Moisés, varão de Deus". Pertence também aos profetas e aos mensageiros de Deus. O mensageiro de Deus a Elias é um varão de Deus (1 Samuel 2:27). Samuel é descrito como um varão de Deus (1 Samuel 9:6). Semaías o mensageiro de Deus a Roboão, era um varão de Deus (1 Reis 12: 22).

João Bunyan em *O Peregrino* chama a grande Graça "O campeão de Deus". Este é o título de honra. Quando se desafia a Timóteo, não se lembra a ele sua própria fraqueza, fragilidade, insuficiência e pecado; isto poderia tê-lo reduzido a uma perda pessimista da esperança. É desafiado por sua honra, pela honra de ser um varão de Deus. A maneira cristã não é a de deprimir a uma pessoa, marcando-a como perdida e pecadora impotente, mas sim animá-la ordenando-a para ser que seja o que é dentro de si mesmo. A maneira cristã não é a de lançar na cara da pessoa seu passado humilhante, mas sim pôr diante dela o esplendor de seu futuro potencial. O próprio fato de que se considerasse Timóteo "varão de Deus" isso o faria quadrar-se e levantar a cabeça como quem recebeu uma missão do Rei.

As virtudes e as nobres qualidades postas perante Timóteo não estão simplesmente amontoadas por acaso. Há uma ordem nelas.

Primeiro figura a *justiça*. A *justiça*, *dikaiousune* se define como "dar a Deus e aos homens o que lhes corresponde". A justiça é a virtude mais pormenorizada e inclusiva. O homem justo é aquele que leva a cabo seu dever para com Deus e para com seus semelhantes.

Segundo, menciona-se um grupo de três virtudes que têm relação com Deus. A *piedade*, *eusebeia*, é a reverência do homem que através de toda sua vida nunca cessa de ter em conta que ela deve ser vivida na presença de Deus. A *fé*, *pistis*, aqui significa fidelidade, e é a virtude do homem que, através de todas as oportunidades e mudanças da vida, até diante das portas da morte, é fiel a Deus. O *amor ágape*, é a virtude do homem que, ainda que o quisesse, não pode esquecer-se do que Deus tem feito por ele, e não pode esquecer do amor do coração de Deus para com os homens.

Terceiro, menciona-se uma virtude que faz à conduta da vida. Trata-se de *hupomone*, que se traduz por *paciência*. Mas *hupomone* nunca significa o espírito que se sinta com as mãos cruzadas e simplesmente suporta as coisas, deixando que as experiências da vida fluam como uma corrente sobre ele. *Hupomone* é a resistência vitoriosa,

a perseverança masculina sob a prova. "É a firme perseverança na fé e na piedade apesar da adversidade e do sofrimento. *Hupomone* é a virtude que nem tanto aceita as experiências da vida, como as conquista. *Hupomone* é uma virtude que apesar de tudo vence ao mundo.

Em quarto lugar, figura a virtude que tem que ver com os homens. A palavra grega é *paupatheia*, traduzida *mansidão*. É uma dessas palavras impossíveis de traduzir. Descreve à pessoa que nunca se zanga com seus próprios erros, mas que pode zangar-se tremendamente com os erros de outros. Descreve o espírito que sabe perdoar e não obstante sabe livrar a batalha da justiça. Descreve o espírito que anda ao mesmo tempo em humildade e com o orgulho do alto chamado de Deus. Descreve a virtude pela qual o homem num só momento lembra a vergonha de ser um pecador e a glória de ser filho de Deus. Descreve a virtude pela qual em todo momento o homem vê-se capacitado a tratar corretamente com seus semelhantes, e considerar-se a si mesmo com justiça.

LEMBRANÇAS QUE INSPIRAM

1 Timóteo 6:11-16 (continuação)

Ao ser desafiado para o trabalho e a missão do futuro, Timóteo é inspirado pelas lembranças do passado.

(1) Lembra-lhe seu batismo e os votos que fez na ocasião. Devemos lembrar que nas circunstâncias da Igreja primitiva o batismo era natural e inevitavelmente um batismo de adultos, devido ao fato de que os homens passavam diretamente do paganismo a Cristo. O batismo era uma confissão de fé e um testemunho a todos de que se tinha tomado a Jesus Cristo como Salvador, Mestre e Senhor. A mais primitiva de todas as confissões cristãs é o simples credo: "Jesus Cristo é o Senhor" (Romanos 10:9; Filipenses 2:11). Mas sugeriu-se que atrás destas palavras a Timóteo, há uma confissão de fé que dizia: "Creio no Senhor Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo que sofreu sob Pôncio Pilatos e que voltará a julgar; creio na ressurreição dos

mortos e na vida imortal". Pode ter havido um credo semelhante a este, ao qual Timóteo prestasse sua lealdade. Assim, pois, em primeiro lugar, é-lhe lembrado que ele é alguém que fez uma promessa. O cristão em primeiro lugar e acima de tudo se prometeu a si mesmo a Jesus Cristo.

(2) Deve lembrar que fez a mesma confissão de fé que fez Jesus. Quando Jesus esteve perante Pilatos, Pilatos disse: "És tu o Rei dos judeus?", Jesus respondeu: "Tu o dizes" (Lucas 23:3). Jesus tinha dado testemunho de que Ele era um Rei; e Timóteo sempre tinha sido testemunha do senhorio de Cristo. Quando um cristão confessa sua fé, realiza o que seu Mestre já fez; quando um cristão sofre por sua fé, suporta o que seu Mestre já suportou. Quando nos comprometemos em alguma grande empresa, podemos dizer: "Irmãos, estamos caminhando por onde caminharam os santos", mas quando confessamos nossa fé perante os homens, podemos dizer ainda mais; podemos dizer: "Estou com Cristo"; e com segurança tal pensamento animará nossos corações e inspirará nossas vidas.

(3) Deve lembrar que Cristo virá outra vez. Deve lembrar que a vida e o trabalho devem ser necessariamente feitos bem para que Cristo os veja. O cristão não trabalha para satisfazer aos homens; ele o faz para satisfazer a Cristo. O cristão deve tomar todas as tarefas que faça e as oferecer, não aos homens, mas sim a Cristo. A pergunta que deve fazer-se sempre não é: "Merece isto a aprovação dos homens?" mas sim: "Merece a aprovação de Jesus Cristo?"

(4) E sobre todas as coisas deve lembrar a Deus. E que lembrança é este! Deve lembrar a Aquele que é Rei dos reis e Senhor de senhores; a Aquele que possui o dom da vida eterna para ser entregue aos homens; Aquele cuja divindade e majestade são tais que ninguém se atreveria às olhar. O cristão deve lembrar sempre a Deus, e logo dizer: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?"

CONSELHO AOS RICOS**1 Timóteo 6:17-19**

Algumas vezes pensamos que a Igreja primitiva estava composta em sua totalidade por gente pobre e escravos. Aqui vemos que já bem no começo a Igreja tinha membros ricos. Não os condena por serem ricos; não se lhes diz que distribuam toda sua riqueza. Diz-lhes o que não devem fazer e o que devem fazer com elas.

Suas riquezas não devem orgulhá-los. Por ter mais dinheiro que outros não devem considerar-se melhores que outros. Não há nada no mundo que dê ao homem direito a desprezar a outro, e muito menos a possessão de riquezas. Não devem pôr seus esperança na riqueza. Com as oportunidades e as mudanças da vida se poderá ser rico hoje e pobre amanhã; e é uma insensatez pôr as esperanças em algo que se pode perder facilmente.

Diz-lhes que devem usar suas riquezas para fazer o bem; que devem estar sempre preparados para compartilhar; e que devem lembrar que um cristão é essencialmente uma pessoa membro de uma comunidade. E lhes diz que essa utilização sábia de sua riqueza construirá para eles um bom fundamento no mundo vindouro. Como alguém disse: "Perdi o que guardei; tenho o que dei".

Há uma famosa história judia rabínica. Havia um homem chamado Monobaz que tinha herdado uma grande fortuna, mas era um homem bom, amável e generoso. Na temporada de seca deu todas as suas riquezas para ajudar os pobres. Seus irmãos se chegaram a ele e lhe disseram: "Seus pais entesouraram, e aumentaram o tesouro que tinham herdado de seus pais, e você vai esbanjar tudo?" Ele respondeu: "Meus pais acumularam a riqueza abaixo; eu a acumulei acima. Meus pais acumularam riquezas de Mamom; eu acumulei riqueza de almas. Meus pais acumularam riquezas deste mundo; eu acumulei riquezas para o mundo por vir".

Toda vez que pudemos dar e não demos, diminuí a riqueza acumulada para nós no mundo vindouro; toda vez que demos do que tínhamos, incrementamos as riquezas acumuladas para nós quando esta vida chegar a um fim.

Tudo o ensino da ética cristã, não é que a riqueza é um pecado, mas sim a riqueza é uma grande responsabilidade. Se as riquezas de um homem não servem mais que para seu próprio orgulho e não enriquecem a ninguém mais que a si mesmo, a riqueza se converte em sua ruína, devido ao fato de que empobreceu sua alma. Mas, se o homem utilizar sua riqueza para ajudar e confortar a outros, ao empobrecer-se, se enriquecerá. No tempo e na eternidade: "é mais bem-aventurado dar que receber".

UMA FÉ PARA SER GUARDADA

1 Timóteo 6:20-21

Bem pode ser que nesta passagem o nome *Timóteo* se use com toda sua conotação. O nome Timóteo provém de duas palavras, *timan*, honrar, e *theos*, Deus. Significa então *aquele que honra a Deus*. Bem pode ser que esta passagem que conclui a Carta comece lembrando a Timóteo seu nome, e insistindo-o a ser fiel a ele.

Esta passagem fala da *confiança* que se depositou nele. A palavra grega para *confiança* é *paratheke*, que significa literalmente *depósito*. Era a palavra que descrevia o dinheiro depositado num banco ou com um amigo. Quando se pedia que se devolvesse esse dinheiro era um dever sagrado entregá-lo completo, em sua totalidade e sem dano. Algumas vezes no grego, chama-se os meninos *paratheke*, um depósito sagrado. Se os deuses davam um filho a um homem, era seu dever o de apresentar esse filho perante os deuses instruído, disciplinado e equipado. A fé cristã é igual. A fé cristã é algo que recebemos de nossos antepassados, e algo que devemos transmitir a nossos filhos.

E. F. Brown cita uma famosa passagem de São Vicente do Lerins: "O que quer dizer *depósito*? (*paratheke*). Aquilo que te é entregue, não aquilo que foi inventado por ti; aquilo que recebeste, não aquilo que tu criaste; uma coisa que não provém da sagacidade, mas sim do conhecimento; não uma presunção privada, mas sim uma tradição pública; uma coisa que foi entregue e não obtida de ti; pelo qual tu não deves ser autor mas sim guardador; não líder, mas sim seguidor. Guarda o depósito. Preserva o talento da fé católica a salvo e completo; permite que aquilo que te foi confiado permaneça contigo, e dá-o. Recebeste ouro, deves devolver ouro".

A pessoa fará bem em lembrar que seu dever não é só consigo mesmo, mas também para com seus filhos e os filhos de seus filhos. Se em nossos dias a Igreja se debilitasse e fraquejasse; se em nossos dias a ética cristã fosse cada vez mais inundada pelo mundo; se a fé cristã fosse torcida e tergiversada, não só seríamos nós os que perderíamos; também roubaria às gerações por vir algo imensamente precioso. Não somos somente os possuidores, somos também os guardiães da fé. Devemos entregar aquilo que recebemos.

Finalmente as Pastorais condenam àqueles que se deram às "contradições de uma falsa ciência" [BJ]

Em primeiro lugar devemos ter em conta que nesta passagem a palavra *ciência* é empregada em seu sentido original; simplesmente significa, *conhecimento* (*gnosis*), e não tem nada que ver com o conhecimento científico tal como conhecido em nossos dias. O que se condena é o falso intelectualismo, e a falsa ênfase no conhecimento humano.

Mas o que quer dizer com *contradições*? A palavra grega é *antitheseis*. Muito mais tarde que isto existiu um herege chamado Marcion que produziu um livro intitulado *A Antítese* em que citava textos do Antigo Testamento e punha junto a eles textos do Novo Testamento que os contradiziam. Isto pode significar: "Não percam o

tempo buscando contradições na Escritura. Usem as Escrituras para viver por elas e não para argumentar".

Mas há dois significados mais prováveis que este.

(1) A palavra *antitheseis* pode significar *controvérsia*; e isto poderia significar: "Evitem as controvérsias; não se mesquem em argumentos e diferenças inúteis e encarniçadas". Este era um conselho de grande importância para uma congregação grega em Éfeso. Os gregos tinham paixão por recorrer à lei. Uma de seus maiores entretenimentos estava nos tribunais. Os gregos eram capazes de levar perante a justiça a seus próprios irmãos, pelo mero prazer de fazê-lo. Nasciam litigantes. Isto bem pode significar: "Não façam da Igreja um campo de batalha de argumentos e debates teológicos. O cristianismo não é algo para ser discutido, mas algo para ser vivido".

(2) A palavra *antitheseis* pode significar *tese rival*. Este é o significado mais provável, porque quadra de igual maneira a judeus e gentios. Os escolásticos em dias posteriores estavam acostumados a discutir sobre questões como as seguintes: "Quantos anjos podem ficar de pé na ponta de uma agulha?" Os rabinos judeus podiam discutir horas, dias até sobre pontos nimios da Lei. Balançavam entre si argumentos, teorias e interpretações. Os gregos faziam o mesmo, só que de uma maneira ainda mais séria.

Havia uma escola de filósofos gregos, de grande influência chamada a Academia. Os acadêmicos sustentavam que em tudo o que pertencesse ao reino do pensamento humano, por meio de argumentos lógicos podia-se chegar precisamente a conclusões opostas. Portanto sustentavam que não existe neste mundo uma verdade absoluta e precisa; que tudo o que existe é duas hipóteses de igual peso e força. Logo continuavam argumentando que visto que isto era assim, o homem sábio não devia decidir-se por nada, mas sim devia manter-se sempre num estado de juízo suspenso. É óbvio que o efeito disto é o de paralisar toda idéia e reduzir os homens para sempre a um estado de completa incerteza a respeito da verdade. Assim, pois, Paulo diz a Timóteo: "Não percas

tempo em uma 'esgrima dialética'. Não sejas muito sagaz para ser sábio. Escuta, antes, a voz unívoca dos mandamentos de Deus em lugar das discussões sutis das mentes muito sagazes".

E assim a Carta chega a seu final com uma advertência que também a nossa própria geração necessita. O argumento sagaz jamais pode ser um substituto da ação cristã. O dever de um cristão não é o de sentar-se na solidão de um estudo e pesar os argumentos; é viver uma vida cristã no pó e no calor do mundo. No final o que importa não é a sagacidade intelectual, mas sim o caráter e a conduta.

E então chega a bênção final: "A graça seja contigo". A Carta finaliza com a beleza da graça de Deus.